



A IRMANDADE DA ROSA
LIVRO 2

O CONDE
Arrependiado

CARLA DE SÁ





A IRMANDADE DA ROSA
LIVRO 2

O CONDE
Arrependiado

CARLA DE SÁ

CARLA DE SÁ

A IRMANDADE DA ROSA
LIVRO 2

O CONDE
Arrependiado

1ª Edição
2019

Copyright ©2019 por Carla de Sá

Revisão: Zéfira Maia

Capa: Ellen Scofield

Fotos: Pixabay.

Pintura: Scene sur Les Champs-Elysees
e Une Soiree – Jean Béraud

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer
semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

A reprodução das publicações sem a devida
autorização da Autora constitui crime de violação de direito
autoral previsto no Código Penal brasileiro.

Plágio é crime (artigo 184 do Código Penal) (Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem os represente... Pena - reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa).

Carla de Sá

E-mail: carla.de.sa.autora@gmail.com

Site: <https://cspribeiro777.wixsite.com/carladesa-escritora>

Agradecimentos

À Glaydes Suaiden e Nilceia Fernandes por serem as leitoras mais carinhosas que já tive até hoje, obrigada pela orverdose de fofura.

Aos Blogs Literários pelo carinho e apoio, meu mais profundo agradecimento.

Às minhas queridas leitoras que se deixaram seduzir pela Irmandade ou se apaixonaram por um

francês sonhador e romântico.

À incrível “A Modista do Desterro” pela inspiração e ajuda providencial.

À Alexander, por me ensinar que a pior deficiência não é a falta de um membro e sim a falta de amor.

À Sebastian que me mostrou ser possível manter a cabeça fria mesmo nos piores momentos.

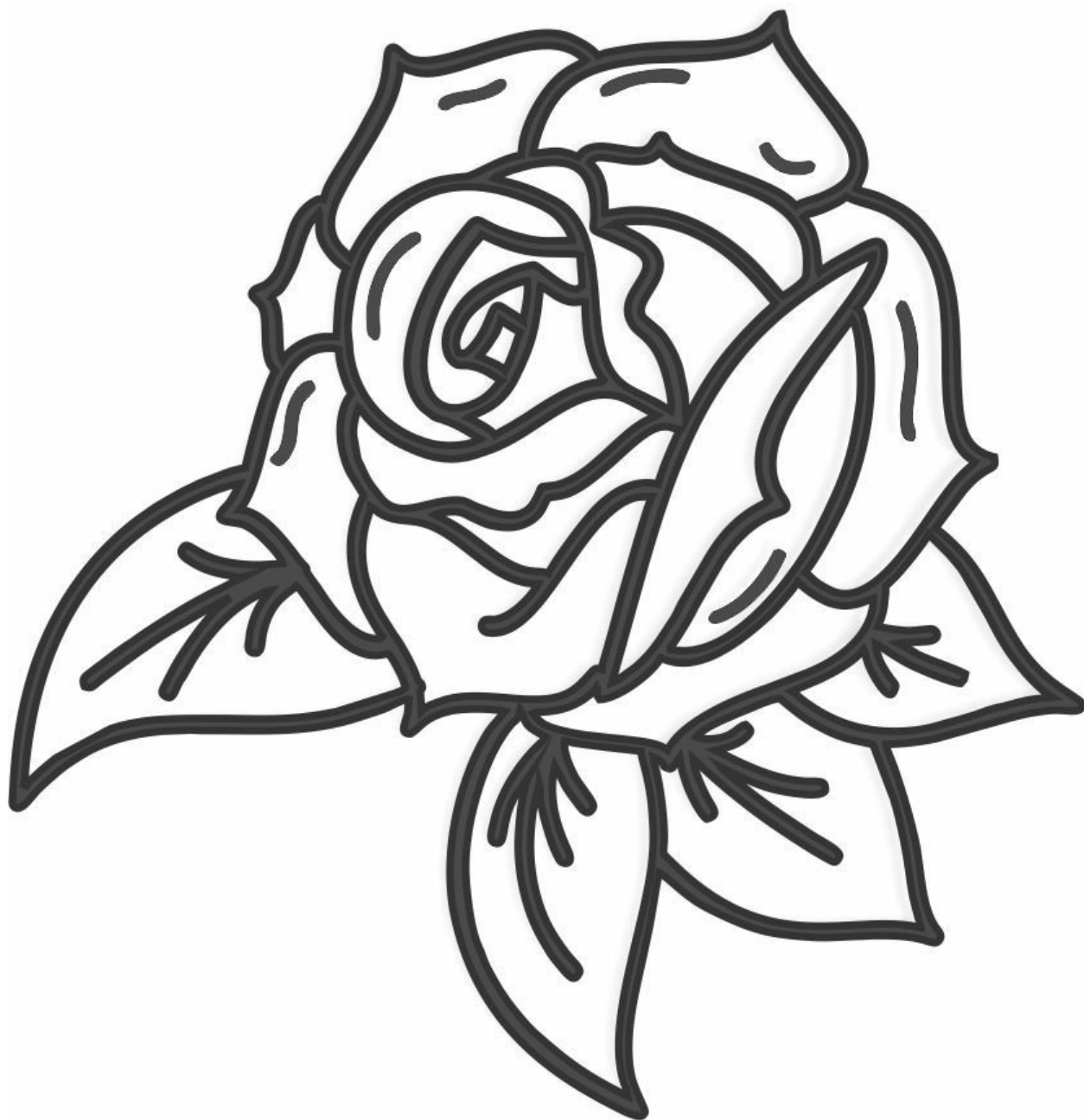
À Cameron que me instruiu que rir ainda é o melhor dos remédios.

À Jean Claude que me fez ver que a vida não é perfeita, quanto mais um Conto de Fadas; que muitas vezes as coisas não acabam do jeito que queremos, mas que nem por isso devemos esquecer que as rosas continuam lindas, apesar dos espinhos.

*Este livro é uma carinhosa homenagem à “Pigmaleão”
Peça teatral escrita em 1913 por George Bernard Shaw.*

*E é dedicado a cada uma de vocês,
minhas amigas e queridas leitoras.*





Prólogo

*Londres, pós-baile début de Jane em Little France,
mansão do Conde de Trevand, 1879.*

No andar de cima, Jane insone pelo excitamento do dia, resolveu levantar-se. Talvez um pouco de leite quente a ajudasse a conciliar o sono. Seu estado de espírito flutuava entre o ânimo das descobertas de um mundo oposto ao seu e o desânimo pelo frio tratamento por parte de seu protetor. Os dois evitavam-se desde aquele beijo, ele fugia dela como se ela portasse a Peste; isso doía, queria muito ter dançado com ele mais vezes além da obrigatória dança de abertura onde Andree a tratou como uma total estranha. Seu coração magoado ponderou a possibilidade de procurá-lo para saber a razão de tal comportamento, mas quando o fez, ele havia sumido.

Levantou-se pegando um xale, uma vela e desceu. Ao chegar à base da escadaria, um barulho de vidro quebrando chamou sua atenção. Decidida a flagrar o ladrão, seguiu até a origem do som e encontrou quem tanto queria no escritório.

— Andree! — Entrou mantendo-se nas sombras.

— Vá embora! — Gemeu. — Você é somente fruto da minha imaginação doentia.

— Não... Sou eu, a Jane. — Aproximou-se da lareira.

Andree mirou-a boquiaberto. A garota simplesmente não fazia ideia do que acontecia naquele momento?! Não passou por sua cabeça que a maldita camisola que vestia não escondia nada em contraste com as chamas da lareira?

— Oh, *mon Dieu*! — Gemeu baixando a cabeça.

— Está sentindo alguma coisa? Quer que eu veja se tem algo errado com você?

Ele desviou os olhos dela para seu próprio corpo e voltou a gemer. Sim, havia algo de errado com ele e que ficava cada vez mais errado conforme a olhava.

— *Non! Non* se aproxime! — Ergueu a mão para detê-la.

— Por que me odeia tanto? O que eu fiz de errado? — Começou a chorar. — Não aprendi tudo que me ensinou? Não me comportei como queria? — Limpou as lágrimas com a ponta do xale.

— Pare de chorar, mulher!

O volume dos soluços aumentou.

— Por Deus, Jane... — Ergueu-se, pouco ligando se ela notaria ou não sua excitação, adiantou-se puxando-a para si, abraçando-a ternamente. — Você aprendeu tudo com louvor e comportou-se como uma verdadeira dama, *ma chère*. Não fez nada de errado e eu não a odeio. — Limpou suas lágrimas.

— Então por que me trata de maneira estúpida? — Soluçou enterrando o rosto no colete dele.

Andree ergueu-lhe o queixo até seus olhos se encontrarem.

— Porque quero poupá-la de sofrer, *ma chérie*. Você merece um homem honrado e normal.

— Mas você é honrado e normal! E bom, e amigo, e bonito, e... — Não completou.

Ele a calou com um único e casto beijo.

Ela tremeu em seus braços.

Ele a afastou um pouco.

— Por que me beijou? — Sussurrou tocando os próprios lábios.

— Porque eu precisava muito beijá-la novamente.

— Por quê?

— Porque essa é a nossa despedida, *ma petite* Jane.

— Quer que eu volte para as ruas?! Quer que eu seja feliz longe de você? — Encarou-o.

Andree a estreitou com mais força.

Ela gemeu.

— Jane, você tem dinheiro suficiente agora para não precisar mais vender flores pelo resto de sua vida. Você tem nossa amizade e apoio. Abra uma loja de flores, case, tenha filhos, seja feliz. — Acarinhou seu rosto.

— Mas e você?

— Eu mereço o inferno para onde todos os dissolutos fatalmente vão.

— Não! Você é um bom homem, apesar de ser francês e idiota.

Ele sorriu.

— E você é uma boa mulher, apesar de ser teimosa como uma mula! — Beijou a ponta de seu nariz.

— Jean?

Ele arfou pelo uso do nome.

— Sim?

— Por que me beijou?

— Porque eu precisava, já disse...

— Quero a razão... a verdadeira.

— Não vale a pena saber.

— Diga.

— Não vale a pena, Jane.

— Fiz tudo que quis; você me deve isso! — resmungou.

Ele suspirou.

— Eu amo você — declarou em voz rouca e afastou-a totalmente, seguindo para a lareira. — Satisfeita? Acho que me apaixonei na hora que peguei seu patético chapéu na pista de Rotten Row, aquele com um imenso girassol pendurado. Só que você merece uma pessoa melhor. Então melhor que vá embora e esqueça o que acabou de ouvir. — Gesticulou derrotado. — Seja feliz, *ma belle*.

Rezou para que ela saísse, que deixasse o cômodo, a casa, sua vida pelo bem dela e da sua sanidade, mas ao invés de vê-la sair correndo, ela veio em sua direção procurando pelo abrigo de seus braços.

— Mulher tola! — gemeu.

— Francês estúpido! — rebateu.

Ele distribuiu pequenos beijos por onde podia, arrancando uma risadinha dela.

— Amo você, Jane Boring.

— Amo você, Jean Claude, mesmo sendo um mulherengo idiota e trocando meu sobrenome por uma piadinha sem graça.

Foi beijada. Primeiro, um mero contato, como se ele temesse sua reação. Então, para mostrar que seus sentimentos eram recíprocos, embrenhou os dedos nos cabelos acima, colando seu corpo no dele. Automaticamente o beijo mudou de casto para devasso.

Andree invadiu sua boca com a fome do desejo acumulado, provocando nela sensações que nunca sentira antes em sua vida.

— Jane... — sussurrou em seu ouvido, mordiscando o lóbulo de sua orelha. — Preciso tanto de você, *ma chérie*... — gemeu, pressionando seu corpo para que ela entendesse o peso de suas palavras.

— Tipo homem e mulher? — perguntou entre seus lábios.

— Tipo homem e mulher — respondeu com um sorriso.

— Ah... — Jogou a cabeça para trás, liberando acesso ao pescoço.

— *Non* alimente um fogo que sabe *non* poderá manter, mulher. Isso é uma tortura para mim. — Deslizou os lábios da garganta até o limite dos seios quase desnudos quando os botões da camisola foram discretamente abertos.

— Quero mais... — gemeu.

— Decididamente você não sabe o que está pedindo. — Correu as mãos pela lateral do corpo macio, tocando levemente os seios e engoliu o gemido dela em sua boca.

— Quero mais. — Voltou a pedir.

— Jane, por favor...

— Mais, Jean... — Puxou-o para perto, seus dedos trêmulos lutando contra os botões do colete dele.

— Ah, Jane... — Pegou-a no colo e riu com o gritinho surpreso. — *Non* aqui, *mon amour*. — Subiu, cambaleante, as escadas, quase caindo devido aos efeitos do álcool consumido.

Jane viu-se no próprio quarto quando foi pousada delicadamente no chão, enquanto Jean Claude trancava a porta. Retornou, despiu-a como se retirando as pétalas da própria rosa que costumava distribuir; deitou-a suavemente sobre os lençóis e despiu-se.

Andree foi extremamente cuidadoso, quase reverente. Conduziu-a até onde a queria e quando sentiu que estava pronta, a fez sua mulher, levando ambos a um êxtase que ele nunca experimentara em anos de libertinagem desenfreada. Por fim, dormiram abraçados, felizes e satisfeitos, ao som da chuva nas janelas.

O dia mal amanhecera, coberto por nuvens carregadas e friorentas, quando Jean Claude acordou com Jane dormindo enroscada dele.

O pânico dominou-o por completo. Sacudiu a garota, esfregando seus olhos no intuito de acordar deste sonho desvairado.

— Jane!

— Bom dia, Jean... — Espreguiçou-se languidamente.

— O que eu estou fazendo aqui?! — perguntou mirando o próprio corpo nu, depois o dela.

— Não se lembra? — Jane sorriu. — Você confessou que me amava e nós... foi maravilhoso, Jean! Estou tão feliz!

- *Non, non, non, non, non, non, non!* — Agitou os braços em desespero. — Erro, erro, erro! *Non* era para ter acontecido! Foi errado! Oh, *mon Dieu!* Tudo errado!

— O... quê? — Ela gaguejou.

— Eu não queria, *merde!* Não queria fazer isso, não com você! — gemeu.

— Se... arrependeu? — balbuciou.

— *Non*, sim, *non...* eu *non* sei! — Esfregou os cabelos. — Preciso me vestir... — Catou a roupa e abriu a porta. — Preciso pensar, preciso de um tempo sozinho — declarou e sem olhar para trás, se foi.

Jane encolheu-se chorosa. Sua criada de quarto chegou, ajudou-a vestir-se e logo após, desceu correndo carregando consigo todo o dinheiro que tinha em uma pequena bolsa escondida no vestido mais simples que tinha.

Andree vestiu-se pensativo. O choque inicial passara, ele precisava conversar seriamente com Jane. Seguiu direto para seu quarto, esbarrando com a criada que retirava o lençol manchado. Seus olhos pousaram na prova do crime cometido, depois vagaram pelo cômodo à procura de sua vítima.

— Onde está Jane?

— Bom dia, milorde. A senhorita desceu apressada. — A criada evitou o olhar surpreso adiante.

— Obrigado. — Desceu correndo e encontrou Cameron apreensivo.

— Brigou com Jane?! — perguntou retirando as luvas.

— Bom dia para você também.

— Brigou com Jane, Andree?

— Por quê?

— Porque ela passou por mim como se tivesse com o próprio demônio em seu encalço, chorando horrores e saiu nesse clima miserável, sem qualquer abrigo, antes mesmo que eu tivesse tempo para detê-la. Brigou com Jane?

Andree baixou a cabeça e balançou-a negativamente.

— Não acredito... — ofegou. — Como pôde?! Como teve coragem, seu... *mac soith!* [\[1\]](#) — Socou o amigo e dirigiu-se para a porta. — Espero achá-la, Andree e quando o fizer, você nunca mais porá os olhos nela, por minha honra! — Empurrou o mordomo e saiu batendo a porta.

— Prepare a carruagem, Marceau e avise Sebastian que Jane desapareceu.

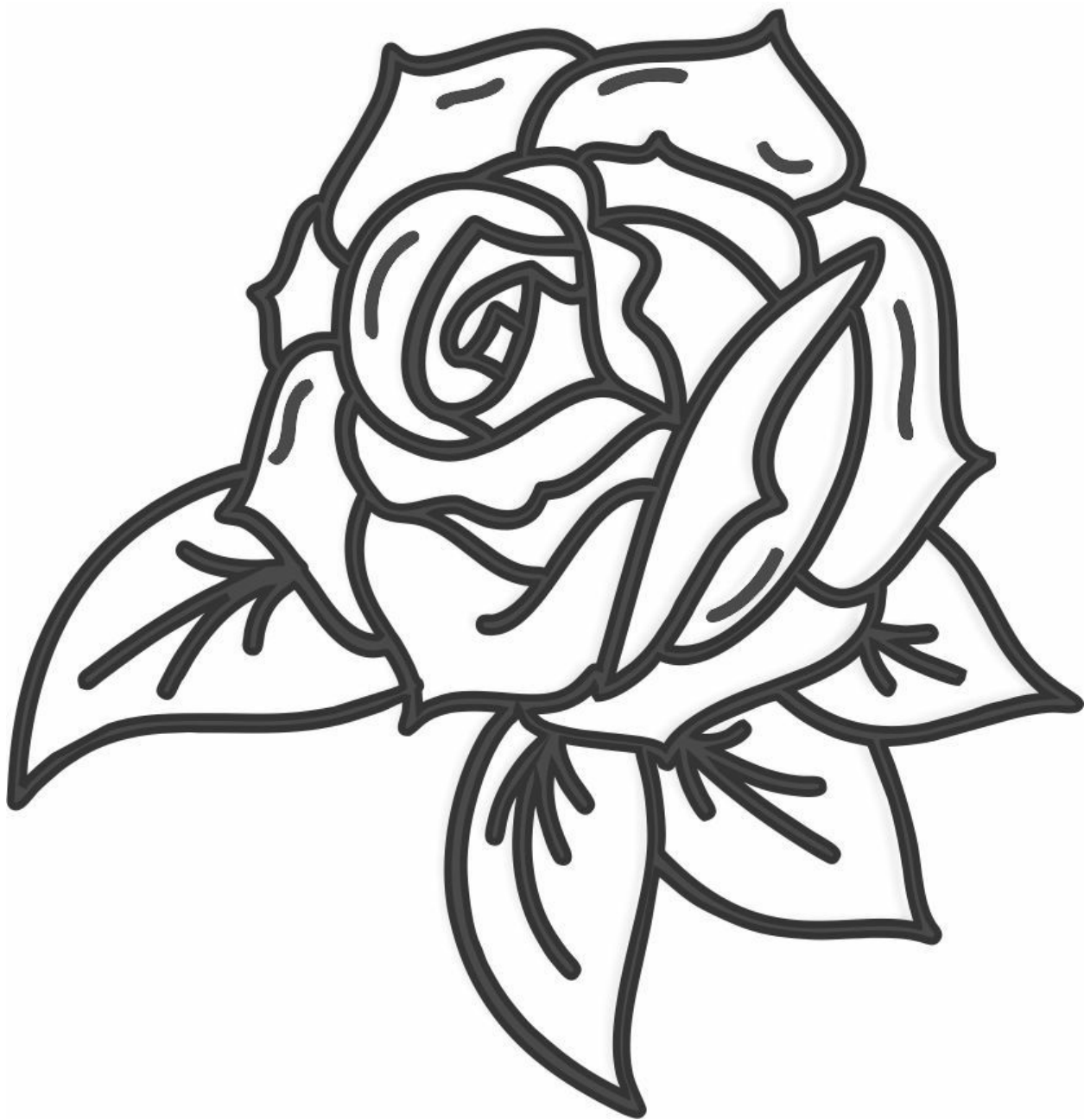
— Sim, Vossa Graça. — Virou-se e voltou. — Perdões, Vossa Graça, mas a menina saiu sem um agasalho nesse tempo horrível. Posso providenciar alguns empregados para procurá-la nos bairros mais afastados.

— Sim, Marceau, faça isso, por favor.

— Será feito, Vossa Graça. Não se preocupe, iremos achá-la. — Retirou-se.

Andree sentou-se na escada com o coração apertado e a alma em pedaços por fazê-la sofrer. Tudo que queria agora era trazê-la de volta e tê-la sã e salva em seus braços.





1

No princípio Jane vagou sem destino, cega pela dor, pelas lágrimas e pela chuva que escorria por seus cabelos, trazendo umidade aos seus ossos e dormência ao seu corpo, menos ao seu coração.

Aos poucos, a paisagem mudou drasticamente; as elegantes mansões de Mayfair e arredores deram

espaço para cortiços sujos e descascados, assim como sempre fora o lado pobre de uma Londres rica em contrastes, onde o miserável sobrevivia paralelo à vida confortável da aristocracia e da classe média em ascensão. Sem dar-se conta, voltara ao seu habitat natural, o mundo no qual nascera e crescera. Diminuiu o ritmo dos passos apressados, virou em uma rua, entrou em um beco, parando automaticamente diante de um prédio decrepito onde algumas crianças maltrapilhas brincavam com um aro e mulheres estendiam roupas nos varais esticados entre as construções. Pelo menos parara de chover.

— Moça, moça! Mi dá um *penny*?

Ela baixou os olhos para o garoto abaixo.

— Num tá mi reconhecendu não? — Fungou limpando o rosto na manga do vestido.

Paul a observou com um ar entre o desconfiado e o avaliador.

— Sou eu, seu tolo! A Jane! — Espirrou.

As mulheres largaram a roupa que penduravam.

— Jane?!

Uma delas veio correndo.

— Sarah? — ela virou-se e apressou os passos na direção da amiga, jogando-se chorosa em seus braços.

— Ai, Jane! O qui houvi? Ocê tá insopada, minina! Vem! Vamu tumá uma coisa prá isquentá i tirá essa ropa molhada. — Empurrou-a carinhosamente para o segundo andar do prédio em frente, onde o pequeno apartamento abrigava seu marido John, os filhos, Mary e Marion, além de sua irmã Caroline, seu marido Mark e filhos, Joseph e Paul.

Jane olhou a pequena sala onde ela dormira com as crianças; a lareira acesa carecia de lenha, um sofá roto cujo pé fora substituído por dois tijolos, recebera uma cobertura de crochê de flores coloridas, graças aos fios de lã recolhidos pela vizinhança mais abastada, era onde ela costumava dormir. Seguiu atrás da amiga; os outros cômodos não mudaram, o também pequeno quarto era dividido por um lençol velho, porém imaculadamente limpo, com duas camas, uma para cada casal e o terceiro e último cômodo. A pequena cozinha, ostentava um humilde fogão, onde uma chaleira meio amassada apitava alegremente avisando que a água para o chá sempre estaria pronta para quem quer que precisasse se aquecer.

— Mi conta u qui aconteceu. — Foi até um armário feito de madeira de demolição e retirou um vestido de dentro. — Eu guardei suas coisa. — Ajudou Jane a se trocar, depois sentaram-se no sofá da sala com duas canecas de chá ralo.

— Eu saí pra vendê minhas flor, fui atropelada pur um nobre qui tava andandu di cavalo feito um burro! — Riu. — Um burro num cavalo... — Suspirou. — Ele mi levô prá sua casa, chamô um dotô qui dissi qui eu machuquei meu pé i não podia ficá andandu.

— Dispois u qui aconticeu?

— Dispois ele mi deu cumida, comprô vestidos, mi ensinou a mi comportá comu uma dessazinhas madama. Eu cunheci muita gente boa, sabi? Bunitos comu um demônio, alguns isquisito, outrus não. Fiz amigus i amigas.

— E esse tarzinho?

— Era um francês idiota.

— Francês?!

— Um francês, um ingrês, um russu i um irlandês. Tudu amigu, sabi? Tudu bunitu, u russu pareci u filho du demuo di tão lindu. Fui nu casamentu dele, sou amiga da esposa dele; ele é um príncipe di verdadi.

— Nossa! — Sarah riu. — E us outro?

— O ingrês é boa pessoa, bunitinhu, mas sem sal. O irlandês é meu melhó amigo. Ele é diferente, fala qui nem nós.

— É bunitu?

— Muito. — Sorriu.

— E ocês...

— Não! Cameron é só amigo memo.

Sarah a encarou.

— E u francês?

Jane baixou a cabeça, face tomada pelo rubor.

— Jane?

As lágrimas começaram a cair.

— Ah. Jane! — Sarah a abraçou e embalou. — Ele fez alguma coisa cum ocê? Qué qui Mark e John faz alguma coisa?

— Não! Ele não fez nada que eu não permitisse. Eu me entreguei praque quiria muito. Eu amu ele... — Soluçou alto.

— E ele?

— Ele disse qui mi amava, mais nu dia seguinte ficô confuso, disse qui se arrependeu do que fizera e não sabia o que fazer... Por isso eu resolvi fugir. Eles fizeram uma aposta, sabe? Se conseguissem enganar a aristocracia sobre eu não ser uma dama de berço, eu ganharia muito dinheiro. Eu os enganei, Sarah... Enganei a todos eles!

— Tá falando qui nem uma dama.

Ela misturou lágrimas com riso.

— Qué dizê qui ocê tá rica? — Puxou um lenço roto do bolso de sua saia e limpou o rosto da amiga.

— Qué dizê qui eu vô comprá uma casa prá gente morá. Casa nova, cum quarto prá todó mundo, uma cumzinha grandona i tudó qui nós merece i precisa. Num vamo ficá aqui não, Sarah, mesmu proquê u idiota francês podi aparecê. Não, ele não; Andree num mi qué, mas u irlandês dus inferno... ele sim, ele é capaz di mi procurá.

— Mas ocê ama u francês.

— É... — Suspirou, apertando o lenço entre as mãos inquietas.

— E essi irlandês é só amigu memo.

— Cam é um doce pateta e é amigo. Rico, mas humilde, você ia gostar dele, Sarah.

— Ocê vai comprá uma casa?

— Prá nós tudó morá. Num vou deixá ocês aqui; são a minha família, sempre foram. Adispos, eu quero comprá uma loja di flor. Não aqui em Londres, em outro lugar qualquer da Inglaterra. Os homi pode trabalhá prantando flor i nós vende tudó. Qui quo cê acha da ideia?

— Eu amei! — Bateu palmas animadas.

— Vou falar com meu advogado. Agora eu tenho um sabe? Ele qui toma conta do meu dinheiro.

— Mas essi divogado num vai falá cum us outro ondi ocê tá?

— Não. O velho é di confiança. Num tem pobrema não.

— Ah, Jane... Eu sintu muito pur tudó.

— Eu também.

— Mi conta mais sobri us vestido e as festa i como é essi seu francês bunitão idiota.

Ela sorriu.



A noite caiu, os empregados retornaram desanimados por não conseguirem sequer uma pista que apontasse para onde a *Senhorita Fugitiva* que tanto os cativara pudesse ter ido.

Cameron seguiu para o White's tão desapontado quanto Andree, apático jogado no sofá ao lado de Sebastian que tentava retirar a taça cheia de conhaque das mãos do amigo.

— Se embebedar a essa altura não adiantará nada, Andree. — Bastian puxou a taça bruscamente, entornando uma parte da bebida sobre os sapatos.

O francês rosnou irritado.

Cameron entrou. Mesmo com a proteção da capa, encontrava-se molhado e enregelado até os ossos, seus pés doíam depois de ter percorrido uma boa parte de Londres, pelo menos aquelas recomendáveis devido ao horário. Largou a capa no chão antes mesmo que o criado de libré tivesse oportunidade de ajudá-lo a retirá-la e seguiu batendo os pés até a sala particular da Irmandade. Abriu as portas e entrou. Ignorou o francês em prol de poupar o cômodo de uma destruição total, já que o que mais queria no momento, além de encontrar Jane, era socar a cara de Jean Claude até seus dedos sangrarem. Seguiu direto para o aparador, onde se serviu de uma dose tripla de *whiskey* que desapareceu em três goles.

— Nenhuma pista — murmurou virado para a lareira e bebendo mais um pouco do copo que voltara a encher.

— Eu também não achei nada. — Andree deixou escapar num fio de voz.

O copo de *whiskey* foi parar dentro da lareira aumentando dramaticamente as chamas e levando Sebastian a pular assustado.

— Nunca... — Cameron agarrou a gola da camisa de Andree e ergueu-o encostando os narizes. — Nunca mais ouse falar comigo... Não me dirija a palavra, sequer me olhe! — Jogou-o de volta. — Eu lhe considerava um irmão, Du Marilac, mas definitivamente você não soube respeitar o que nós tínhamos de mais valioso: nossa amizade e a inocência de uma garota que não fez nada além de se apaixonar pelo grandessíssimo filho da puta que você é!

— Eu amo Jane — rebateu em voz rouca.

— Alguém pode afinal me contar o motivo da garota de fugido? — Sebastian retirou a garrafa de conhaque de perto do amigo, antes que o mesmo pudesse alcançá-la.

— Eu explico: seu amigo ali não conseguiu manter o pênis dentro das calças. — Cameron rosnou

cada sílaba em puro sotaque irlandês, cada vez mais carregado pela raiva sentida.

— Você, o quê?! — Bastian encarou Andree.

— Ele a fodeu como sempre fez com todas que conheceu. Fodeu e no mínimo a dispensou logo depois. — Girou o corpo dando as costas. — Ela não valeu nem mesmo uma rosa, não foi?!

— Você e Jane... — O inglês ergueu as sobrancelhas.

Andree gemeu e pousou a cabeça entre as mãos.

— Não seduzimos... — Sebastian começou.

— Ele a seduziu, fodeu, arrasou sua virgindade e a dispensou como se dispensa uma rameira devidamente bem paga pelo serviço. — Outro copo na lareira.

— Eu não a seduzi... ela me seduziu — comentou entre as mãos.

Cameron pulou sobre Jean Claude e um segundo depois os dois rolavam pelo chão com Sebastian refugiado no canto da sala.

— Ai, meu sacrossanto saco! — Ele revirou os olhos. — Cameron, largue Andree, pelo amor de Saint Patrick! Socá-lo agora não vai ajudar a trazer Jane de volta.

— Mas alivia meu ódio! — Rolou para cima do francês e acertou o olho abaixo.

— Quem vê essa cena, vai pensar que essa é uma clássica briga por demarcação de território. — Sebastian cantarolou.

Cameron deteve o golpe no meio do trajeto e encarou o visconde.

— Ela é como uma irmã para mim... Não se atreva a cogitar qualquer coisa diferente disso, a não ser que queira apanhar também. — Limpou o sangue da boca que pingava na camisa que já fora branca, depois levantou desequilibrado pisando sobre o estômago de Andree ao passar por ele em direção à porta. — Amanhã recomencarei a procurá-la, vai me ajudar? — perguntou a Sebastian.

— Considero Jane uma irmãzinha tanto quanto Joanne. Claro que ajudarei, mas acho que temos que permanecer unidos, afinal, somos uma Irmandade ou não?

— NÃO! — Ambos responderam ao mesmo tempo.

Sebastian bufou e revirou os olhos mais uma vez.

— E pensar que Alex vai demorar uma eternidade para voltar... — sussurrou para si próprio e correu para erguer Andree que conseguira agarrar-se à garrafa de conhaque e dispensar o copo.



Jane fora recebida carinhosamente no seio das duas famílias. Mark e John quase enlouqueceram de raiva quando ouviram uma versão branda do que acontecera com ela, depois quase enlouqueceram quando souberam da proposta de um novo trabalho em um novo local. Jane então entrou em contato com Mr. Wickelow, o advogado que rapidamente se pôs à disposição para ajudá-la a encontrar uma propriedade apropriada fora do centro urbano ou fora de Londres. Alguns dias depois, entrou em contato para avisá-la de que conseguira dois lugares promissores e esperava que ela mesma os avaliasse. Então, Sarah seguiu com sua amiga a título de dama de companhia.



Do outro lado da cidade, onde o resto da semana passou mais rápido do que o necessário, depois de Londres ser quase toda escaneada nas áreas da aristocracia e bairros de classe média, Cameron, por fim, bradou em alto e bom tom que se necessário fosse, procuraria por Jane até debaixo das anáguas de Sua Majestade a Rainha Victoria, enquanto Andree ficava cada vez mais deprimido.

Sebastian, o ponderado, tomou as rédeas em suas mãos e resolveu coordenar os esforços de busca até chegar à inevitável conclusão de que só sobrara a zona de onde a própria Jane se originara: as áreas pobres da cidade. Resolveu então que o melhor a fazer seria a turma zanzar em duplas armadas.

Andree ouviu tudo na mesma apatia de sempre.

Cameron, do lado oposto da mesa, mirou o agora ex-amigo com um olhar fulminante. No dia anterior ele ameaçara o francês a levá-lo a duelo, caso descobrisse que algo mais grave acontecera à Jane e por mais que fosse conhecido como *O Lorde Mediador* pelos mais chegados, Sebastian sofreu o pão que o diabo amassou para demovê-lo da ideia.

O fato era que Sebastian Cade Niel Bowell, o visconde de Riverdall viu-se ilhado em meio a um mar de preocupações e dores de cabeça: Preocupado com a pobre Jane; preocupado em manter Andree vivo e Cameron longe dele; preocupado com o abatimento do conde de Trevand cada vez mais visível; preocupado com a dissolução de amizades que perduravam por tantos anos; preocupado em pagar todos os prejuízos gerados pela nova guerra em pleno território inglês (na verdade, bem debaixo das saias de Sua Majestade), mais conhecida como *Guerra Franco-Irlandesa* e suas desastrosas consequências para ambos os lados; preocupado com sua vida normal (sim, ele já teve uma um dia); preocupado com sua reputação e com o aumento desesperador do contingente feminino carente e sequioso por atenção; preocupado com a administração de seus bens; preocupado com os bens alheios não administrados; preocupado com o fato de ter escrito para Alexander quase exigindo o retorno do casal antes de enlouquecer de vez e por fim, preocupado que, de alguma forma, esses assuntos fossem parar nos ouvidos privilegiados da corte, mais precisamente num par de orelhinhas reais. Suspirou jogando-se no sofá de seu escritório; estava cansado. Não, exausto seria o termo correto. Sabia que Jane não deixaria rastros se não quisesse, mas ele era um estrategista nato, todo esse zunzunum aflito de um lado a outro não traria os resultados esperados. Parar para pensar, coletar dados e fatos, extrair conclusões lógicas, armar um plano de ação, isso sim geraria alguma coisa. Era o mesmo que se jogar em meio a um

cardume de arenques e querer capturar um com as mãos nuas. Não bom, não bom.



A Grã-princesa de Sotchi, Joanne Needlethorn Georgiy Sotchi agradeceu a criada que trouxera a correspondência. Sentada aos pés de um carvalho em sua propriedade em Paris, parou o cafuné no marido cuja cabeça descansava em seu colo. Entre as cartas da Inglaterra, ela sorriu ao reconhecer a letra.

— Alex, carta de Sebastian.

— Abra, *Kukla* [\[2\]](#), por favor. — As palavras arrastadas pelo sotaque continuavam a encantá-la. — Pode ler em voz *alto*? Tão bom ficar *deitada* no seu colo!

— Pode ler em voz *alta*? Tão bom ficar *deitado* no seu colo, seu russo tolo! — Beijou-o e desdobrou o papel.

*Caros amigos,
Espero que esta missiva os encontre felizes e bem-dispostos.
O motivo para tão rude interrupção é dirigido principalmente a Sacha, logo, este humilde servo
lhe pede mil perdões, minha cara Joanne.
Sacha, a Irmandade necessita urgentemente de sua ajuda...*

Alexander sentou-se desajeitado pela falta de uma parte do braço direito perdido na guerra e encarou a esposa com o cenho franzido, pedindo para que continuasse.

Aparentemente nosso querido francês idiota seduziu sua pupila (apesar de afirmar, categoricamente, que se deu o oposto), o que gerou a fuga desenfreada da mesma para só Deus sabe onde, ocasionando o início da Batalha Franco-Irlandesa em plena Londres, já que Cameron o atacou por... Ammm... Três vezes, se contar minha distração de hoje no White's, além de tentar provocar, pela segunda vez, um duelo. A Irmandade da Rosa corre perigo de naufragar, moy brat, [\[3\]](#) e este que vos escreve necessita desesperadamente de ajuda; se assim não fosse, juro por minha honra, não incomodaria vocês.

Sei que Joanne será de grande ajuda quando Jane for localizada, espero que brevemente; eu não aguento mais ver esses dois se estapeando e esmurrando quando a oportunidade aparece, quero dizer,

quase sempre.

Meu caro Sacha, querida Joanne, antes que eu enlouqueça ou Cameron e Jean Claude se matem, por favor, nos socorram.

*Meus mais respeitosos votos de carinho e amor,
Seu irmão de coração,*

Sebastian.

Joanne dobrou o papel e continuou boquiaberta até explodir em uma gargalhada gostosa.

— Metade de Paris ouviu-a agora. — Aceitou a carta do amigo.

— Perdão... — Levou a mão à boca. — Tinha quase certeza de que algo parecido com isso acabaria acontecendo.

— O quê?

— Jane ama Jean Claude.

— E o parvo a ama também. — Sorriu divertido.

— Mas se ele a ama, o que deu errado?

— Garanto que foi um mero reflexo de autopreservação. Ele deve ter entrado em pânico no dia seguinte e fez merda como sempre.

— Jane sentiu-se rejeitada e voltou para a vida que tinha. Precisamos encontrá-la, Alex. Se realmente houve sedução, minha amiga pode estar esperando um filho de Andree.

— Sim, vamos ajudá-los.

— Darei ordem para arrumar as malas. — Ia saindo e foi puxada para perto.

— Me desculpe, *Kukla*, nossa Lua de Mel...

— Continuaremos assim que tudo se resolver. — Esticou-se na ponta dos pés e o beijou.

— Escreverei avisando a Bastian de nosso retorno. — Apertou-lhe a ponta do nariz.

Joanne riu.

— Tenho saudades de minhas rosas pretas.

Ela parou de rir e franziu o cenho.

— Saudades como? — Pousou as mãos na cintura.

Alexander quase gargalhou.

— Saudades... Você sabe...

— Não se atreva... — Os olhos se estreitaram.

— Uma única noite...

— Sacha... — rosnou.

— Uma mulher carente de carinho...

— Alex... — Avançou dois passos.

— Uma única e exclusiva rosa...

— Alexander! — Grudou nele com o dedo em riste. — Não se atreva, russo estúpido!

Ele sorriu e depois gargalhou. Agarrou-a de surpresa, jogou-a no ombro, sorrindo pelos gritinhos que ouvia.

— A única mulher não carente de carinho para qual eu daria não só uma rosa por noite, mas todas as rosas do mundo, por todas as noites de minha vida está me socando as costas nesse exato momento. — Gargalhou gostoso.

— Para onde vai me levar? — Ergueu a cabeça, empurrando os cachos que agora dançavam em seu rosto.

— Para a cama.

— Não estou com sono!

— Não vai dormir... — Riu irônico.

Joanne sorriu e provocou.

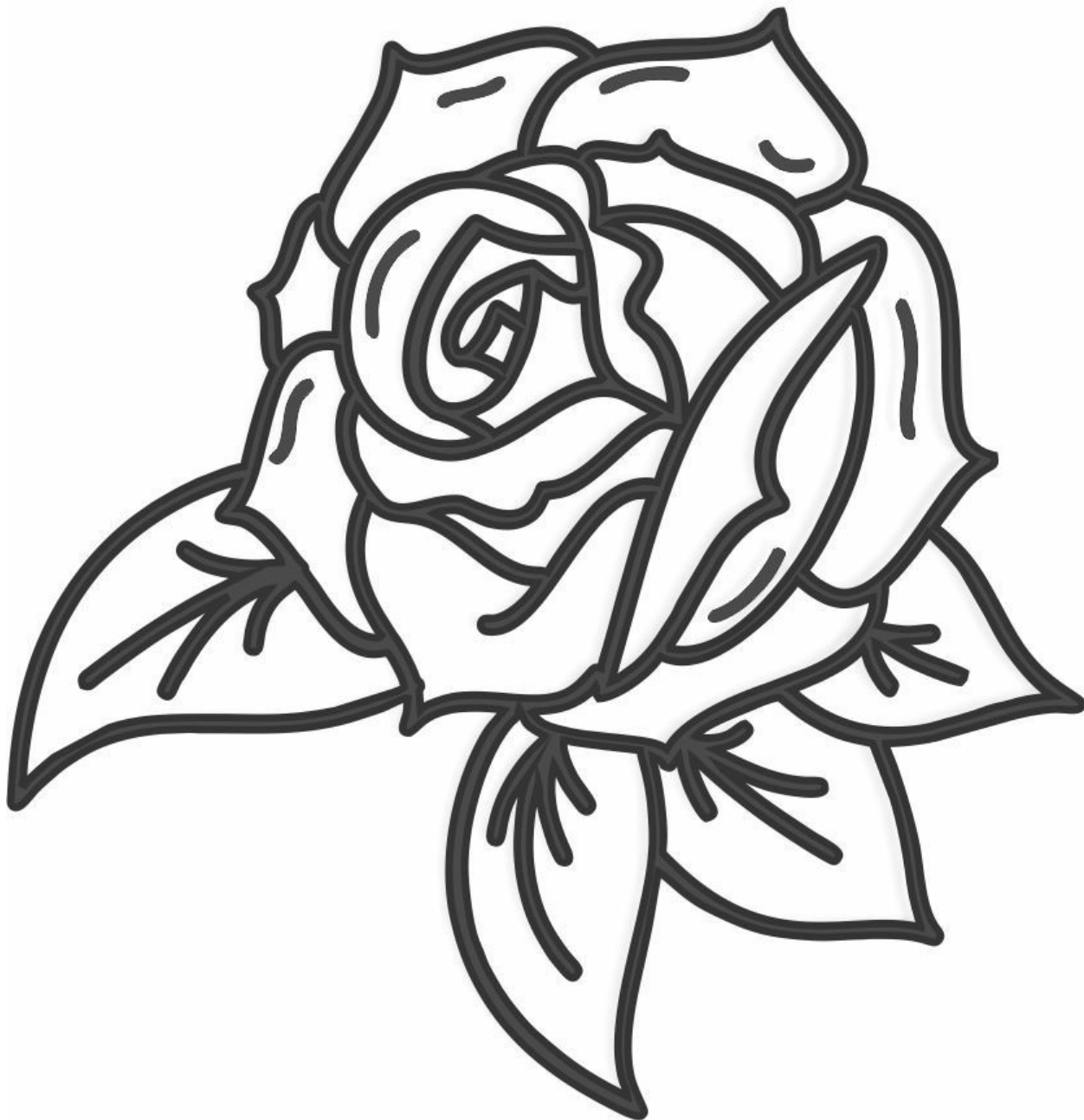
— Então, o que faremos? Leremos?

— Tenho uma sugestão bem melhor.

— É? — Correu as unhas pela camisa até a cintura da calça e riu ao ouvir um gemido. — E qual seria essa sugestão bem melhor?

— Vamos fazer bebês!

Saiu correndo, carregando seu saquinho de batatas esperneante.



2

Andree deu a si mesmo um prazo: Se dentro de dois dias não conseguisse uma pista decente sobre o paradeiro de Jane, ele só voltaria para casa com ela, ou não voltaria. Fodam-se todos! E esses dois dias passaram tão apáticos quanto ele. Sim, só pararia quando a encontrasse e depois que o fizesse, se jogaria aos seus pés, beijaria a barra de sua saia, pediria perdão e se humilharia o quanto ela quisesse

só para tê-la de volta.

As recordações daquela manhã ao encontrá-la tão feliz em seus braços se repetiam intermitentemente em sua mente como uma punição por ter sido tão estúpido. Essa era a versão de um inferno particular, o seu: sem deixá-lo dormir, alimentar-se corretamente, sem raciocinar sobre mais nada além de seu objetivo; era como se o próprio Lúcifer providenciasse pessoalmente uma amostra do que o esperava quando morresse.

A cada segundo de cada minuto de cada hora de cada dia, seu coração ora acelerava aflito, ora tropeçava todas as vezes que a porta se abria ou algum criado retornava das buscas. E buscas não faltavam, já que todos os seus serviçais em seus momentos de folga se voluntariavam para ajudar. Jane não cativara só seus amigos ou a ele; ela cativara a todos indiscriminadamente.

Naquela tarde fria e garoante, Jean deixou instruções para que seu valete, uma nota deveria ser entregue ao visconde de Riverdall e se foi sozinho. Seu alvo, os bairros menos privilegiados para começar. A umidade no ar, o frio e a chuva combinados à falta de sono e uma alimentação insuficiente além da violenta carga de estresse começaram a influenciá-lo. Apertou os passos sentindo-se cada vez pior mesmo movido por pura teimosia; esse era ele. Embrenhou-se pelos arredores encardidos e mal iluminados da Boundary Street, sabendo que seus passos eram monitorados por olhos ocultos na escuridão dos becos e outros recantos soturnos. Apertou a miniatura da pintura de Jane que mandara fazer por sua insistência, no bolso do casaco, como um amuleto contra qualquer mal, atravessou a rua em direção a um pub nada confiável e antes mesmo que pudesse entrar, tropeçou tonto. Um arrepio familiar de frio percorreu-lhe o corpo, ele sabia o que aconteceria a seguir. Tentou escorar-se no muro, mas sua mão escorregou na sujeira acumulada pelo tempo e caiu pesado ao chão. Tornara-se uma presa fácil para qualquer meliante de plantão e, um pouco antes de sucumbir ao negrume que se avizinhava, notou dois deles se aproximando vindos da esquina adiante.

John cutucou Mark, apontando para o homem caído perto da entrada do pub.

— Mais um bêbadu — comentou rindo e começaram a contornar o incômodo obstáculo quando foi detido por Mark.

— Ocê ouviu?

— Ouviu u quê? — John virou-se para o amigo inclinado sobre o homem caído.

— Vem cá ouvi, idiota! — Gesticulou e esperou John inclinar-se. — Ei, ocê tá bom? — perguntou sem tocá-lo.

— Jane...

O sussurro foi alto o suficiente para chamar a atenção dos dois e quando uma pequena pintura caiu das mãos trêmulas abaixo e Mark a pegou. Olhares atônitos foram trocados.

— Essi é u tarzinhu da Jane?! — John mirou a face pintada, enquanto Mark virava o corpo.

— Num é qui dévi sê o francês idiota? — Mark franziu o nariz.

— O qui tá fazendu aqui? — Apontou para o chão.

— Num tá vendu não?! Tá passandu mal, seu idiota!

— Num podemu deixá ele jogadu na rua. Tá duenti, Jane vai cuidá dele. — John o segurou no colo. — Vamu levá ele. — Apertaram o passo.

Caroline abriu a porta e se assustou.

— Cadê a Jane? — Mark seguiu John até o quarto.

— Ela foi vê a velha Turtle qui tá cum a perna ruim. — Caroline espanou as crianças para fora do quarto, mas John mirou a filha que ia saindo.

— Mary, vai chamá a Jane agora.

A garota saiu correndo com a irmã logo atrás.

— Qui houvi cum ele?

— Tá duente. Achamu ele caído na rua aqui pertu. — Pousou Jean Claude na cama. — É u francês da Jane. — Mark ajudou a retirar a roupa molhada.

— O tarzinhu? — Caroline se esticou para olhar melhor. — É bunito, u desgraçadu.

Mark olhou a esposa com cara feia.

— Vô frevê água — Saiu resmungando.

Despido, Jean Claude começou a tremer violentamente e começou a ser coberto com os poucos cobertores disponíveis.

— Aconteceu alguma coisa com vocês?

Jane entrou no quarto, aflita.

— Cum ele sim, não cum a gente. — John sorriu.

Ela se aproximou para examinar o homem deitado. Sua boca se abriu e recuou como se tivesse levado um choque.

— Mais qui merda é essa?! — Encarou os amigos.

— Nóis achô ele na rua, caído feito um bêbadu, só qui num tá cum bafu di bebida não, Jane... Mais tá quenti comu a fornaia da fábrica i tá tremendu comu cachorru di rua nu inverno.

Mesmo desconfiada de algum embuste, Jane voltou a se aproximar.

— Ai, mas que merda! — gritou ao encostar a mão na testa abaixo. — É a porcaria da doença novamente... — choramingou sentando-se ao lado dele. — E eu não sei quanto do remédio eu tenho que dar. — Mordiscou o dedo, pensativa.

— Qué ajuda? — Mark torceu o canto da boca.

Ela pediu papel e lápis, escreveu algo e entregou a ele.

— Compra isso no boticário. — Entregou-lhe uma bolsinha de dinheiro.

Mark saiu.

— O francês vai suar que nem porca na brasa, eu vou precisar de você para lavar ele, banho frio. — Apontou para John.

— Eu ajudo. — Sorriu e foi providenciar o futuro banho.

— Qui qui eu faço? — Sarah continuou de olho no estranho.

— Faz sopa com aquilo que compramos. Faz sopa para todo mundo, vamos precisar.

— Faça. — Saiu carregando Caroline com ela.

Jane pegou uma pequena e rota toalha, encheu a bacia de ágata e passou o pano molhado no rosto abaixo.

— Idiota! — resmungou. — Depois que melhorar, voltará para seu mundo e eu sumirei no meu. Nunca mais irá me achar, Jean Claude Andree Du Marilac...

— Jane? — ele gemeu.

— Jane morreu — ela rosnou.

— Jane... — ele arfou ruidosamente e começou a se debater.

— Ai, meu Deus! — Sentou-se ao lado e o puxou para seus braços, embalando-o como a uma criança doente. — Shuuu... Tudo bem... Tudo bem... — Começou a chorar e só parou quando a convulsão diminuiu.

John retornou disposto a banhar o paciente, tirou-o da cama e o carregou para o reservado. Uma profusão de palavrões em francês ecoou pelo apartamento.



Mark retornou apressado com o medicamento cuja dosagem correta Jane pensou de ter ouvido; só

que não. Andree teve mais duas convulsões, a última violenta o suficiente para que ela entrasse em pânico. Precisava de ajuda, não de Cameron, mas sim de alguém que tivesse a cabeça sobre os ombros, alguém frio.

— Mark, por favor, leve esse bilhete até esse endereço e entregue em mãos. Enquanto isso, começaremos a arrumar o que der para nos mudarmos para nossa nova casa e novo trabalho.

— Certu. — Sorriu e se foi.

Ele transitou entre vielas miseráveis e ruas malcheirosas até que, como num passe de mágica, tudo mudou: o ar se fez mais limpo, o ambiente colorido com as flores dos jardins e dos parques; entrara em um mundo que sabia só veria de passagem. Parou diante a um deslumbrante casarão, rumou para os fundos e bateu. Uma criada atendeu, ele explicou o motivo da visita. Ela sumiu para logo um homem de alvos cabelos muito bem vestido surgir.

— Sou Marius, mordomo de Vossa Graça, o visconde de Riverdall. Mary contou-me que você é portador de um recado, pode entregar-me. — Esticou a mão.

— Não, a Jane disse qui era prá intregá só pru tal viscondi.

— Jane? – Marius ergueu as sobrancelhas. — Miss Boreen?

— Essa mermu.

— Entre, por favor. — Puxou-o para dentro, empurrando-o na direção da biblioteca. — Como ela está? Ficamos todos muito preocupados com a menina Jane.

Mark riu.

— Tá boa. — Olhou deslumbrado o entorno. Aquilo era a síntese de sua paixão: livros e mais livros do chão ao teto, alguns gravados com letras em ouro, a maioria primorosamente encadernada. Era o paraíso. Nem percebeu quando um homem alto e magro, de porte altivo entrou no cômodo.

— Marius informou-me que você tem um bilhete para mim.

Mark virou-se assustado.

— É da Jane. — Retirou a boina em sinal de respeito e entregou-lhe o papel.

Sebastian franziu o cenho e abriu o papel.

Mui caro visconde linguíça desbotada,

Por uma ironia do destino ou por arte daquele filho da puta chamado cupido, um conde idiota acabou se perdendo pelos bairros menos privilegiados de Londres e foi resgatado por meus amigos

Mark e John. Acontece que o referido conde resolveu cair novamente em crise e agora mais parece uma perereca quando se joga sal nela. Providenciei o remédio, porém parece que não adiantou muito tanto a medicação quanto o que estou fazendo. Logo, rogo que venha resgatar a estúpida aristocracia perdida. Mark garantirá salvo conduto até aqui, traga o médico, tenho certeza de que será necessário.

Sua amiga,

Jane Boreen.

— Foi Jane quem mandou você aqui?

— Sim, milordi.

Ele tocou o sino sobre a mesa e Marius prontamente apareceu.

— Mande chamar Rutheford com urgência, Marius.

— Sim, Vossa Graça. — O mordomo inclinou-se e saiu.

— Sente-se... — Ergueu as sobrancelhas.

— Mark Hamington, milordi.

— Aceita uma bebida?

— Não, milordi, obrigadu. Eu num bebu.

— Certo... — Serviu-se. — Como está Jane?

— Ela tá bem. Ficamu supresu quandu vortou, sabi?

— E nós quando sumiu — murmurou.

— Num sabemu u qui houvi, mais é bom tê ela di vorta. — Olhou os livros com carinho.

Sebastian sorriu.

— Gosta de livros?

— Desdi qui aprendi a lê.

O visconde levantou-se, acessou um dos volumes encadernados e o esticou em direção ao homem espantado.

— Para você.

— Prá eu?! — Piscou.

— Por ajudar Jane e o “*francês idiota*”. — Riu.

— Prá eu mermu?!

— Prá você mermu.

Mark abraçou o livro com os olhos brilhando.

— Obrigadu, milordi!

— Vossa Graça?

Os dois se viraram.

— Rutheford, veio rápido.

— Estava atendendo o barão de Abenshire duas casas depois da sua. — Algum problema?

— Jean Claude entrou em crise.

— *Oh, my!* E onde se encontra?

— Este cavalheiro nos levará até o conde. — Apontou para a porta.



Jane abraçou seu francês mais uma vez depois de uma convulsão mais intensa.

— Jane... — Ele lutou para abrir os olhos.

— O que é? — Puxou o lençol sobre ele.

— *Pardonne-moi, je t'en supplie.* [\[4\]](#) — Passou os dedos trêmulos pelo rosto dela. — Me perdoa, por favor, me perdoa... Por favor...

Ela pousou-o sobre a cama, arrumando o cobertor sobre ele e se afastou.

— Você me usou e me jogou fora.

— *Non...* — ele arfou. — Fui um *stupide...*

— Isso eu entendi e sim, você é um estúpido, mas não o deixaria desamparado e sem ajuda. Logo, estamos quites, *monsieur*. Me estendeu a mão, me ajudou quando precisei e agora eu devolvo a ajuda recebida. Tirando isso, não temos mais nada a conversar.

— *Non* me ama mais? — Tentou sentar-se em vão.

— Amor é ilusão — ela resmungou jogando alguns pedaços de madeira no pequeno fogão de ferro ao lado da janela minúscula. — Eu o amei, mas aprendi minha lição. Não mais, Jean Claude. Só me deixe em paz e volte para suas malditas rosas.

A porta se abriu, dando passagem para Mark acompanhado. Sebastian apareceu no batente e Jane se jogou em seus braços para sua surpresa.

— Olá, Jane Boreen.

— Olá, visconde linguíça desbotada.

Ele a abraçou e riu. Porém, o riso morreu em sua garganta quando Jean começou a tremer violentamente mais uma vez.

— Eu dei uma dose de 2/4 de remédio por água, mas o idiota continuou tremendo. — Ela limpou as lágrimas.

Rutheford que passara por eles, concordou com um gesto mudo e examinou o conde.

— Fez muito bem, milady, mas nosso amigo aqui precisará de uma dosagem mais forte e um local em que possa ter mais recursos.

— O que sugere? — Bastian se aproximou.

— Removê-lo para o St. Thomas Hospital.

— Certo.

— John o levará até a carruagem. — Jane falou já no corredor.

Sebastian esperou que o amigo fosse colocado no abrigo do veículo e voltou-se para Jane.

— Por que será que tenho a nítida sensação de que não a verei mais? — Segurou-lhe as mãos e as beijou.

— Porque é a mais pura verdade. Estamos todos deixando Londres para começar vida nova, graças a vocês. — Beijou-lhe a mão para surpresa do visconde.

— Jane... Andree a ama.

— Me usou.

— Ele se arrependeu. Na verdade, arrepende-se vinte e quatro horas por dia. Sei que o ama, por favor, volte.

— Não mais. Sou livre e posso recomeçar. Esquecerei Jean Claude, mas não de vocês. — Sorriu triste. — Diga ao *Irlandês dos Inferno* que não adianta me procurar.

— Jean Claude e Cameron não desistirão, sabe disso, não?

— Dois burros teimosos.

— Eu que o diga! — Riu. — Seja feliz então, Jane Boreen. Se precisar de ajuda, não se refute a entrar em contato comigo se não quiser dois burros grudados em você. — Beijou-lhe as mãos e a testa.

— Obrigada por tudo, Sebastian. Obrigada por sua amizade. — Esticou-se e beijou-lhe suavemente os lábios.

— Vossa Graça? — Rutheford o chamou de dentro da carruagem. — Estamos prontos.

— Então vamos. — Inclinou-se em saudação e entrou no veículo.



Por insistência de Rutheford, Andree permaneceu internado por duas intermináveis semanas cujo final foi coroado por ameaças de retirada do montante anual tão benemeritamente doado pelo francês que prontamente retornou ao lar e passou a infernizar, não mais as pobres enfermeiras e sim, os amigos.

Cameron saiu do quarto gritando que sua paciência fora posta a prova e que agora esperaria por sua beatificação; gozaria alegremente da companhia de Saint Patrick e Saint Brigit.

Sebastian riu.

— Não existe Saint Cameron se você quer saber... — Zanzou irritado de um lado ao outro da sala assim que entrou. —... Pela simples razão de eu não ter, *ainda*, alcançado a santidade — arfou.

Sebastian voltou a rir fazendo coro a Rutheford.

Cameron ignorou-os e retornou aos lamentos.

— Santidade essa que se ele... — Apontou para cima. —... Continuar insuportável desse jeito alcançarei ainda essa semana. — Jogou-se no sofá ao lado do visconde. — Podem acender velas para mim, serei benevolente e atenderei a qualquer pedido.

— Cam, existe algo que você ainda não sabe. — Bastian ergueu-se.

— Subirei para verificar nosso paciente rebelde. — O médico retirou-se.

— Obrigado. — Aceitou o copo de conhaque da reserva especial do conde e jogou os pés sobre a mesinha à frente. — Sou todo ouvidos.

— Por uma ironia do destino, quem ajudou e socorreu Andree foi Jane.

Cameron pulou de onde se instalara, agarrando Sebastian pela gola.

— E onde ela está?!

— Eu não sei. — Achou melhor pousar seu copo bem longe do temperamento irlandês.

— Como não sabe?! Onde está morando?

— Posso dizer-lhe onde estava morando. Onde está atualmente, desconheço. — Antes que fosse sacudido, pousou suas mãos nas do amigo e as retirou de sua roupa, tentando atenuar o amassado resultante. — Ela deixou Londres. Nós conversamos um pouco, me fez de porta-voz dos agradecimentos de por tudo que fizemos por ela e pela oportunidade de recomeçar sua vida em algum outro lugar. Pediu para avisá-lo para desistir de procurá-la e não perdoou Jean Claude pelo ocorrido.

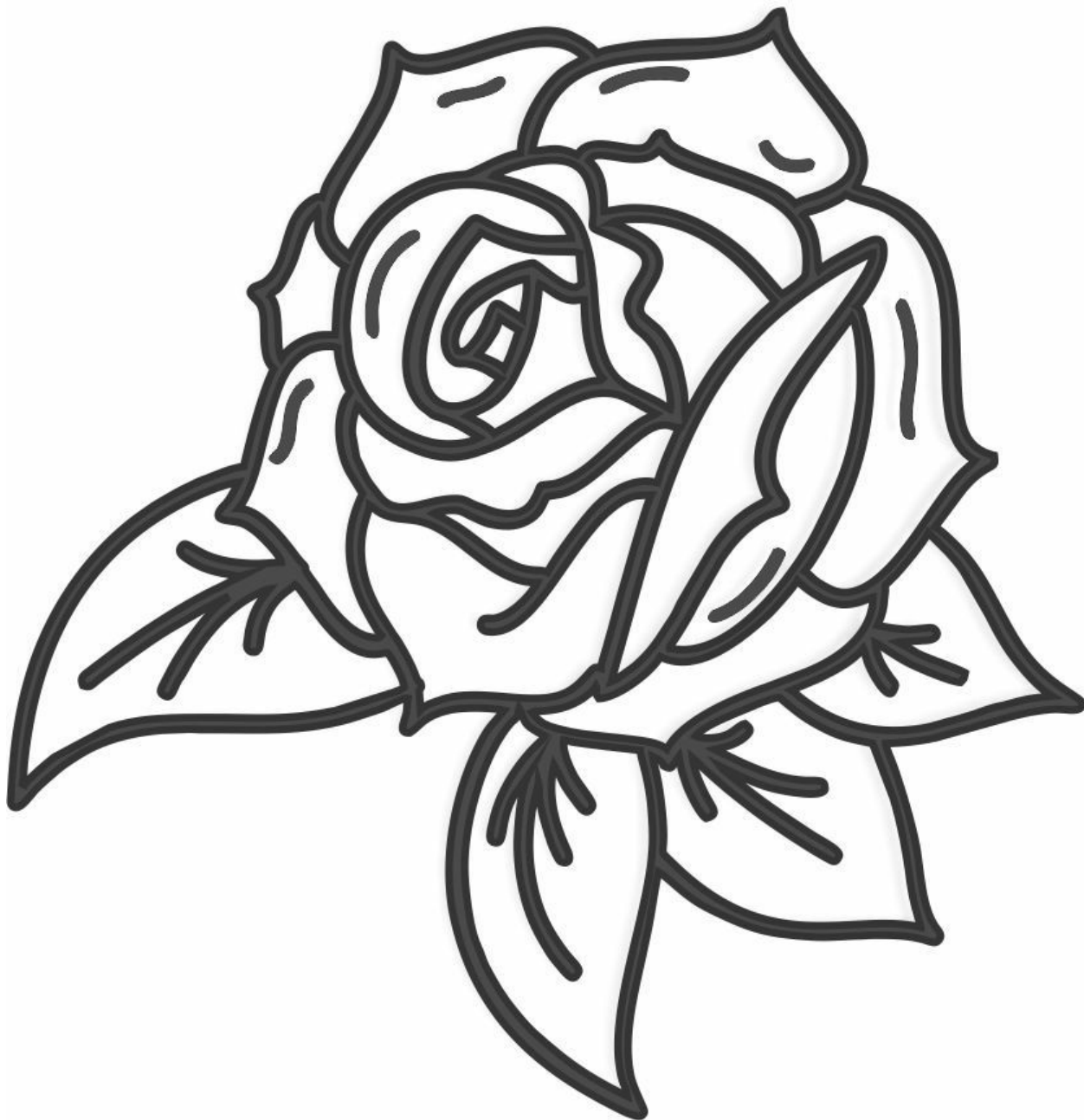
— *Oh, Dhia!* [\[5\]](#) Para onde essa mulher foi sozinha?! — Gesticulou aflito.

— Ela foi com os amigos, aqueles com quem morava.

O copo que Cameron ainda segurava foi arremessado na lareira.

— Jane não perdoou Andree... — retrucou entredentes. — Eu também não. — Deixou a sala batendo os pés.

Sebastian suspirou cansado. Cogitou seriamente viajar para Paris e se distanciar dessa sandice, mas não abandonaria seus amigos, afinal a Irmandade ainda existia. Ou não?



3

A constatação nua e crua de que a Irmandade entrara em crise, por sinal séria e preocupante, veio no final da convalescência de Jean Claude, mais precisamente durante o Baile do duque e duquesa de Cornwall.

Sebastian quis acreditar que a disputa voltaria com o campo de caça reaberto para os três últimos

membros da irmandade. Ele mesmo, munido de sua rosa lilás, passara prazerosamente os olhos no salão abarrotado, enquanto Jean Claude continuava sentado, por motivos óbvios. Animado com a confissão de que o francês portava sua famosa rosa azul bem escondida em um compartimento especial em seu colete, riu ao lembrar-se da movimentação quando chegaram. A notícia da doença do conde de Trevand levantara uma nuvem de sentimentos maternais exacerbados, tal qual uma nuvem de poeira quando uma carruagem passava apressada em uma estrada num verão seco. Havia praticamente um enxame de mulheres sequiosas por demonstrar carinho (de todas as formas possíveis) que arrancou nada discretos sorrisos de pura satisfação masculina de ambos, como abelhas orbitando as únicas restantes flores de um jardim devastado.

Tudo ia muito bem: a bebida em abundância, champanhe francês de ótima qualidade, mulheres deslumbrantes, poucas debutantes, menos mães preocupadas que um simples olhar pudesse desvirtuar suas crias. Tudo muito bom até lorde O'Shea ser anunciado.

Bastian o viu circundar os pares valsantes indo em direção a Andree, distraído com lady Meadowann de Stanfordshire. Preso, ele próprio por estar dançando, suas alternativas eram rezar para que a maldita valsa terminasse rápido ou abandonar sua dama no meio do salão (prato cheio para fofoqueiras de plantão) ou assistir a um provável escândalo um pouco maior para deleite de uma aristocracia no ápice do tédio, sôfrega por novidades. Não deu outra; Cameron parou diante do par e inclinou-se em saudação.

— Lady Meadowann, que prazer revê-la tão deslumbrante. — Beijou-lhe a mão com um sorriso descarado no rosto.

Sebastian girou seu par para um melhor ângulo de observação.

— Lorde O'Shea! — Ela suspirou gulosa. — Sou realmente uma mulher afortunada por estar tão bem acompanhada, ainda mais pelos dois mais charmosos cavalheiros de Londres.

Bastian arrastou a garota por meio salão (o que acabou provocando pisões em seus pobres pés). Estava quase lá.

— Cameron. — Andree encarou-o incomodado por ter sido ignorado.

— Vai me perdoar, milady, mas tenho um pequeno assunto pendente a tratar com o conde de Trevand. — Esticou a mão em sua direção num elegante *“fora daqui!”*.

— Sim, sim... — Sorriu coquete, levantando-se e sendo conduzida gentilmente para o lado.

“Put a que pariu!” Sebastian pensou. *“Só mais alguns metros... que seriam alcançados mais rápidos se essa vaca não pisasse tanto em meus sapatos!”* — Girou-a com força exagerada.

— O que quer? Resolveu conversar comigo, O'Shea? — Andree ironizou.

Não deveria.

Cameron beijou a mão da dama para, logo a seguir, acertar um cruzado de direita no alvo de sua ira.

A cadeira afastada da parede tombou para trás com a força do golpe carregando um francês atordoado consigo, o que gerou uma onda de exclamações surpresas e gritinhos excitados para deleite dos afortunados que acompanhavam os acontecimentos.

Sebastian trincou os dentes, revirou os olhos e deixou a pobre dama a ver navios para socorrer o ferido e tentar afastar um irado mais que satisfeito.



Somerset é um condado rural de vastos campos planos no sudoeste do país, cuja cidade mais famosa é Bath por suas águas termais, ponto certo de descanso da aristocracia. Porém, para Jane, não havia significado algum nessas informações, a não ser o fato de seu mais novo lar localizar-se em Wrington, mais precisamente em uma propriedade com acres e acres de terras a serem cultivadas para o plantio de sua paixão: as flores.

A casa era grande, grande o suficiente para que cada casal tivesse seu quarto, assim como os meninos os deles e as , um muito fofo, todo rosa. Logo as sementes importadas que comprara chegaram e o trabalho começou. Trabalho abençoado, já que o que mais precisava no momento era mente e mãos ocupadas. Todavia o cupido continuava sendo aquele moleque alado cruel: longe dos olhos, não necessariamente longe do coração, Jane continuou a suspirar pelos cantos, sem se dar conta de que Sarah e Caroline escutavam muito bem seu pranto durante as noites. Ela não esquecera Jean Claude Andree Du Marilac e duvidava que algum dia conseguiria.

O dia amanheceu orvalhado, os campos foram arados, semeados e as primeiras mudas surgiam ávidas para a vida. O galpão perto da estrada fora limpo pelas mulheres, pintado pelos homens e se transformara em floricultura além de um charmoso, porém minúsculo, salão de chá. Tudo muito simples, tudo de muito bom gosto, feito com muito suor e muito carinho.

Logo as tarefas foram distribuídas: Jane tomaria conta da floricultura com Sarah, terça, quarta e quinta, enquanto Caroline tomaria conta da casa e faria tortas para vender. Mark e John pegariam na lida dos campos. Na sexta, sábado e domingo, Jane ficaria com Caroline na floricultura e Sarah em casa; já segunda foi consagrada como o dia de descanso para todos. Essa rotina se manteria até que pudessem contratar mão de obra. As crianças frequentariam a escola de Wrington, e se quisessem, ajudariam com as flores, depois de cumprir suas tarefas com os estudos e em casa.

Uma semana depois, John encostou-se a cerca e beijou a esposa ao receber uma cesta com comida e água. Acenou para Mark mais afastado e observou Jane zanzado pelos canteiros.

— Sabi u qui eu achu?

— Diz.

— Achu qui nossa Jane precisa dum maridu.

— E eu num pricisu virá viúva.

Ele riu.

— Num é justu ficá ouvindu ela chorandu duranti a noiti.

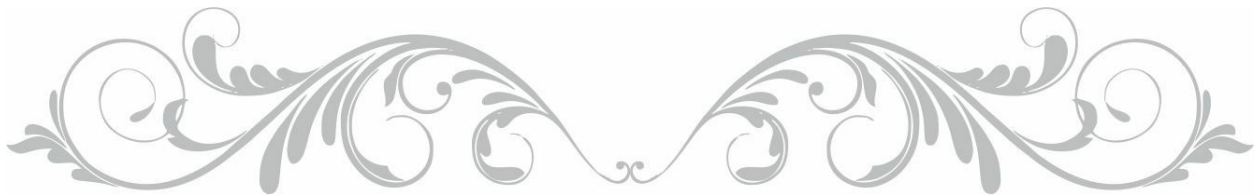
— Nois sabi, má ela ama aqueli fio duma égua.

— Pudia amá outro homi também.

— Tá muito cedu.

— Quandu então?

— Quandu ela quisé, ora! —Beijou-o e juntou-se a Jane.



A semana seguinte transcorreu na mais perfeita ordem e paz: Cameron partira para procurar por Jane ao norte, enquanto Jean Claude se dirigira ao sul. Porém, como o Universo sempre conspira, ambos chegaram quase ao mesmo tempo, Jean precisamente quando Sebastian, sentado confortavelmente no salão do White's, lia tranquilamente seu jornal cuja coluna de fofocas dizia mais ou menos assim:

“O interminável assunto da Temporada continuará rendendo notícias pois esta colunista soube por fontes fidedignas, da iminente chegada dos responsáveis por salvar-nos do marasmo deste ano: O antes fiel amigo de lorde OS, o conde T, do então inseparável e legendário quarteto que aterrorizou os salões londrinos (assim como os devaneios de muitas damas), retornará ao nosso convívio, tal qual o referido lorde. Refrescando a memória de nossos caros leitores, ambos foram protagonistas do apimentado último baile e agora, às vésperas do já tradicional Baile do barão de Ramsbury, a tão enfadada aristocracia torce por outra deliciosa surpresa e esta colunista idem. Agora só nos resta esperar.”

— *Bonjour.*

Sebastian ergueu os olhos do jornal.

— Andree! — Levantou-se e o abraçou.

Sentaram-se.

— A julgar pela poeira em sua roupa e o estado de suas botas, veio direto para cá. Estou certo?

— Precisava desesperadamente espairecer. — Esticou-se para o lado pegando o copo do amigo e tomou um gole da bebida. O álcool do *brandy* desceu ardendo em sua garganta ajudando a relaxar um pouco.

— E a julgar pelo seu estado de espírito, a busca não deve ter sido lá muito profícua...

— *Non, non* foi — concordou com um resmungo arrastado.

— Bom, Cameron ainda não voltou.

Jean mirou o fundo do copo em suas mãos.

— Sabe, Bastian, quando eu tive a última crise de malária, eu vi Jane. Pode ser produto dos delírios, eu *non* sei, mas juro, juro que falei com ela.

— Você falou.

— O quê?! — Virou-se para o lado encarando o amigo.

— Absteve-me de contar por achar que só serviria para piorar seu estado geral, mas... — Suspirou. — Tudo bem. Pelo que me contaram, você foi encontrado desacordado e delirante numa das ruas de um dos piores bairros de Londres. Dois rapazes o socorreram, e reconheceram a miniatura da pintura de Jane que você carregava. Logo, foi levado direto para ela. Nossa amiga o tratou, ou pelo menos tentou, pois a dosagem do remédio não fazia efeito e, com a sua piora, ela nos mandou chamar. Nesta ocasião, pudemos conversar um pouco.

— *Non* aceitou minhas desculpas.

— Ela me disse.

— Preciso falar com Jane novamente, Bastian. Quero o endereço.

— Ela se foi, Andree.

— Como assim *se foi*?

— Deixou Londres, não quis me contar para onde.

— Continuarei a procurar, irei encontrá-la nem que seja a última coisa que eu faça nessa maldita vida.

— Desista, *mon ami*. — Pousou a mão sobre o ombro de um francês inconsolado.

— Nunca! Você desistiria da mulher amada?

Sebastian torceu a boca.

— Não saberia responder. Nunca me apaixonei, logo, parâmetros são inexistentes.

— Sua hora vai chegar. — Levantou-se.

O visconde sorriu irônico.

— Nunca.

— Vou para casa, preciso de comida e um bom banho. Ficará por aqui?

— O dia inteiro. Estou com meu secretário infernizando meu juízo por causa de minha propriedade em Devon. Não aguento mais tanto problema. Hoje fico por aqui.

— Retornarei então.

Após o almoço, Cameron chegou tão desanimado quanto Jean Claude. Na tentativa de burlar a nuvem cinza que se instalara definitivamente sobre o clube, Bastian sugeriu algumas mãos de Bridge.

Cam examinou suas cartas pela milésima vez. Não que sua mão estivesse ruim, seu estado de espírito sim e estava prestes a piorar com a chegada de Andree, que se jogou no sofá mais próximo, agarrando a garrafa de conhaque da mesinha ao lado.

Sebastian suspirou.

— E lá vamos nós... — sussurrou desalentado.

— Alguma novidade?

Andree voltou a encher o copo, ignorando a pergunta de Cameron.

— Eu perguntei se você conseguiu alguma pista, *monseigneur* — rosnou arrastando a pronúncia típica das ruas de Dublin.

Sebastian suspirou novamente e resolveu intervir.

— Alguma pista, Andree?

— *Non*. — Tomou outro copo.

Cameron jogou suas cartas sobre a mesa, levantou-se, pulou para o lado e puxou Andree pelo colete até grudar seus narizes.

— Surdez seletiva? — grunhiu. — Ouve Bastian e não me ouve?

— Largue o meu colete, agora! — grunhiu praticamente em francês.

Aquela altura, os nobres presentes pararam suas atividades para assistir algo mais interessante.

— Qual o problema? Não pode ficar mais sujo que já está, conde de Trevand!

— *Non* fale de sujeira. Eu *non* vim das ruas — rebateu.

— O quê?! — Cameron puxou-o para mais perto.

Sebastian bateu com a testa na mesa e jogou suas cartas para longe.

— Eu disse que *non* vim das ruas. Sou nobre de berço, *non* precisei comprar ou ganhar meu título.

— Está insinuando que... — Cameron estreitou os olhos.

— Estou dizendo que *non* deveria estar aqui. Não é um de nós, logo *non* pertence ao clube.

Sebastian ergueu-se.

— Rapazes, agora chega — ponderou.

— Posso não ser nobre de berço, mas sou incapaz de enganar garotas inocentes para fodê-las e depois descartá-las como lixo!

— Eu amo Jane.

Cameron gargalhou.

— Você ama o seu pau! — rosnou.

Para Andree essa foi a gota d'água. Empurrou Cameron para trás e acertou-lhe um cruzado de esquerda.

O irlandês cambaleou caindo sobre a mesa de jogos que se quebrou carregando fichas, copos e cartas.

Sebastian deteve Jean Claude, enquanto o marques de Moorenmore e o barão de Ramsbury erguiam um lorde ainda tonto que empurrou os braços solícitos que os apoiavam.

Bastian aproveitou, abriu a boca para contemporizar, mas foi atropelado.

— Nomeie seus padrinhos, *Vossa Desgracesa!* The Ring em dois dias, seis da manhã! — Cameron continuou batendo nas mãos que tentavam segurá-lo.

— Senhores! — Bastian conseguiu se enfiar entre os dois. — Cameron... Jean Claude, por favor! — gemeu erguendo as mãos.

— *NON!*

— *NÍ!* [\[6\]](#)

Sebastian jogou a cabeça para trás e mirou o candelabro acima. Se tivesse sorte, talvez ele caísse sobre os três e acabasse com toda aquela agonia de vez.

— Bastian? Será meu padrinho? — Andree perguntou.

— Será o meu? — Cameron o encarou.

O pobre visconde de Riverdall agarrou os cabelos outrora perfeitamente arrumados, agora não mais.

— Somos amigos por anos, senhores. Somos irmãos, uma unidade, uma irmandade e se quiserem se matar, não contem comigo! — sentenciou saindo do salão batendo os pés, sendo seguido por Cameron logo depois.



The Ring, dois dias depois.

Os anos passaram, mas teimosia masculina de lavar a honra em um campo de batalha não. The Ring fora o auge dos encontros entre desafetos, a maioria acabando em morte, porém, com o passar do tempo, a polícia aprendeu a monitorá-lo a fim de flagrar aqueles mais exaltados que ousassem desobedecer à ordem de Vossa Majestade: duelos estavam terminantemente proibidos no Reino Unido assim como nas colônias e quem fosse pego com a boca na botija, sofria as sanções da lei, nada agradáveis. Poucos se aventuravam em desafiar as autoridades debaixo de seus bigodes vitorianos. A maioria migrara o hábito para as periferias da cidade.

Em relação ao local? Ele não passava de uma área circular, ladeada por árvores (daí seu nome, O Anel) no centro de Londres, mais precisamente em Hyde Park, do outro lado do Rio Serpentine, não muito distante de Rotten Row, onde a elite londrina passeava despreocupada em charretes elegantes e cavalos garbosos.

Presentes, Phillip Carmichael, conhecido por intermediar todos os duelos realizados desde que nascera (dizem que o mesmo foi o responsável pela disputa de uma mamadeira entre irmãos gêmeos). Carmichael era conterrâneo de Cameron, ambos nascidos em Dublin, ambos lordes. Além dele, como padrinho e também irlandês, lorde O'Callaghan de Arranmore Isle. Do outro lado, um francês andava irrequieto em volta de seu padrinho, Phillipe Marie Dubois, barão de La-Doucette, primo em terceiro grau de Jean Claude. No meio deste caos, encostado a uma árvore e com cara de poucos amigos, ao lado de seu médico particular, o visconde de Riverdall cavoucava o chão com a bota pela enésima vez.

Os padrinhos foram convocados a examinar as armas a serem utilizadas. Depois de apurada verificação, retornaram aos seus lugares.

Sebastian deixou seu posto e aproximou-se do território irlandês.

— Cam, homem, sempre o considerei uma pessoa inteligente e sensata, apesar desse seu jeito pateta de ser.

— Devo agradecer? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Por Saint Patrick, Cam... Você sempre foi um exímio atirador, o melhor da turma, pense no que está prestes a fazer.

— Deveria ter perguntado isso ao idiota adiante, antes de abrir a boca e me desacatar.

— Somos irmãos... — Sebastian pousou a mão no ombro à frente.

— E você é repetitivo — resmungou.

— Conseguirá realmente mirar o peito de seu melhor amigo e puxar o gatilho depois de tudo que passamos por esses anos juntos?

O irlandês trincou o maxilar.

— Vá tentar contemporizar na França. — Empurrou-o para longe.

E Sebastian foi.

— Jean...

Andree olhou os galhos da árvore acima e bufou.

— Por Joanna D’Arc, *mon ami*...

A menção da Santa arrancou-lhe um sorriso fugaz.

— *Oui*?

— Devo lembrar-lhe que Cameron é exímio atirador? O que pretende fazer?

— Seguir na busca da mulher da minha vida depois que esta idiotice toda acabar.

— Poderá morrer, já pensou nisso?

Andree mirou o entorno. Os primeiros raios de sol furavam a névoa que os encobriam emprestando ao lugar uma atmosfera surreal. Estava frio, com certeza seria um belo dia para morrer... ou matar.

— Sem tempo para morrer agora. — Sorriu batendo suavemente no rosto do amigo. — Algum dia talvez, hoje *non*. Ah, estão me chamando.

Sebastian cruzou os braços, irritado por sua inabilidade como mediador. Afastou-se da linha de tiro.

— Bom dia, Vossa Graça.

— Bom dia, lorde Carmichael.

— Bom dia, lorde O'Shea.

— Bom dia, lorde Carmichael.

— Existem algumas normas a serem respeitadas como devem saber; o duelo só terminará quando o primeiro sangue for derramado. Caso os dois participantes permaneçam ilesos e não aceitem um comum acordo de finalização, o duelo passará para uma próxima rodada, fui claro?

— *Oui.*

— *Tá.* [\[7\]](#)

— O Ofendido, lorde O'Shea aceitará as desculpas do Ofensor, Vossa Graça Andree Du Marilac, caso o mesmo se retrate?

— *Ní.*

— Seis passos, tiros simultâneos, então.

Ambos se encararam por alguns segundos, depois seguiram para lados opostos.

A contagem começou.

Cameron não conseguia concatenar um pensamento, sua mente em branco só ordenava que andasse.

Jean Claude não conseguia parar de pensar em Jane.

— *Der'mo!* [\[8\]](#)

Sebastian girou o corpo a tempo de ver Alexander saltar do cavalo ainda em movimento.

— Sacha! — exclamou aliviado.

— Mas que porra é essa? — Apontou. — Pode me explicar essa sandice?

— Nem eu mesmo entendo. — Abraçou o amigo.

— Tudo bem que Cameron tenha algo de errado em sua cabeça dura irlandesa. É de família, eu

entendo; e que Andree seja tão estúpido e lesado quanto Napoleão foi ao invadir a Rússia. É mal do país mesmo, mas chegar a esse ponto?! — Ergueu o braço. — E ainda temos plateia. — Apontou para um grupo de árvores mais afastado.

A contagem acabou.

Um silêncio funesto baixou ao redor.

Cameron ergueu sua pistola.

Jean Claude ergueu a sua e mirou.

Nada aconteceu.

Cameron franziu o cenho; não podia. Simplesmente não podia atirar. Não era um desafeto, não era um marido traído ou qualquer reles ser humano do outro lado da linha de tiro; era Jean Claude, seu amigo, seu parceiro, seu irmão. Lentamente baixou a pistola arrancando alguns suspiros aliviados bastante audíveis.

— *Cac, mo brathair*, [\[9\]](#) eu não posso... — murmurou com um pequeno sorriso.

Um tiro ecoou.

— Andree! — Sebastian gritou em uníssono com Alexander.

A pistola em sua mão caiu ao seu lado, ele ergueu os olhos para Jean Claude que ainda apontava a arma em sua direção. Depois, sua mão alcançou a área em seu ombro que mais parecia a filial do inferno. Sentiu algo escorrer por sua camisa, sua mão saiu manchada.

Sangue.

Ele balançou a cabeça, confuso.

Suas pernas falharam em sustentá-lo. Seus joelhos cederam, ele caiu lentamente na direção da folhagem abaixo.

— Por quê?! — arfou, enquanto era atendido pelo médico de Sebastian.

Segundos antes, Jean Claude chegara a uma triste conclusão: Não atiraria. Incapaz de matar seu melhor amigo, ele esperou pela bala certa que não veio. Ao contrário do que imaginara, sentiu o deslocamento de um projétil passando por cima de seu ombro esquerdo, vindo de trás. Depois viu Cameron cair no chão e sua camisa se tingir de um rubro profundo. Automaticamente girou o corpo à procura da origem do tiro.

— Como pode?! — Sebastian arrancou a pistola de sua mão. — Cameron baixou a arma, Andree, como pode atirar mesmo assim?!

— *Non!* Eu *non* atirei! Eu *non* atirei! — gemeu.

Alexander acercou-se.

— Não foi ele. — Mostrou o projétil intacto para o russo. — Não foi ele! — Quase gritou para todos ouvirem e mostrou a pistola para Carmichael, lorde O’Callaghan e para o barão de La-Doucette.

Um garoto veio correndo e cochichou no ouvido de Carmichael.

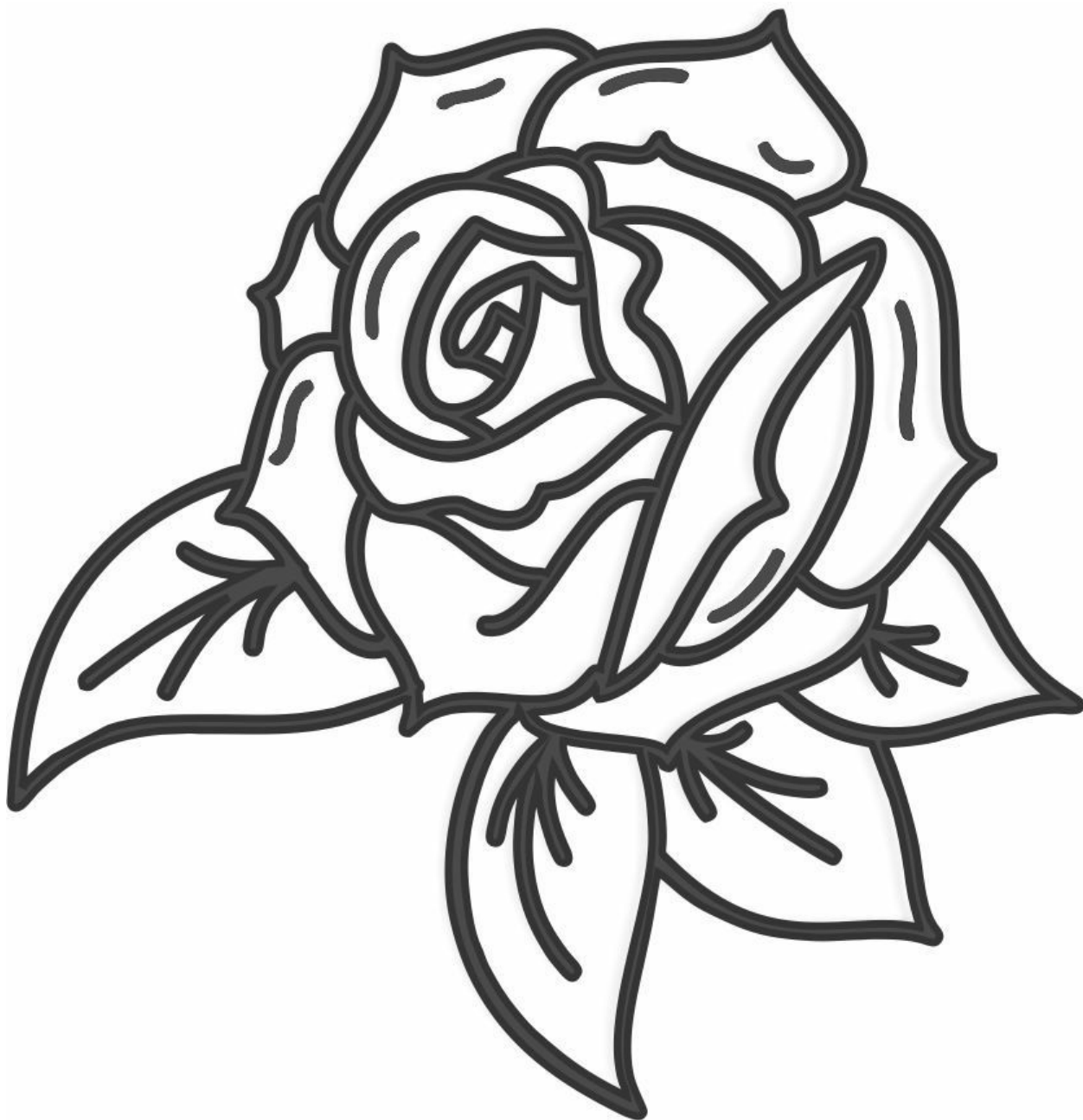
— Senhores, precisamos ir; alguém ouviu o tiro e alertou os policiais da área.

A movimentação frenética fez a maioria desaparecer como por encanto. Sebastian pegou Cameron no colo, enquanto Alexander puxava um francês atordoado pelos acontecimentos.

— Para minha casa. — O visconde gritou entrando na carruagem depois de passar Cameron para o médico segurar.

— Seguirei vocês. — Alexander montou.

E assim *The Ring* voltou à sua passiva rotina de pássaros, borboletas e alguns afortunados esquilos, com as gotas de sangue sendo encobertas pelas folhas do outono tardio.



4

A carruagem seguiu o mais rápido que pôde, com Cameron sendo sacudido de um lado para outro, sangrando por entre os dedos competentes do Dr. Rutheford irritado por não entender a razão do mesmo.

Até chegarem, Cameron ser instalado, despido, limpo e a bala retirada, já havia perdido um

considerável volume de sangue. Enquanto isso, Alexander tentava conter um francês desesperado com os acontecimentos. Entregou um copo de *brandy* para Andree, cujo conteúdo desapareceu num único gole.

— Eu *non* atirei... — sussurrou mirando o fundo do copo vazio.

— Nós sabemos. — Alex serviu-lhe mais uma dose.

— *Non* atirei, Sacha — repetiu pela milésima vez. — Era Cameron do outro lado. Que tipo de homem eu seria se matasse meu irmão de coração?! — Deteve seus lamentos quando Sebastian entrou na sala.

— Então? — perguntaram em uníssono.

O visconde serviu-se de uma dose generosa da bebida. Mangas arregaçadas, sem colete, com uma soturna mancha de sangue na agora não mais impoluta camisa, desabou no sofá ao lado do aparador.

— A bala quase quebrou-lhe o osso. — Apontou para sua clavícula. — Porém muito sangue foi perdido sem que Rutheford descobrisse a razão. — Suspirou cansado. — As próximas horas serão decisivas para nosso amigo. — Tomou o conteúdo do copo em dois grandes goles e gemeu com a ardência do álcool. — Se pelo menos Jane estivesse aqui...

— Eu *non* atirei. — Andree pousou a cabeça entre as mãos.

Alexander balançou a sua, condoído.

— Nós sabemos, Jean. Sua pistola manteve o projétil intacto, não foi disparada. Alex e eu constatamos, depois Carmichael e todos. Acho que possivelmente nosso irlandês deixou alguma brecha em relação a uma de suas amantes. Isso foi coisa de marido traído, assim como aconteceu com Sacha.

— Mas como esse hipotético marido corneado saberia do duelo? — Alex ponderou.

— No White's. — Sebastian tomou o resto do *brandy*. — Esses dois deram um espetáculo à parte para quem estava no salão de jogos.

— Entendi... — Pousou a mão no ombro do francês. — Vou buscar Joanne. Ela deve estar aflita com minha saída intempestiva e vai querer ajudar.

— Sim... — Sebastian se espreguiçou. — Trará Irina?

— Melhor deixá-la em casa. — Alexander sorriu maldoso. — Muitas crianças juntas só darão mais trabalho. — Apontou para Jean Claude e na direção de onde Cameron estava.

Sebastian riu.

A noite veio e com ela Joanne, que tomou as rédeas da situação mesmo sem pedir licença ao dono da casa: Enxotou Sebastian para seu próprio quarto, ordenando que descansasse e acomodou Jean Claude em outro, já que o francês se negou a sair de perto de Cameron. Enquanto Joanne providenciava que a refeição fosse reforçada para todos, Alex auxiliava o irlandês junto ao seu valete no que se fizesse necessário, incluindo enfiar dois pratos de Sofra goela abaixo de um lorde muito revoltado.

O dia seguinte veio, se foi e Cameron não apresentou febre.

— Pelo menos não precisaremos escaldá-lo como fizemos com Sacha. — Sebastian comentou durante o jantar.

Joanne gargalhou até serem interrompidos pela chegada do valete de Cameron.

— Vossa Graça, milorde O'Shea requer sua presença.

Jean Claude mirou os amigos e arrastou-se até o quarto.

— Cam? — perguntou num sussurro aflito.

— Jean...

A voz fraca e falha arrancou um arrepio em Andree que se acercou da cama parando ao lado do amigo perdido entre os lençóis, tão pálido quanto os mesmos.

— Estou aqui, *mon ami*.

— Amigos não atiram nos amigos...

Jean Claude caiu de joelhos ao lado do leito, agarrando a mão de Cameron.

— Eu juro, eu *non* atirei! — Arregalou os olhos.

— Estou morrendo... Será que dava para ser menos mentiroso?

— Morr... Morrendo?! — gaguejou.

— Sim... (tosse, tosse)

Cameron quase gritou de dor quando foi puxado com certa violência para os braços apavorados de Jean Claude.

— *Non* pode morrer... Você é *mon* melhor amigo, eu *non* atirei, *merde!* *Non* pode morrer, Camerom... *Vous êtes le frère de mon coeur, qu'est-ce que deviendrais-tu si tu meurs?* [\[10\]](#) —sacudiu-o.

— Ache Jane. (tosse, tosse)

— *Oui*, qualquerr coisa. *Quoi d'autre?* [\[11\]](#)

— Case-se com ela. (engasgo por ter sido apertado mais uma vez)

— *Mais je l'épouserai même si tu n'as pas demandé!* [\[12\]](#)

— Jura que vai?

— Jurro!

— Posso ser seu padrinho?

Andree soltou-o sobre os travesseiros, piscando confuso enquanto Cameron ria por entre caretas de dor.

— *Non* está morrindo? — Inclinou a cabeça.

— Para azar de muita gente, ainda não. — Ele respondeu ainda rindo.

— E me fez acreditar que estava morrindo parra quê?

— Você fica tão bonitinho quando entra em desespero... — Riu. — Os rapazes me contaram que você não atirou. Alexander viu alguns homens fora do *The Ring*. Eles acham que algum deles foi o responsável por eu estar aqui.

— Disse parra *moi* que estava morrindo só parra me fazerr jurrar que irria me casarr com Jane? — Recuou até bater com as costas na lareira.

— Faz ideia de quão é charmoso o biquinho que você faz quando começa a misturar inglês com francês?

— Bateu com a cabeça quando caiu? — Andree rosnou.

— Pensei que fosse ficar feliz em saber que estou melhor.

— *Non* quando você encarna o maldito espírito irlandês e começa a brrincarr com o sofrimento alheio!

Cameron ergueu as sobrancelhas.

— Foi a maneira que encontrei de ajudá-lo a sentir-se menos miserável que o homem descrito por Sacha e Bastian.

— Quase me matando do corraçon?! — gesticulou irritado.

— Seu corraçon é forrte, *mon ami*... — Cameron gargalhou. — Pode me dar uma dosagem de láudano? Creio que tenha me abraçado forte demais... — Deixou escapar uma careta de dor.

— Claro! — Estreitou os olhos pensando em derramar metade do vidro na água, mas teve uma ideia melhor. — Já jantou?

— Ainda não. E o láudano?

— Trarei uma *soupe*, depois o remédio. — Saiu antes que Cameron tivesse tempo de rebater e encontrou com Alexander vindo pelo corredor com Joanne.

— Madame... — Beijou-lhe a mão. — Dar-me-ia a imensa honra se preparasse aquela *soupe de votre grand-mère*? [\[13\]](#)

— Cam já tomou dois pratos hoje.

— Mas ele precisa de pelo menos mais dois... — Sorriu diabolicamente.

Joanne mirou o francês, depois o marido.

— Tenho uma panela cheia dela — comentou tentando não rir. — Eu mesma irei pegá-la. — Saiu.

— O que Cameron fez? — Alex sorriu.

— Disse que estava morrendo e eu quase acreditei.

— Está misturando duas línguas, sabe?

— Tanto faz. — Voltou a sorrir. — Precisarrei de sua ajuda quando a *soupe* chegar.

— Acha mesmo que eu perderia isso?!

Não demorou muito, Joanne reapareceu com uma bandeja. A porta do quarto foi aberta, o leito vazio.

Jean Claude sorriu vingativo. Apontou para baixo da cama, pediu licença, retirou o colete e mergulhou no mesmo esconderijo por ele usado quando chegaram a Londres.

— Oh! Eu achei um coelhinho assustado... — Riu agarrando o tornozelo mais próximo e levou com o outro pé na cabeça.

— Desgraçado francês... — O sotaque irlandês se fez mais forte. — Eu não aguento mais tomar essa merda de sopa!

— Ei, há uma dama presente no cômodo, cabeça de trevo! — Alex agachou-se.

— A dama em questão não se importa com palavrões. Contudo, palavras não o livrarão de tomar a sopa que eu tão carinhosamente preparei. — Ela comentou, sentando-se na poltrona mais próxima.

— Mas eu já tomei cinco pratos! — Ele gemeu girando o corpo na tentativa de escapar das garras francesas.

— Vai tomar outro por ter sido descortês com minha esposa. — Alex conseguiu dar a volta na cama, jogou-se no chão e começou a empurrá-lo ao mesmo tempo em que Andree o puxava.

— São dois contra um inválido, porra! — Debateu-se. — Perdão, Joanne.

— Sopa! — Ela sorriu.

— Nãoooooo! — Conseguiu chutar o nariz de Andree que recuou momentaneamente.

— Está sangrando? — Ergueu a cabeça para fora da área do leito a fim de que ela pudesse examinar.

— Ainda não. — Sorriu.

Ele piscou para ela e mergulhou novamente atrás de sua vítima.

— Sai já daí, seu comedor de batatas! — rosnou livrando-se de levar outro chute no nariz.

— Nem se uma *Banshee* gritasse em meu ouvido aqui ao lado! — Debateu-se novamente com uma careta de dor.

— Prefere ficar com dor, mexendo-se como uma minhoquinha desprezível a tomar um mísero prato de sopa? — Jean finalmente agarrou um tornozelo.

— Não sopa... Sofra. — Alex riu e o empurrou um pouco mais na direção de Andree.

— Prefiro o Inferno! — Tentou agarrar-se ao tapete quando sentiu ser puxado. — Prefiro ser arrastado por um *Kelpie* ou ser seduzido por uma *Leanan Sidhe*... — Segurou-se precariamente ao pé da cama. — Até mesmo roubar o ouro de um *Leprechaun*... — gemeu alto quando o braço imobilizado bateu na lateral do leito enquanto era suspenso por Jean Claude.

— Não é tão ruim assim... — Alex saiu debaixo da cama, descabelado.

— Já disse, o *Representante do Inferno*! — Ele resmungou ao ser forçado a sentar-se. — Preciso de láudano!

— Depois da sopa. — Joanne levantou-se e entregou o prato para Jean que manteve uma mão esticada, enquanto a outra mantinha Cameron no lugar. — Quanto mais rápido tomar, mais rápido gozará dos benefícios entorpecedores do remédio.

— Duvido muito – resmungou, esfregando o braço com uma careta de dor. Parou, olhou os amigos, depois a colher esticada em sua direção. Abriu a boca; Jean Claude aproveitou e enfiou a colher antes que ele se arrependesse.

O conteúdo bateu em suas pobres papilas gustativas que entraram automaticamente em desespero, para depois ser despejado sobre Andree.

— Você cuspiu em mim! — Ele recuou devidamente babado.

Alexander gargalhou.

Joanne tomou-lhe o prato, enxotou Jean Claude que se esfregava com uma toalha limpa achada perto da poltrona. Sentou-se calmamente à beira da cama, encheu a colher e a dirigiu para a boca trancada mais próxima.

— Cameron? — perguntou com um sorriso.

— Humhum! — respondeu com os lábios apertados.

— Vai cuspir em mim também? — Ela inclinou a cabeça com um ar doce estampado no rosto.

— Prefiro mil vezes quando briga comigo a ter que aturar esse seu ar de anjo caído. — Alex encostou-se à guarda da cama.

— Cam? — Ela continuou sorrindo.

— Não é justo! — Ele deixou escapar e calou-se quando a colher invadiu o que tão desesperadamente tentava manter lacrada.

Joanne esperou.

Cameron não engoliu.

Joanne estreitou os olhos.

Cameron arregalou os seus.

Ela torceu o canto da boca e encheu novamente a colher.

Ele afundou um pouco mais no travesseiro.

Alex, ao lado, fechou a cara.

Jean Claude, do outro, aproximou-se.

Pensando que seria agarrado, Cameron reagiu rápido para gritar, mas esqueceu-se da boca cheia. Resultado: três quartos da sopa saíram por seu nariz de uma forma nada elegante.

Joanne recuou no momento certo.

Cameron engasgou-se.

Alexander bateu em suas costas, forte o suficiente para que seus pulmões saíssem pelo nariz também.

Andree caiu de joelhos rindo.



Dois meses depois, baile do marquês de Colborne

Alexander sorriu observando Joanne arrumar, ou melhor, tentar arrumar os cabelos de Charlotte, a irmã mais nova, em sua segunda temporada. Assim como os cachos debelados em sua prisão de grampos e presilhas, a garota simplesmente não parava quieta.

— É a segunda dela, *n'est pas*?

Ele virou-se para o amigo ao lado.

— *Kukla* rogou uma praga. Pelo que me contou, Charlotte costumava rir da irmã dizendo que não conseguiria pretendentes e morreria soltei... soltei... — Ergueu a mão.

— Solteirona. — Cameron parou ao lado de Andree. — Solteirona e cheia de gatos.

— Pelo jeito a praga pegou. — Andree riu maldoso.

— Praga de irmã pega — Cam ponderou. — Eu sei...

Os dois amigos o olharam.

— Esqueceram, parvos?! Eu ainda tenho uma irmã pelo que me conste.

— Eu não sabia. — Alex franziu o cenho.

— Eu sim... — Jean balbuciou por trás da taça de champanhe com um pequeno e misterioso sorriso nos lábios.

— Então? Novidades? — Sebastian aproximou-se capengando.

— Tirando o fato da baronesa D'Orange quase tê-lo deixado sem os dedos dos pés? — Cameron riu baixinho.

Alex suspirou em meio a um sorriso mirando seus amigos.

— Eis que a Irmandade se faz unida mais uma vez — comentou satisfeito. — Trouxeram suas rosas, cavalheiros?

Sebastian olhou para Cameron, que olhou para Andree, que olhou para Alexander, que ergueu a mão em sinal de rendição.

— Não mais rosas negras para este que vos fala. Se a guerra não me matou, certamente Joanne o faria.

— Pobre alma fadada ao aconchego de um lar, filhos e os braços amorosos da mulher amada...
— Cameron troçou.

— Filhos?! — Andree arregalou os olhos.

— Em franca produção. — Sacha riu.

— Trocando de assunto, como está a contagem? — Bastian pegou uma taça da bandeja que passara.

— Depois de tudo que nos aconteceu, deplorável, irmão — Cam respondeu.

— Quem? Nós ou os números? — Andree ergueu as sobrancelhas.

— Os números — rebateu com uma careta. — Em primeiro lugar, desbancando o já então desbancado Grão-príncipe comedor de pepino com caviar e outras *personas non gratas*, o humilde servo da aristocracia nascido nas verdes colinas da Ilha Esmeralda, mui saboroso, dotado de rico linguajar musical, além de possuir um charme irresistível, eu.

Os amigos reviraram os olhos. Cameron ignorou-os e continuou.

— Logo atrás, por uma diferença nada indiferente, porém substancial, o representante dos croissants e brioches, que mui nos enobrece com sua presença no campo de caça, apesar de sua covarde desistência em procurar pela mulher que dizia amar...

— *Non* desisti, asno irlandês; só preciso liberar, momentaneamente, muita energia acumulada.

— Energia acumulada... — Alex riu. — Mudou de nome, é?

— Por que a irmã de Joanne está chorando? — Bastian inquiriu curioso.

— Segunda Temporada. Nenhum pretendente. — Sacha torceu o canto da boca.

— Ei, Bastian está em último lugar na contagem. — Cameron começou.

— E daí? Não significa que precise seduzir a garota — Sebastian rosnou em retorno.

— *Non* sedução. Você poderia dançar com ela.

— Sim... — Cameron se animou.

— Não! — Bastian rebateu.

— Cortejá-la um pouquinho, com certeza chamaria atenção dos outros machos idiotas da área. — Alex voltou a ponderar.

— Eu?! Cortejar Charlotte?! — Quase gritou num tom muito parecido a um gato sendo esganado.

— Está chamando minha cunhada de abominável criatura?! — O russo fechou a cara.

— Claro que não! — O inglês apressou-se em responder.

— Então, corteje-a! — Andree empurrou Sebastian para frente enquanto Cameron retirava a taça de sua mão.

— Tudo bem! — bufou erguendo as mãos. — Se é para ser, façamos isso de uma forma mais prazerosa. Se até o final do ano, Charlotte conseguir um marido com minha ajuda, vocês pagarão com o melhor cavalo do plantel de cada um, mais precisamente duas éguas e um garanhão. Se não conseguir, deixarei com que Joanne me consiga uma esposa.

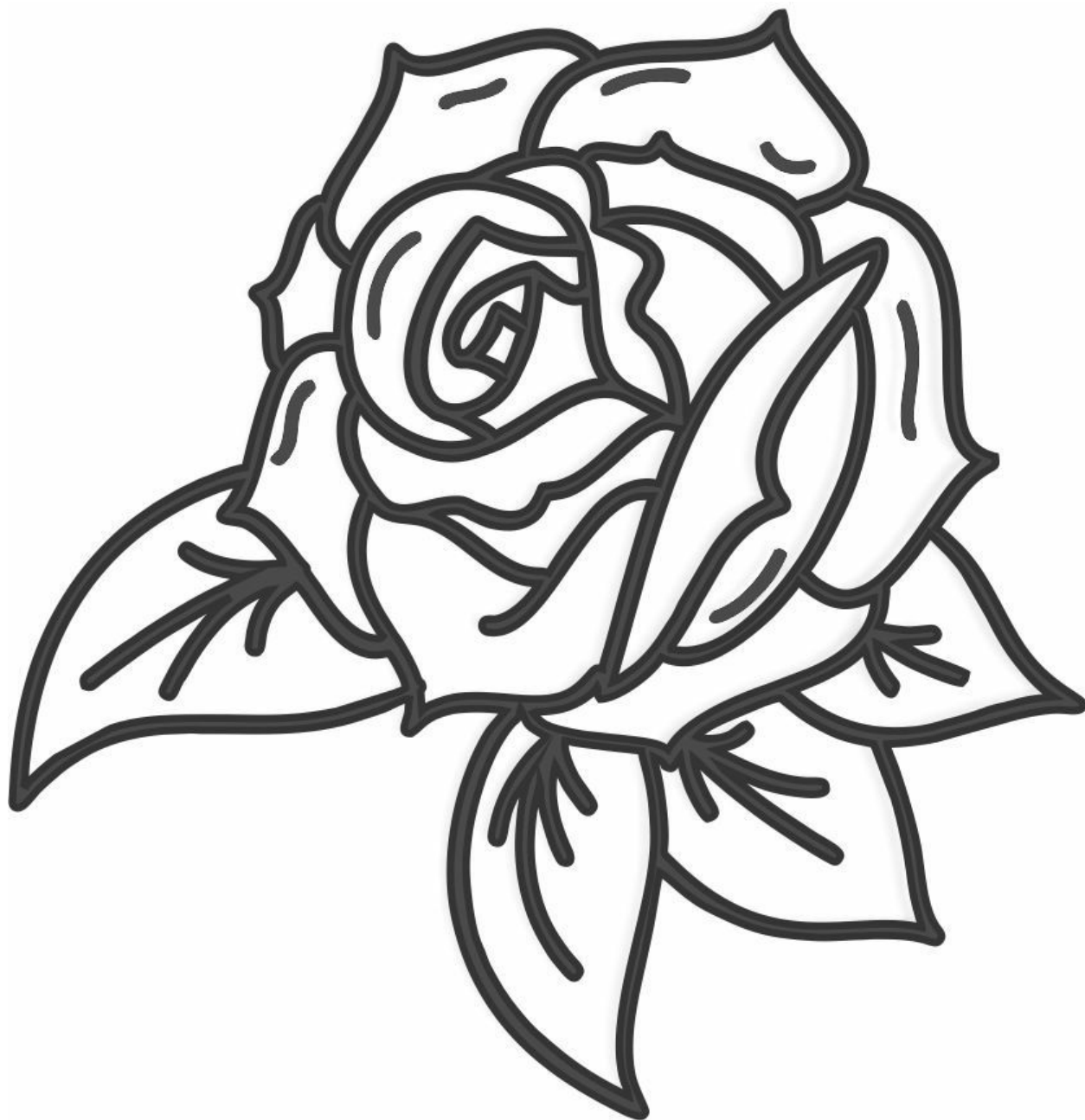
— Que autoconfiança tocante! — Cameron riu.

— Senhores, isso é claramente uma aposta; eu esfregaria as mãos se ainda tivesse a que perdi.

— Fechado! — Os três responderam em uníssono e Andree empurrou Sebastian um pouco mais.

— Porém, sem registro no livro de apostas do White's, só no da Irmandade.

— Fechado! — Todos concordaram.



5

Do outro lado do salão, Joanne acabou de secar as últimas lágrimas da irmã.

— Veja o lado bom, Lottie. Se *eu* consegui um marido, você não tem porque se desesperar.

A garota suspirou.

— Eu sou uma abominável criatura desprovida de qualquer atrativo... — soluçou.

— Será se começar a chorar novamente e seu nariz se transformar em um grande morango maduro. — Esticou-lhe o lenço.

— Ninguém dançou comigo... — soluçou novamente.

— Dançou com Leonard, Matthew e com papai, além de Alex.

— Eles são família... — murmurou entredentes. — *Ninguém* dançou comigo! — soluçou com mais vontade.

Joanne bufou, observando o salão lotado.

— Quero ir embora — a caçula choramingou. — Estou com dor de cabeça.

— Ah, não! Só eu tenho direito à *enxაცრეცას*. Não vai me copiar, mocinha! — Joanne sorriu. — Oh, um cavalheiro se aproxima. Sorria, sua boba!

Sebastian parou, inclinando-se em saudação.

— Grã-princesa, srta. Needlethorn.

Joanne riu baixinho por conta do tratamento formal. O que os rapazes maquinaram dessa vez?

— Visconde de Riverdall — Charlotte sussurrou.

— Olá, Bastian. — Joanne quase riu mais alto.

— Poderia a Grã-princesa consentir que a nobre dama sob sua tutela me honrasse com uma dança? — Esticou a mão na direção da garota.

Joanne olhou para o amigo com carinho, depois para a irmã boquiaberta e paralisada e de novo para o amigo, agora com uma sobrancelha erguida em espera.

— Charlotte... — Enfiou o cotovelo em suas costelas.

— O... Quê?! — gemeu em protesto.

— Seu caderninho de danças — sussurrou.

— Ah... — Começou a puxá-lo da luva.

— Esta Grã-princesa consente que o valoroso e mui cavalheiro visconde de Riverdall dance com a dama sob minha tutela até ela abrir um ou mais buracos na sola das sapatilhas. — Riu por trás do leque aberto. — Charlotte!

A garota enroscou o cordão que atava o caderninho ao pulso no botão da luva e agora tentava desesperadamente arrancá-lo ou ao botão em questão.

— Permita-me... — Sebastian inclinou-se e, em dois movimentos, tomou posse do caderno. Abriu-o engolindo um murmúrio. — “*Vazio!*” — pensou irritado. — “*Bando de tolos idiotas!*” — matutou enquanto rabiscava furiosamente. — Pronto, milady. — Devolveu o pertence. — Creio que a próxima dança seja nossa. — Jogou as mãos para trás oscilando o corpo, sentindo antecipadamente o prazer inenarrável em jogar a idiotice da aristocracia na cara da própria.

Charlotte permaneceu boquiaberta com o caderninho nas mãos; não por muito tempo.

— Deixe-me ver. — Joanne tomou-o e abriu. Conforme as folhas eram viradas, o ar de espanto em seu rosto crescia. Mirou o amigo e aproveitando-se do ar apalermado da irmã sussurrou. — Bastian, você marcou *todas* as danças!

Ele sorriu maroto.

A contradança terminou, alguns pares começaram a dispersar, novos se encaminharam para a pista. Sebastian inclinou-se com a mão esticada para a ainda boquiaberta Charlotte.

— Srta. Needlethorn? Nossa dança.

Ela olhou para a luva adiante, depois para o dono da própria sem saber o que fazer.

— Vai, Lottie! — Joanne a beliscou.

A garota ergueu-se num pulo desajeitado, agarrando a mão enluvada e foi gentilmente conduzida até o meio do salão, sob os olhares atentos da aristocracia sedenta por fofocas quentinhas.

Os músicos tocaram os primeiros acordes. Charlotte arregalou os olhos, era uma valsa.

— Suponho que a nobre dama tenha permissão para valsar ou devemos retornar à Grã-princesa? — Manteve-se em posição de dança.

— Sou uma Needlethorn — respondeu com orgulho.

— Então... — Ele sorriu. — Sua mão aqui... — Pegou-lhe a mão pousando-a sobre seu ombro. — E a outra, aqui. — Sacudiu levemente a do braço esticado.

Charlotte pousou sua mão sobre a dele como um pequeno pássaro trêmulo ao ser cativo e arfou ao sentir o suave toque masculino em suas costas como se tudo aquilo fosse inédito.

Depois do terceiro giro, já somando três pisões, Sebastian resolveu quebrar o gelo.

— Se me permite dizer, está muito bonita hoje. Com certeza a mais bonita do baile.

Ela ergueu o rosto e piscou incrédula.

— Vossa Graça é um libertino. — Deixou escapar.

Longe de se aborrecer, Sebastian sorriu lascivo.

— Sou um homem sensível à beleza feminina. Um homem que acha que, quando encontrada, deva ser exaltada tanto quanto é merecedora de elogios; nesse caso, a sua beleza, senhorita.

— O... Obrigada. — Baixou os olhos e corou.



Perto da mesa com as bebidas, Leonard cutucou o pai.

— Puxa, enfim! — Suspirou satisfeito e aliviado.

— O que? — John perguntou.

— Lottie está dançando — informou animado.

Matthew que até então conversava com lady Duathair, girou a cabeça com tanta força que Leonard pensou que deslocaria o pescoço.

— PAI! — grunhiu.

John revirou os olhos.

— Vai começar tudo de novo... — Ele cantarolou baixinho.

— Pai, o senhor vai deixar?!

— Ela está dançando com um amigo da família — respondeu calmamente.

— Um libertino! — Matthew quase cuspiu.

— Dançando, idiota. Não perdendo a virgindade. — Leonard por pouco não gargalhou alto.

— A não ser a dos pés. — John completou irônico. — Além do mais, a última vez que você reclamou, Joanne acabou noiva de Alexander, lembra-se?

— Minha vigilância deixou a desejar — resmungou irritado. — Não voltará a acontecer.

— Um chute nos ovos não foi o bastante, cabeça de nabo? — Leonard provocou.

— Saberei manter distância dessa vez, contudo serei *eu* a zelar pelo bom nome desta família!

— Ai, Senhor! — John arfou balançando a cabeça negativamente.

— Pobre Charlotte... — Leonard riu.



Elizabeth, a marquesa de Needlethorn sentou-se na cadeira ao lado de sua mais velha, esticando os pés sob as sobressaias.

— Nossa, eu não aguentava mais lady Dinley falando mal dos vestidos de todo mundo, inclusive do seu. Logo quem, a mulher mais parece uma daquelas frutas exóticas, como é mesmo o nome? — Bateu com o leque sobre o lábio, pensativa. — Abacaxi! Sim, ela mais parece um abacaxi. — Riu e olhou para o lado. — Sua irmã, onde se meteu?

Joanne apontou com o leque.

— Ah, que bom!

— Sim, Sebastian é um verdadeiro cavalheiro.

— Fico feliz.

— A senhora não sabe o que ele fez.

— Oh, Senhor! O que foi?! — Inclinou-se para mais perto da filha.

— Sebastian marcou *todas* as danças do caderno de Lottie.

Por um momento Elizabeth transportou-se ao passado.

— Lembra-se que contei sobre Charlotte ter esse nome em homenagem à prima de John?

— Sim, mamãe.

— Pois bem. Antes de nos casarmos, em um baile não muito diferente deste, Charlotte teve seu caderninho de danças totalmente preenchido por um único nobre: James, o duque de Winkleigh, [\[14\]](#) amigo de John. Todas as danças, Joanne. Sabe como isso terminou?

— Suponho... — Sorriu.

— Os dois se casaram.

Ambas riram.

— Não me importaria se Lottie casasse com Bastian. Ele é um homem honrado de bom coração e daria um marido maravilhoso para ela. — Joanne observou o casal.

— Concordo. Na certa se isso ocorrer Matthew morrerá de vez. — Virou-se na direção do marido e filhos. — E a julgar pelo volume dos gestos desesperados do meu mais novo e cabeçudo rebento, Leonard e John terão trabalho dobrado para controlá-lo.

Joanne voltou sua atenção para o casal na pista e de repente foi como se uma cortina pesada tivesse sido afastada, deixando o sol entrar num quarto muito, muito escuro. Um sorriso aterrador brotou no canto de sua boca e se espalhou pelos lábios.

— Sabe de uma coisa, mamãe?

Elizabeth piscou surpresa. Havia claramente algo sendo construído na cabeça de sua mais velha, ela até conseguia ver as engrenagens se encaixando uma a uma.

— O quê?

— Talvez essa seja uma boa ideia — comentou abrindo e fechando o leque.

— Joanne Miranda Lilly Needlethorn etc,etc, Romanov, veja lá o que irá aprontar — alertou-a francamente se divertindo com as possibilidades futuras.

— Francamente, mamãe! — Fingiu indignação com um ar dramático. — Conversarei com Sacha hoje à noite. — Sorriu mais uma vez.



Wrington, Somerseth.
Dia anterior...

Ela era uma coisinha pequena. Aparentava fragilidade; daquelas que fazem qualquer homem estufar o peito, esticar os braços para enlaçá-la e não a soltar pelo resto da vida. Só aparentava. A verdade era que a srta. Boreen demonstrava uma coisa, mas no fundo era outra, assim como um exemplar de *Drosera anglica* que mantinha em sua estufa: pequena e sedutora o suficiente para atrair insetos sedentos, com lindos pedúnculos repletos de atraentes e brilhantes gotas que se assemelhavam a água, porém mortais quando os mesmos se fechavam ao redor da pobre vítima, que não podia fazer mais nada além de ser digerida lentamente por quem a cativara. Daniel O’Sullivan sentia-se assim todas as vezes que se dirigia à pequena fazenda de flores para à qual fornecia sementes, mudas e consultoria.

Afinal, não estudara Botânica em Cambridge sem ter um objetivo futuro. Bom, o objetivo futuro fora alcançado com a compra de uma propriedade rural e a construção da estufa dos seus sonhos. Seu novo objetivo, porém, encontrava-se parado do outro lado do balcão da floricultura, aparentemente absorta em pensamentos, enquanto seus pequenos dedos acariciavam as pétalas de uma delicada orquídea grená, fruto orgulhoso de um trabalho insano dele. Se ao menos ela soubesse que deu seu nome ao descobrir uma nova espécie, batizada pela Botanic Society of Britain & Ireland, como *Ophrys boreenenses*, mas não, O'Sullivan permaneceu calado e, como na maioria das vezes, permitiu-se à nobre arte da contemplação.

Analisando cientificamente: algo o impedia de cortejá-la? Por Deus, não. Ele era um bem-sucedido botânico de 36 anos, viúvo sem filhos. já que Sua amada Seraphine (que Deus a tenha!) o deixara no parto do seu filho natimorto quando do parto e lá se iam bons dez anos; muito tempo para um homem cujos relacionamentos se restringiam às suas briófitas e pteridófitas.

Suspirou mais irritado consigo mesmo do que com a falta de atenção da dama à frente.

— Srta. Boreen? — perguntou em tom suave.

Nada.

— Srta. Boreen! — Franziu ligeiramente o canto da boca. Daria qualquer coisa para apagar os traços de tristeza impressos no adorável rosto dela. Com certeza alguém a magoara e ele usaria alegremente sua tesoura de poda no pescoço de quem o fizera. Desconfortável, tentou mais uma vez.

— Srta. Boreen! — Pousou sua mão sobre aquela que ficara no balcão.

O contato foi o suficiente para trazê-la à tona do poço de melancolia que mergulhara.

— Milorde? — Franziu o nariz, envergonhada. — Perdão... — Mirou a mão sobre a sua para puxá-la logo depois. — A orquídea é linda, obrigada por trazê-la para que eu visse.

— Trouxe-a para a senhorita. — Balbuciou.

Ela piscou confusa.

— Para mim?!

— Sim. — Deixou escapar um sorriso satisfeito.

— Não creio que...

— Por favor... — Ampliou o sorriso e virou-se para cumprimentar John que entrara trazendo alguns vasos.

Jane aproveitou para observá-lo. Ele era um homem vistoso; alto, cabelos tão negros quanto às asas dos corvos da Torre de Londres, queixo quadrado, forte, grandes olhos de um estranho cinza azulado... Ou seria azul acinzentado? Não importava; ele era bonito, bonito e viúvo pelo que Caroline descobrira; sem filhos, rico e lorde, então o que cargas d'água um aristocrata fazia enfiado no campo

longe dos atraentes salões londrinos? Sorriu.

Daniel sentiu seu coração acelerar. Definitivamente o sorriso dela iluminava a escuridão de sua alma.

— Obrigada, milorde. — Baixou os olhos e corou.

“*Definitivamente linda!*” Daniel pensou.

— Jane?

Ela virou-se.

— As pranta qui pediu.

Ela pegou um dos vasos, afastou a orquídea e pousou-o na frente dele.

— Estou com problemas. As mudas de peônias não estão se desenvolvendo como deveriam.

— Deixe-me ver... — Puxou um par de óculos do bolso do casaco, ergueu o vaso a altura dos olhos e não tardou a achar o culpado. Nesse caso, os culpados.

— *Periphyllys acericula*. — Estreitou os olhos. — Temo que exista uma infestação desses pequenos patifes nos canteiros de peônias. — Puxou outro vaso com o mesmo problema.

Jane, preocupada, correu os dedos pela testa.

— Poderia traduzir?

— Pulgões. — Sorriu condescendente. — Eles sugam a seiva das plantas e são uma praga. — Ela arfou. — Porém, você me trouxe um problema e que botânico eu seria se não possuísse a solução? — Sacou uma pequena caixa perfurada do bolso do colete e a abriu com cuidado. — Observe... — Retirou um pequeno inseto de dentro e o pousou perto de um dos desafortunados pulgões que foi prontamente atacado e devorado.

— Oh! — Ela sorriu.

— *Propylea quatuordecimpunctata*. — Riu orgulhoso de sua vitória.

— Joanelha? — Ela inclinou-se para ver melhor sua nova defensora devorando alegremente outro pulgão.

— Sim! — Sorriu satisfeito com sua filha de seis patas e pintas. — Eu as crio na fazenda. São predadores naturais de muitas pragas, logo, minhas plantas possuem um exército de pequenas guerreiras para defendê-las, além de serem insetos decorativos.

— “*Ladybug, ladybug fly away home, your house is on fire and your children are gone,*

All except one and that's little Ann, for she crept under the frying pan.” [\[15\]](#) — Jane cantarolou uma antiga cantiga infantil, soprando o inseto que pousara em sua mão. — Não querendo ser curiosa, milorde, mas sempre carrega joaninhas nos bolsos? — Inclinou a cabeça na direção de Sarah, que apareceu com um bule de chá e uma bandeja repleta de sanduíches e uma linda torta.

— Nunca se sabe quando uma dama em perigo necessitará de socorro. — Sorriu mirando a bandeja com olhos gulosos.

— Chá? — Apontou para a mesa arrumada.

— Adoraria. — Dirigiu-se para lá e puxou a cadeira para ela, sentando-se logo após.

— Como gosta de seu chá?

— Puro sem açúcar, obrigado.

Ela o serviu com gestos tão suaves e precisos que ele se perdeu em cada movimento que fazia. Com certeza tivera uma educação esmerada.

— Obrigado. — Recebeu a xícara. — Poderia trazer um número propício de joaninhas para espalhá-las pelos campos de flores, não só nos de peônias.

— Seria bom, muito bom. — Passou um prato com uma fatia generosa de torta para ele.

— Quanto mais cedo as soltarmos, menores serão os prejuízos.

— Quando poderia trazê-las?

— Hoje à tarde, se quiser.

— Ótimo! — Sorriu satisfeita. — Quanto lhe devo?

— Acesso direto aos campos. Gostaria de estudá-los e recolher alguns espécimes.

Jane ergue as sobrancelhas.

— Nossa pequena fazenda está aberta à milorde por quanto tempo achar necessário.

Daniel sorriu por trás da xícara de chá.



Baile do marquês de Colborne,

Com o fim da valsa, Sebastian conduziu Charlotte até sua irmã, agora em companhia da marquesa sua mãe, só para ter o trabalho de rebocar a garota mais uma vez para a pista de dança. Satisfeito, sabia que chamaria atenção do contingente masculino e logo pensou nos belos potros árabes que conseguiria, fruto de sua astuta aposta. Não teve que esperar: Edmund, filho mais velho do visconde de Lowyard foi o primeiro a chegar.

“E eis que aparece o primeiro idiota...” pensou animado.

— Boa noite, marquesa de Neddlethorn, grã-princesa de São Petersburgo; senhorita Needlethorn, concederia a honra da próxima dança?

Charlote sorriu e abriu o caderninho.

Sebastian riu disfarçadamente.

— Infelizmente as danças de Charlotte estão todas comprometidas — Joanne respondeu pousando a mão sobre o caderninho que ora a irmã mirava espantada.

— Oh... — Edmund ensaiou uma careta frustrada. — Quem sabe em outra ocasião... senhoras, senhorita Needlethorn. — Inclinou-se e saiu.

Charlotte ergueu os olhos para o lado do visconde.

Sebastian aproximou-se e sorriu esticando a mão em sua direção, mais uma vez.

— Creio que a próxima dança seja a nossa. — Capturou-lhe a mão antes que pudesse abrir a boca, coisa que ela fez com maestria assim que chegaram ao centro do salão.

— Vossa Graça não pode dançar novamente comigo além desta dança — sussurrou.

Bastian ergueu as sobrancelhas, deliciado com um par de bochechas coradas por decoro às estúpidas regras de etiqueta.

— Hummm... — murmurou entre um sorriso. — Não resisti.

— Não resistiu? — perguntou indignada.

— A senhorita está irresistível esta noite, o que este pobre mortal poderia fazer face a tamanho encanto?

— Está troçando comigo, Vossa Graça?

— Estou sendo sincero.

— Humpf!

— O que foi?! – Riu baixinho.

— Meu irmão Matthew alertou-me sobre vocês.

— Seria de se estranhar se não o tivesse feito. — Inclinou a cabeça e piscou marotamente para ela.

— Principalmente sobre as táticas que vocês usam.

— Táticas? – Piscou inocente.

— Palavras bonitas, elogios...

— Sei... – Comprimiu os lábios. — Isso quer dizer que eu não posso ser honesto o suficiente para elogiá-la, mesmo sendo verídicas as minhas palavras?

— Soariam falso.

— Milady... Olhe ao redor. — Controlou suas reações e sua língua.

Ela girou a cabeça.

— Crê realmente que se eu não estivesse sendo honesto quanto aos elogios, estaria perdendo meu tempo consigo, tendo tantas outras mulheres mais experientes e vividas ao meu alcance? — Sorriu.

Ela corou e baixou os olhos.

Matthew largou a taça sobre a mesa com tamanha violência que a base da mesma se separou do bojo; logo, o vinho tinto escorreu pela toalha deixando um rastro sinistro por onde passava até alcançar a ponta da saia do vestido azul claro da dama mais adiante. Ele rosnou alto o suficiente para chamar atenção tardiamente do pai que não conseguiu segurá-lo enquanto avançava em passos belicosos na direção do casal à frente.

John arfou inconformado balançando a cabeça negativamente, porém deixou escapar um sorriso vingativo quando Leonard interceptou o irmão momentos antes que pulasse no pescoço do visconde libertino.

— Não vê o escândalo debaixo do seu nariz, irmão? Ele dançou com ela pela sexta vez sem parar!

— Tudo o que vejo era um escândalo maior se você fosse idiota o suficiente para se atracar com o visconde de Riverdall — rosnou entredentes ao mesmo tempo em que arrastava Matthew na direção do pai.

— O baile acabou para você, mocinho.

Matthew ignorou-o, sacudiu o braço das mãos de Leonard e foi barrado pelo pai ao tentar avançar na direção da pista de dança.

— Você ouviu? Eu disse que o baile acabou para você. Leonard o acompanhará e se encarregará de prevenir qualquer sandice que queira fazer.

— Pai! — Gesticulou inconformado.

— Matt... — Estreitou os olhos. — Não teste a minha paciência, garoto.

— Vamos, parvo! Você conseguiu acabar com o meu baile também e não estou nada satisfeito! — Agarrou-o pela lapela e o rebocou para fora do salão.



Do outro lado, Alex retornou acompanhado, depois de dançar com Joanne.

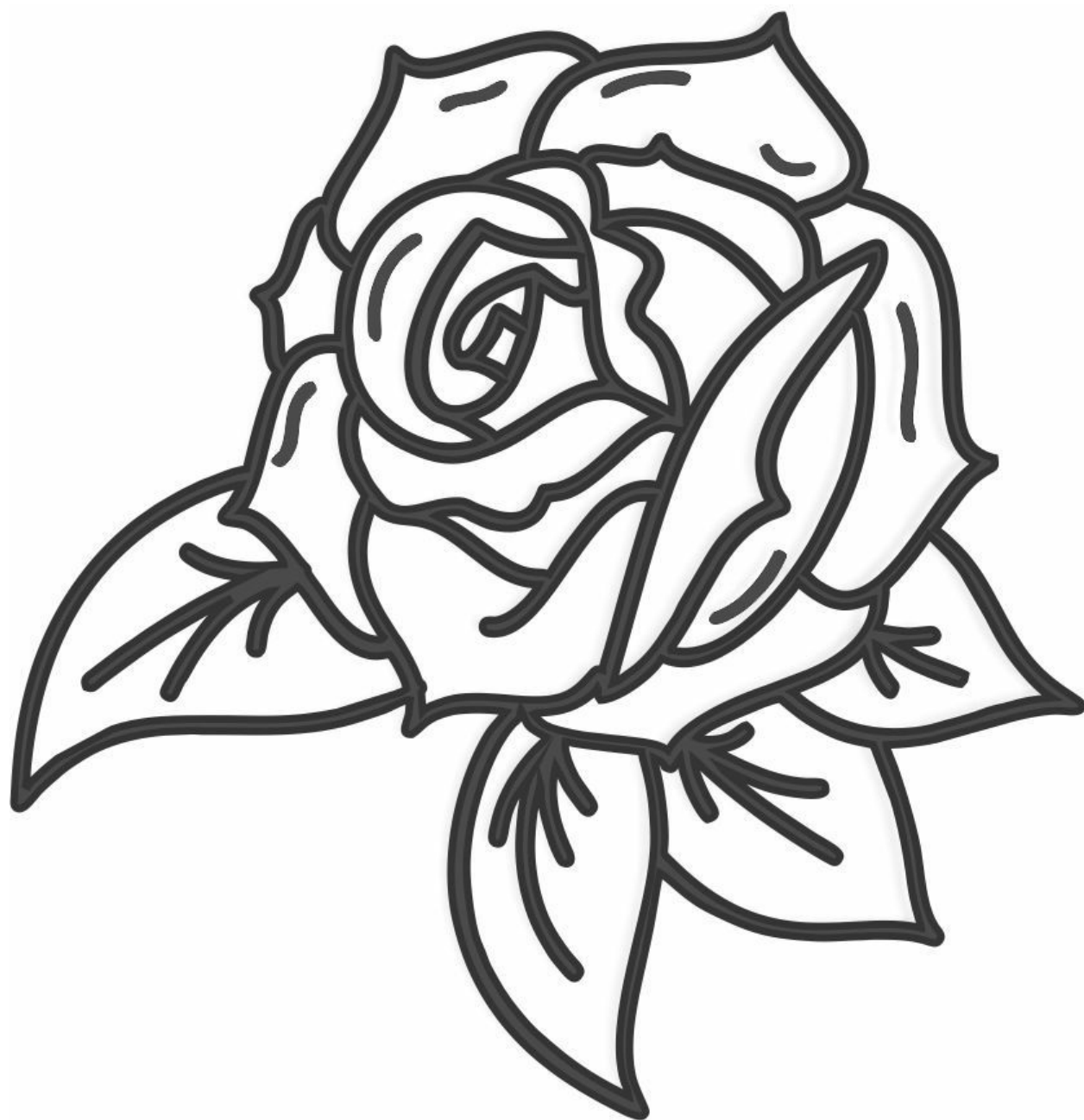
— Onde está Jean Claude? — Girou à procura do amigo.

— Saiu acompanhado da viúva sensação da Temporada passada. — Cameron beijou a mão da amiga.

— A viscondessa de Lyon? — Ela sorriu maldosamente.

— A própria. A princípio, o francês conseguiu alguém para acabar com seu “acúmulo de energia”... — Cameron inclinou-se. — Acho que roubarei a Grã-princesa. — Esticou a mão para ela e piscou para Alexander.

— Devolva-a inteira e estará perdoado. — Sacha riu.



6

*Wrington, Somerseth.
Dia anterior...*

Sarah cutucou Caroline, que cutucou Jane, que, de tão distraída com o arranjo que fazia, deixou as flores que segurava irem ao chão. Olhou irritada para as amigas, depois para o arranjo desgrenhado sobre o balcão.

— O que foi?! — Quase grunhiu.

— O seu milordi acabô di passá pela porta num cavalo mais di lindu! — Caroline correu para a janela lateral para ver melhor.

— Quem?! — Seu coração disparou por alguns segundos.

— Num é quem ocê quiria qui fossi não, tolinha! É u milordi bunitão, não u condi idiota! — Caroline resmungou e Sarah gargalhou gostoso.

Não tardou muito, Daniel apareceu no portal com um sorriso tímido no rosto.

— Senhoras! — Inclinou-se em uma mesura perfeita.

— Milorde... — As três responderam.

— Gostaria de percorrer os campos se a senhorita Boreen me permitir.

— Ah, ela pirmiti! — Sarah sorriu a despeito do olhar de censura ao lado. — Dispois vem tumá chá cum a genti.

Ele sorriu. Havia um nítido complô formado entre as duas amigas, sorte a dele.

— Eu fiz aquelis bulinhu qui milordi tantu gostô. — Caroline sorriu animada.

— Senhorita Boreen, tenho sua permissão?

Sarah cutucou-a.

— Claro, fique à vontade — respondeu ainda encarando duas amigas entusiasmadas.

— Obrigado. — Inclinou-se. — Começarei pelo final dos campos, bordeando a vegetação nativa. Levarei Hércules comigo, mas não se preocupe, ele não comerá nem pisoteará os canteiros.

— Ficarei despreocupada. — Ela sorriu.

— Obrigado mais uma vez. — Inclinou-se novamente e saiu.

— Boboca! — Caroline sussurrou. — Num tá vendu qui ele gosta docê?

Jane revirou os olhos.

Sarah concordou com um tapinha para lá de animado no braço da amiga.

— Senhorita Boreen?

As três se viraram e sorriram.

Ele voltara.

— Se me permite a ousadia, está muito bonita essa manhã.

Ela corou.

Ele ampliou o sorriso e escapou sem esperar por outra reação.

Mark que trabalhava de um lado do campo, abrindo o compartimento da caixa lotada de joaninhas, assobiou para John apontando para o homem a cavalo na borda da vegetação mais densa. Seu amigo levou a mão aos olhos a título de proteção e a única coisa que viu foi um cavalo disparando em direção às árvores sem o devido cavaleiro sobre a sela. Ambos correram para o local de onde o animal saíra, mas os instintos de John foram mais lentos que suas pernas. Ao chegar, encontrou Mark debruçado sobre um nobre desacordado.

— Milhó chama a Jane. — Voltou a correr, agora em direção à floricultura, onde entrou derrubando o vaso ao lado da porta.

As garotas pararam o que faziam.

Sem fôlego, inclinou-se para frente pousando as mãos sobre os joelhos.

— Qui foi homi?! — Sarah se aproximou.

Ele ergueu-se, passou pela esposa, agarrou a mão de Jane e a puxou.

— O que houve?! — Ela piscou confusa.

John apontou para fora e a rebocou às pressas, com Sarah em seus calcanhares.

Jane foi obrigada a erguer as saias na tentativa de acompanhar as passadas largas e nervosas do amigo. Ao chegarem, entendeu o motivo: Mark agachado ao lado de um homem caído.

— Ai, meu Deus! — Sarah que acabara de chegar, gritou.

— O que aconteceu? Jane ajoelhou-se ao lado e delicadamente começou a procurar por danos visíveis.

— Eu vi ele no cavalu, dispois u bichu si assusto i ele caiu.

O gemido de dor foi alto o suficiente para que Jane compreendesse a origem. Apressou-se em pedir a Mark que trouxesse a carroça.

— Não sei se tem mais alguma coisa quebrada, melhor não arriscar.

— O qui achô? — Sarah perguntou torcendo a barra do avental que usava.

— Só poderei dizer quando examiná-lo melhor. — Afastou algumas mechas de cabelo que caíam sobre os olhos.

Daniel foi levado e instalado no quarto aos fundos da floricultura, que serviria para o futuro funcionário ainda inexistente. Roupas retiradas, botas fora, foi coberto e minuciosamente examinado.

— Precisarei de pedaços de madeira desse tamanho e dessa largura, — indicou com as mãos — aquele cachecol de lã, água e barro. — Indicou com as mãos. — O braço direito está quebrado e pelo tamanho do ovo roxo no tornozelo direito, acho que só torceu.

— Eu pegu. — Caroline saiu.

— Eu ajudu. — Sarah foi atrás.

— Ah, Sarah? Traz o láudano e uma moringa com água fresca.

— Certu. — Apressou-se.

Jane suspirou torcendo o canto da boca.

— Vô ficá pur aqui na loja. Si precisá é só mim chamá. Vô falá cum John.

Mark saiu deixando Jane sozinha.

— Francamente... — resmungou. — Estou quase acreditando que caiu de propósito só para se instalar aqui conosco.

Ele gemeu.

Ela suspirou.

— Perdão, milorde; não creio que tenha quebrado o braço de propósito. — Olhou para Sarah e Caroline chegando com o que pediu. — Então? Vamos dar um jeito no braço da aristocracia desgarrada ou não?



Londres, um dia depois...

Alexander bateu com a mão no espaço vazio ao lado, bocejou, espreguiçando-se tal qual Mr. Tibbet fazia. Yuri, seu valete, entrou seguindo direto para as cortinas.

— Bom dia, Vossa Alteza.

— Bom dia, Yuri. Vejo que resolveu praticar seu inglês. — Sorriu, seguindo para o reservado.

— Se não for de seu agrado...

— Acho ótimo! — Falou rindo. — Minha Senhora?

— Sua Alteza a Grã-princesa está tomando seu desjejum.

— Minha filha?

— A pequena princesa está em seus aposentos...

Meia hora depois, Joanne ergueu os olhos do jornal que lia ao ver o marido entrar na sala. Ganhou um beijo que arrancou alguns suspiros impróprios da criadagem feminina, depois retornou à leitura.

— *Kukla...*

Ela baixou as folhas o suficiente para encará-lo.

Ele a encarou de volta; conhecia aquele olhar.

— Muito bem, Joanne. O que está maquinando? — Inclinou a cabeça, curioso.

Ela baixou o jornal sobre a mesa.

— Lottie.

— Sua irmã teve um baile agitado ontem. — Pousou a colher com caviar numa pequena torrada, observando algumas pequenas bolinhas negras se desgarrarem do conjunto apetitoso.

— Graças à Sebastian.

— Ah, sim... — Um pequeno e sorrateiro sorriso nasceu no canto de sua boca.

— E dançaram juntos TODAS as danças.

Alex quase se engasgou ao rir com a boca cheia.

— Nós vimos. Bom, pelo menos Cameron e eu, já que Andree deixou o baile mais cedo... —

Colocou nova leva de ovas em outra torrada.

Joanne levantou-se, parando ao seu lado com um ar desconfiado.

— Isso tem algo a ver com a aposta de Jane? Se vocês fizeram algum tipo de aposta com a minha irmã, Alexander, eu não...

— *Não!* — Devolveu o olhar com a mais pura expressão de inocência. — Bastian o fez porque quis, *moy Niavka*. — Afastou-se da mesa e puxou-a para o seu colo.

— Sério?! — Correu os dedos pela barba macia.

— Sérrrio! — Sorriu.

— Ah...

— Não gostei deste seu sorriso. — Elevou uma sobrancelha.

— Acho que Lottie arrumou um par à altura. — Seus dedos correram dos cabelos até a nuca, arrancando um arrepio masculino.

— Quem?

— O visconde de Riverdall. — Beijou-lhe rapidamente.

Alexander arregalou os olhos.

— Não pode estar falando sérrrio... — murmurou pasmo.

— Sérríssimo, meu marrido e você irá me ajudar. — Beijou-lhe novamente.



Wrington, Somerseth.

Daniel gemeu e abriu os olhos.

— O q.. que... — gaguejou.

— Teve uma queda feia de seu cavalo, milorde.

— Hã?! — Tentou focar na pessoa sentada na poltrona ao lado.

— Seu cavalo derrubou-o, milorde. Quebrou o braço direito e torceu o tornozelo do mesmo lado.

Ele ergueu o braço com um novo gemido.

— Isso é barro? — Inspeccionou a obra.

— Isso é uma imobilização que funciona melhor que meras réguas de madeira amarradas, além de ser menos quente, porém mais pesada. — Arrematou com uma careta.

Seus olhos correram do braço para o peito desnudo, o que o fez erguer o cobertor.

— Minhas roupas!

— Nós tirô elas. — Mark riu ao entrar com uma pilha de toalhas limpas nos braços.

Daniel arregalou os olhos na direção da única figura feminina presente e ficou tão vermelho quanto as rosas de sua estufa.

— Precisei examiná-lo, milorde. — Jane quase riu pela vergonha alheia.

— Com todo o respeito, minha dama... — Sentou-se entre gemidos e puxou o cobertor rapidamente até o queixo. — Creio que isso seja obrigação de um médico.

— Jane é milhó qui qualquer medicu qui nós cunheci. — Mark resmungou. — Adispois eu ajudei.

— Perdão por duvidar. — Ergueu a mão livre. — Meu cavalo?

— Disparô feito uma mula disimbestada. — Mark riu.

— Hércules com certeza voltou para casa; ele sempre faz isso. — Olhou ao redor.

— Sempre faz o quê? Jogá-lo ao chão?

— Não... Retornar quando sozinho. Preciso me vestir, poderia me emprestar um cavalo?

— Para quê? — Ela inclinou a cabeça.

— Para voltar para casa, minha dama. Desnecessário ocupar seu tempo...

— Não irá a lugar algum com um tornozelo torcido, lorde O'Sullivan. — Jane estreitou os olhos.

— Milady, eu sinceramente acho que...

— Eu sinceramente acho que precisa tomar isso aqui. — Esticou o copo em sua direção.

Daniel sentiu o cheiro de longe.

— Opiáceo?! Nem pensar!

— Quer continuar com dor?

— Láudano tem ópio, milady e ópio cria dependência. — Recuou na cama conforme ela se aproximou.

— Uma dose tão pequena não irá mata-lo! — Estreitou o cenho.

Do outro lado da cama, Mark gargalhou.

— Eu *não* tomarei... — gemeu de dor.

— Terei que usar o mesmo método que utilizo com os pequenos? — Inclinou-se sobre ele.

— Que método? — Arregalou os olhos.

— Esse. — Segurou-lhe a mandíbula com uma mão, forçando a abertura da boca, o que criou um biquinho ridículo e antes mesmo que seu hóspede reagisse, o conteúdo do copo foi despejado goela abaixo.

— Milady! — Tossiu indignado.

— Pronto... — Sorriu. — Como um bom menino! — Acarinhou seus cabelos.

— Eu não sou um menino; sou um homem e não admito que me force a fazer algo que não deseje, mesmo que seja... — Piscou pesado. — Mesmo que seja tomar um medicamento que claramente faz mais...

— E lá vai ele... — Ela riu baixinho apontando para Mark ajeitá-lo na cama.

—... mais mal do que... — Seus olhos fecharam-se lentamente. —... bem... — sussurrou caindo nas asas do torpor químico.

— Nosso lorde é bem teimoso. — Ia sentar-se, mas foi empurrada em direção à porta.

— Você também. Vai descansá, eu fico cum êli agora. Cum certeza vai acordá pricisandu, ocê sabi... — Piscou travesso.

— Me chame se precisar de algo.

— Tudo bem. — Fechou a porta em sua cara.



Há muito que o White's carecia de seu conjunto de sócios especiais. O tão afamado quarteto que virara praticamente um trio arriscava-se a formar uma dupla, caso o conde de Trevand encontrasse (por fim) sua pupila desaparecida. Dos quatro, quem se mantinha assíduo, o visconde de Riverdall, ocupava no momento sua sala particular, estranhamente preferindo o isolamento ao convívio dos outros nobres no salão comum ou no de jogos. O aristocrata achava-se absorto em pensamentos, taça de *brandy* em uma mão, a outra apoiada ao aparador da lareira, olhos perdidos no alegre bailado das chamas abaixo, o que o remetia à incômoda sensação originada pelo comportamento da dama a qual monopolizara na noite anterior, para o furor de uma *Ton*^[16] entediada.

Sebastian balançou energicamente a cabeça numa vã tentativa de espantar o estranho mal-estar gerado pelas palavras da Srta. Needlethorn, confuso o suficiente para não compreender a razão de tão exasperante reação. A verdade era que, cada frase dita (quase cuspidada) provocou nele uma espécie de urticária, cuja coceira era praticamente impossível de resistir a uma boa coçada. Coçada esta que, inevitavelmente o levaria a mergulhar de cabeça na maldita aposta na qual se enfiara, independente das consequências para ambos os lados envolvidos.

Ah, ele fora honesto. Em meio aos tradicionais galanteios, não saíra de sua boca quaisquer palavras falsas ao afirmar que a dama em seus braços estava esplêndida; o elogio fazia jus ao que seus olhos treinados viram e o que eles vislumbraram era o desabrochar de uma bela mulher, um misto tentador da inocência da menina perigosamente mesclado às sedutoras armas femininas.

“A senhorita está irresistível esta noite, o que este pobre mortal poderia fazer face a tamanho encanto?” Nem ele próprio entendeu como aquilo saiu de sua boca com tamanha facilidade; calculou ter, no mínimo o dobro de sua idade, garotas nunca constaram em sua lista de caça e o que recebeu em troca de seu honesto galanteio?

“Está troçando comigo, milorde?” Seu rosto mudou de confuso para levemente ofendido.

“Estou sendo sincero.” Ecoou o mesmo sorriso que dera na noite anterior, quando na ocasião acreditou que sua palavra bastasse.

“Humpf!” – Foi o que ganhou em troco: escárnio! Quando em sua vida dissoluta isso aconteceu?! Nunca! Confuso e sem entender, ainda indagou:

“O que foi?” Santa inocência de sua parte... resmungou mentalmente e tomou mais um gole de *brandy*, esperando que o álcool abrandasse seus caóticos pensamentos.

“Meu irmão Matthew alertou-me sobre vocês.” Óbvio que isso acontecera, claro que não se incomodou: todas as matronas da *Ton* alertaram suas crias em relação às *Crias de Lúcifer*... A Inglaterra inteira fora alertada, isso nunca fora novidade.

“Seria de se estranhar se não o tivesse feito.” Sua resposta tentou pôr um ponto final à questão. Só que não adiantou e é claro que a srta. Needlethorn continuou.

“Principalmente sobre as táticas que usam.” Francamente! O que essa garota sabia sobre táticas?!

“Táticas?!” Se ela queria começar a irritá-lo, estava conseguindo.

“Palavras bonitas, elogios...” Irritá-lo com louvor, diga-se de passagem.

“Sei... isso quer dizer que não posso ser honesto o suficiente para elogiá-la, mesmo sendo verídicas as minhas palavras?” Sua sorte fora a falta de malícia da mulher e a inocência da garota já que sua voz, embora dura, o traía pelos sobretons de uma mágoa que não conseguira esconder.

“Soariam falso...” Agora sim, essa foi a gota que faltava para transbordar a taça.

“Milady... Olhe ao redor.” Decididamente manter a linha com piscadelas, sorrisos e risadinhas estava muito difícil. Viu-a girar a cabeça lentamente.

“Crê realmente que se eu não estivesse sendo honesto quanto aos elogios, estaria perdendo meu tempo consigo, tendo tantas outras mulheres mais experientes e vividas ao meu alcance?” Voltou a sorrir agora como fizera ontem: um sorriso de puro cinismo com um gosto horroroso de derrota. Não queria ter chegado ao ponto de compará-la, de colocá-la em seu devido lugar; ela não era *nada* frente às deslumbrantes mulheres naquele salão cuja maioria conhecia, bom... *profundamente*. Sabia que de certa forma estava a humilhá-la e o fez porque seu ego fora ferido por uma reles garota em sua maldita segunda temporada. Poderia ter usado outras palavras? Poderia... O fato era que se quisesse os malditos cavalos, sua resposta não fora lá muito apropriada ou inteligente. Ao vê-la corar e baixar os olhos para depois manter-se calada, amuada e apática pelo resto da noite, foi como quase ver suas duas éguas e seu garanhão dispararem para nunca mais voltar. Saindo do torpor de sentimentos contraditórios e acabando o *brandy*, decidiu: precisava tomar uma decisão rápida se quisesse ganhar a maldita aposta.



Não muito distante, mais precisamente a algumas quadras ao norte, Elizabeth tentava manter-se serena em face da sutil tática de sua mais velha sobre sua caçula e seu imenso bico armado.

Joanne circulou a irmã como uma leoa antes do bote. A sala azul encontrava-se repleta de arranjos florais e, em menos de uma hora, recebera a visita de três nobres cavalheiros.

— Repita sua pergunta, Lottie.

Elizabeth, cabeça baixa, olhos no bastidor em suas mãos, tentando não errar novamente o ponto francês numa singela margarida, segurou o riso.

— Eu falei que não entendo. — Apontou ao redor. — Se aquele libertino...

— Visconde de Riverdall! — Joanne rosnou com um ar não muito aprazível.

Charlotte suspirou impaciente.

— Visconde de Riverdall. — Cuspiu letra por letra e continuou. — Não houvesse grosseiramente monopolizado minha companhia, entenderia o motivo das flores e das visitas, mas se prestarem

atenção...

— Lottie, não seja injusta! Se não fosse por Bastian, você teria tomado outro chá de cadeira. — Joanne partiu em nova defesa do amigo.

— Mamãe! — Ela virou-se indignada à procura de apoio.

— Deixe sua irmã acabar o raciocínio, Jo — balbuciou tentando manter-se séria.

— Obrigada, mamãe.

— Mesmo que seja um raciocínio torto. — Completou, deixando escapar uma risadinha.

As duas encararam-na: uma ofendida, a outra piscou-lhe em velada cumplicidade.

— Como ia dizendo antes de ser rudemente interrompida, se prestarem atenção... — Voltou a apontar para o entorno. — Não há sequer um ramallete do referido liber... — Trancou a boca e bateu com a sapatilha no chão. — Referido nobre, quicá recebi a honra de aturar sua aristocrática presença. — Alfinetou por fim.

A Grã-princesa de São Petersburgo deteve o cerco à fortificação inimiga quando um sorriso mui safado brindou-lhe a face.

— Ora, ora, ora... Nem um mísero buque de flores silvestres ou uma visita? — Inclinou a cabeça. A leoa estava prestes a dar o bote na zebra estúpida e viu o equino listrado em questão concordar ressentido.

— Sim.

— Então você sentiu falta de ambos.

— Ambos o quê?

— Buque e visconde.

— Claro que não! — Bateu com a sapatilha no chão mais uma vez.

— Não?! — Parou à frente do meio escancarado portão inimigo, cuja fachada tingia-se de um vermelho vivo, ladeada por duas janelas devidamente arregaladas.

— Não! — Ergueu as mãos em súplica. — Isso é uma mera quebra de etiqueta!

— Etiqueta?! — Elizabeth riu abertamente.

— Dita a regra que é de bom tom que, após o baile, uma dama receba flores e visitas de cavalheiros interessados.

— Então confessa que gostaria que o visconde estivesse entre os interessados. — Joanne sorriu maleficamente.

— Essa é a regra de etiqueta dentro de uma variedade de regras que ditam que...

— Mamãe? — Interrompeu a irmã. — Deixou Lottie comer o *Routledge's manual of etiquette* [\[17\]](#) por acaso?! — Joanne ironizou.

— Etiquetas foram criadas para serem seguidas! — Rebateu irritada.

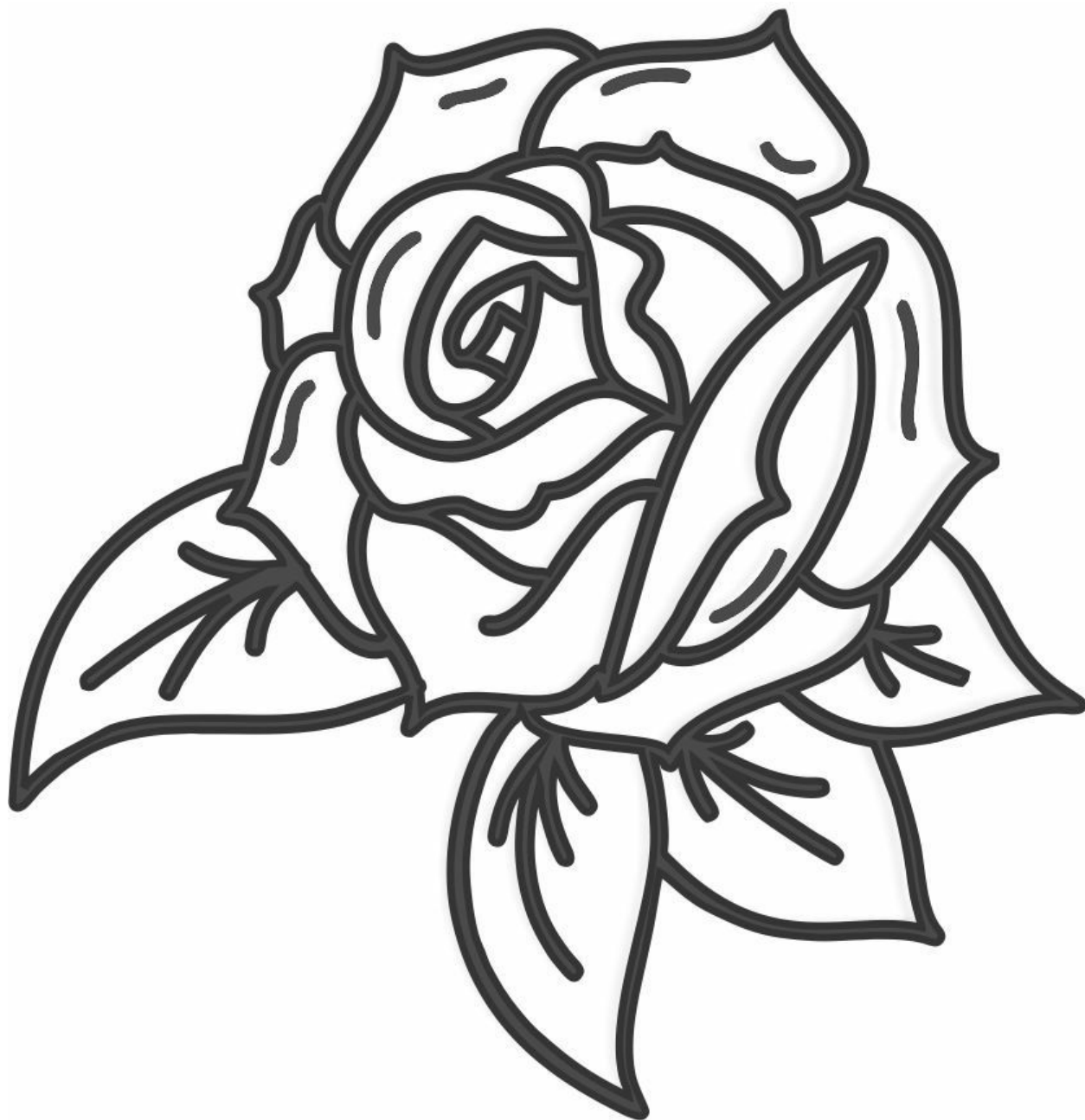
— Etiquetas foram criadas para serem burladas, minha tola irmã. — Sentou-se ao lado da mãe.

— Ah, eu sei. — Inclinou-se sobre a irmã e apontou-lhe o dedo. — Você quebrou uma a uma ao se casar com seu príncipe.

— Não abuse da sorte, mocinha. — Elizabeth alertou, cortando Joanne antes que a mesma pulasse sobre sua desmiolada mais nova. — Somos os Needlethorn e há gerações *cagamos* para as regras da *Ton*.

— Mamãe! — As duas exclamaram atônitas pelo palavreado chulo.

O cerco se desfez no exato momento em que o exército inimigo invadiu a arena de combate.



7

Wrington, Somerseth.

Sarah sentou-se ao lado de Daniel, devidamente esticado em uma espreguiçadeira, cercado por almofadas coloridas, pernas cobertas por uma manta de patchwork.

— Truxe u chá pra vossa mercê. — Serviu uma xícara e entregou-lhe.

O pobre botânico dignou-se a não rir do tratamento, mas viu ali a oportunidade perfeita para saber mais sobre o alvo de seu interesse.

— Me faria um pouco de companhia?

— Num qué qui chami a Jane? — Sorriu animada.

“Touché!” Pensou.

— Seria muita ousadia de minha parte se lhe fizesse algumas perguntas? — Evitou contato visual.

— Sobri u quê?

— Sobre sua amiga.

— Caroline?!

— Jane.

— Ah, craro qui não! U qui quo cê qué sabê? — Arrastou a cadeira para mais perto.

— Ela é comprometida?

Sarah armou um sorriso escandaloso.

— Eu sabia qui vossa mercê gustava dela! — Gargalhou tão alto que chamou a atenção de Caroline parada à porta da floricultura. — Discurpa! — Encolheu-se. — Eu sabia qui vossa mercê gustava dela... — sussurrou.

Ele deixou escapar um sorriso tímido.

— Ela não tem um homi não... mas ainda gosta di um tarzinho francês qui ajudô ela, sabi?

— Um francês? — Franziu o cenho preocupado. Pelo menos isso explicava muita coisa.

— Nós gosta di vossa mercê. Eu i Caroline, sabi?

— Mas a Srta. Boreen não.

— Ah, mais vai gostá si nós ajudá! — Sorriu animada.

— E as senhoras irão ajudar?

— Craro! — Gargalhou gostoso novamente. — Mas milordi tem alguém?

— Não — respondeu timidamente. — Sou viúvo.

— Ahhh... — Distribuiu tapinhas em sua mão a título de consolo. — Mais num vai ficá mais suzinhu! Nós ajuda!

Ele sorriu e de repente o céu ficou mais azul.



— Charlotte Marie Lenora Neddlethorn!

Matthew entrou tal qual uma carga de cavalaria, segurou a irmã pelos ombros e a girou no eixo. — Precisa ouvir a voz da razão!

Elizabeth balançou lentamente a cabeça numa negativa pesarosa.

Joanne revirou os olhos, o que restara de sua sacra paciência acabara de ir às favas.

Leonard, que entrara logo a seguir, sentou-se em uma poltrona do outro lado da sala, agarrado a uma jarra repleta de rosas brancas, perfeita camuflagem em arbusto, mesmo ele vestindo elegantes calças de camurça bege.

John, que seguira o rastro dos rebentos, acomodou-se sobre o braço da poltrona onde o elegante arbusto sentara-se. Aproveitou para inclinar-se e cheirou uma de suas flores, o que arrancou nova leva de risadinhas da esposa e de sua mais velha.

Charlotte estreitou os olhos.

— Que voz e que razão?! — Grunhiu entre as mãos fraternais.

— Você foi a desgraça para o honrado nome dos Needlethorn no último baile!

— Quanto drama! — Joanne disparou.

— Morra de inveja, Shakespeare! — O arbusto cantarolou.

— Matthew... — Elizabeth fechou o semblante.

— Não, amor! — John ergueu a mão. — Deixe-o continuar, quero ver se Matt conseguirá bater a cota de estupidez que utilizou com Joanne antes de se casar com Alexander. — Deslocou-se para a cadeira mais próxima.

Leonard puxou o relógio do bolso do colete e consultou a hora.

— Fechamos a aposta em quinze minutos, contudo, interrupções serão descontadas.

— Certo. — John anuiu.

— Que aposta? — Elizabeth jogou o bastidor para o lado.

Matthew ignorou-os.

— A voz do único membro ponderado dessa família.

— Papai? — Joanne ironizou.

Matthew ignorou-a.

— Ah, mamãe? — Leonard piscou para a irmã por cima das flores.

Matthew ignorou-o.

— Leonard? — Joanne arriscou de novo.

Matthew ignorou-a novamente.

— Joanne? — Leonard perguntou atrás de seu abrigo florido.

Matthew ignorou o sarcasmo das rosas.

— Mr. Tibbet? — John riu.

— EU! — Chacoalhou a irmã.

Um silêncio incômodo se abateu por alguns segundos para logo a seguir a sala explodir em gargalhadas.

— Matthew, largue Charlotte... — John discretamente limpou as lágrimas.

— Não antes de me ouvir.

— Então fale logo, parvo! — Leonard sacudiu o jarro, dando voz a um bando de rosas revoltadas.

— Vocês são testemunhas da sem-vergonhice alheia... Aquele libertino dançou com Lottie por toda a noite!

— Aquele libertino é um homem honrado, amigo dessa família e padrinho de sua sobrinha. — John resmungou.

— Mas é um libertino! — Ergueu as mãos, incrédulo.

— Volto a repetir o que já dissera uma vez: a inveja realmente é uma merda! — Leonard deixou escapar. — Perdão, papai, mamãe.

— Foi um nobre cavalheiro que, ao notar que sua irmã ficaria restrita à parede das solteiras desprezadas e vítimas da idiotice masculina, honrou-a de maneira apropriada e respeitosa. — Elizabeth tentou contemporizar.

— Dançaram a noite toda, inclusive mais de uma valsa.

Charlotte, cansada de ficar em pé, baixou o corpo de supetão, sentando-se no chão e deixando o irmão de mãos vazias.

— O que tem as valsas? — Joanne mirou as unhas.

— São imorais.

— *Não...* Imoral é termos que aguentar essa sua ladainha mais uma vez. — Leonard baixou o rosto e enfiou um espinho na testa.

— Milorde?

O mordomo interrompeu o embate dirigindo-se ao marquês.

— Sim?

— O visconde de Riverdall solicita uma visita à senhorita.

— Bastian está aqui? — Joanne virou-se.

— No hall, Vossa Alteza. — Inclinou-se para Joanne.

— Se me permitir, papai. — Levantou-se.

— Vá recepcioná-lo, filha. — Ergueu-se também, assim como o arbusto. — Vamos, crianças, sua irmã tem uma visita a receber.

Leonard pousou a jarra sobre a mesinha ao lado, sussurrando para Charlotte.

— São para você...

John acompanhou a esposa e Leonard os seguiu. — Matt? — Leo parou.

— Matt! — John endureceu a voz. — Reboque seu irmão, Leo, por favor.

— Com prazer. — Deu-lhe uma chave de braço e arrastou-o porta a fora.

Sebastian entrou na sala minutos depois de falar com uma parte da família e receber algumas ameaças veladas de um deles. Olhou o entorno e franziu o cenho, teria o motivo de sua presença se

evadido? Contornou o sofá e não, ali estava ela, sentada no chão. Segurou o riso.

— Milady? — Deteve-se à sua frente e inclinou-se em saudação.

— Milorde... — Rosnou baixinho sem o mínimo indício de levantar-se. Ter que aturá-lo depois de aturar Matthew era tudo que não queria no momento. Pensou no que aconteceria com ela se matasse um representante da aristocracia com requintes de crueldade.

“Bom, se Maomé não vai até a montanha, então a montanha...” Ele pensou, divertindo-se. Recuou um passo e sentou-se adiante de uma atônita jovem.

— Meus mais profundos respeitos. — Iniciou. — São para a senhorita. — Entregou-lhe um mero buquê de flores silvestres, um contraste e tanto se comparado às rosas, orquídeas, tulipas e outras ao redor.

— São de sua estufa? — Ironizou.

— Na verdade eu as roubei durante o caminho para cá. — Sorriu maroto.

— Saqueou os jardins alheios, milorde?

— Por uma boa causa. — Tomou-lhe a mão, depositando um singelo beijo.

— Por que flores silvestres?

— Calculei que estaria afogada em caros e exóticos buquês, quis ser original.

Ela corou.

Ele sorriu.

— Gostaria que me perdoasse se fui rude durante o baile; não era meu propósito humilhá-la, nem a comparar a outras damas.

— Mas humilhou. — Baixou o tom da voz.

— Eu peço perdão.

Ela suspirou profundamente e encarou-o com os olhos repletos de lágrimas.

— Desculpas não aceitas.

Bastian já esperava por isso.

— Vim de coração aberto, não poderíamos começar novamente?

— Sem chances de algo parecido com isso acontecer.

— Entendo... Devo então supor que a senhorita se enquadrou perfeitamente no que eu disse? — mastigou a contragosto.

— Como assim?! — Colocou as flores de lado.

— Se a carapuça serviu... — comentou displicente.

— Veio até aqui para me desacatar?

— Vim para visitá-la e rogar seu perdão por minhas rudes palavras e meu comportamento vil.

— E eu disse que não o perdoaria.

— Então a carapuça serviu. — Ergueu-se, batendo as mãos nas calças.

— O quê?! — inquiriu indignada.

— Você não passa de uma criança mimada e malcriada que merece não flores, mas umas boas palmadas em seu traseiro! — Disparou. — Sinto muito, minha dama. Foi um erro tê-la aborrecido com minha perniciosa presença. — Inclinou-se. — Não acontecerá mais. — Tomou rumo à porta.

— Milorde?

Virou-se já no batente. Ela se erguera.

— Esqueceu-se de seu buquê.

Sebastian levou com os pequenos *bluebells*, margaridas, dentes de leão na cara, mas amparou o que restou do buquê destroçado. Encarou-a raivoso e caminhou em direção à saída, onde o criado apressou-se em devolver seu sobretudo, cartola e bengala.

— Tome! — Amassou as pobres flores sobre o colete do serviçal. — Faça o que quiser com isso!

O mordomo aproximou-se correndo.

— Milorde já se vai?

— Transmita meu pedido de desculpas ao marquês e sua senhora. — Falou entredentes e rumou para sua carruagem parada adiante, sem olhar para trás. — Para o White's, Egon — informou antes de entrar.



Uma semana depois, Wrington, Somerseth.

Jane riu com vontade. Lorde O’Sullivan conseguira abrir uma pequena brecha em seu muro: ele a fazia sentir-se um pouco mais leve e não era tão difícil notar o quão prazeroso sua companhia se tornara quando os assuntos em questão orbitavam pelo fascinante mundo das plantas. Com ele, aprendera em pouco tempo com ele sobre coisas que nunca achou que saberia e que certamente seriam úteis para seus negócios. Pensando bem, sendo razoável, lorde O’Sullivan era dono de um porte invejável e expressivos olhos que contribuíam para um intermitente ar de garoto carente, mas quando ria se transformava; rugas de expressão demarcavam uma risada tão cristalina, acompanhada de um sorriso devastador no qual seus olhos se estreitavam a ponto de jurar que os fechara. Lorde O’Sullivan não sorria ou ria só com o rosto e sim com o corpo inteiro, com sua alma.

Para Daniel, desacostumado aos ritos de corte, ver a srta. Boreen rir (depois de receber confidenciais informações do front aliado) era uma benesse que o fazia sentir-se vivo novamente. Ela franzia o pequeno nariz, provocando a dança de dúzias de charmosas sardas, sua boca se abria em um pequeno “O” e sua risada lembrava sininhos de vento. Por trás das espessas nuvens de melancolia que usualmente nublavam seu estado de espírito, vislumbrar as pequenas aberturas que surgiam equivalia a testemunhar raios de sol por entre uma cobertura borrasqueira em um dia cinza – assustador, porém simplesmente adorável.

Fora impossível para ele conseguir informações sobre esse desconhecido “rival”. Pelo que soubera, a dama a seu lado mostrava-se avessa a comentários sobre o tal cavalheiro, até mesmo com suas melhores amigas, o que servia para indicar que o nobre poderia não ter sido tão nobre quanto rezam as regras da boa conduta.

Cortejá-la era praticamente como pisar em ovos: a cada passo, se dado com demasiada força e descuido, arriscava-se a rachar a frágil cobertura protetora e uma vez rachada, o ovo nunca voltaria a ser o mesmo. Logo, ele se limitava a dar um passo adiante e dois para trás se necessário.

— Crê realmente que deveria estar zanzando tanto comigo? — Olhou-o preocupada.

— Porto uma bengala, milady. — Ergueu desajeitadamente seu apoio de madeira esculpida por Mark.

— Mesmo assim força o tornozelo que não teve tempo para sarar em uma mísera semana.

— Precisava esticar as pernas e ao vê-la dirigir-se aos canteiros pensei em juntar o útil ao agradável: Examinaria os avanços de meus exércitos de joaninhas contra os vilões pulgões, exercitaria a musculatura e ao mesmo tempo desfrutaria de sua adorável companhia.

Ela riu baixinho.

— Não sou adorável, milorde.

— Sim, o é em minha humilde opinião.

Jane parou e encarou-o, mãos na cintura, ar não muito convidativo.

— Está me cortejando, milorde? — Inclinou a cabeça meio desconfiada.

— Seria tão ruim assim se estivesse? — Abriu um meio sorriso.

Ela fechou o semblante.

Daniel entendeu.

“Ops! Acho que rachei alguma casca...” Pensou pronto para recuar e falou antes que ela respondesse.

— Mil perdões pela impertinência, milady. O ópio do láudano que tenho sido obrigado a tomar certamente faz mal à minha mente. — Desculpou-se sem jeito pendurando um olhar carente.

Ela riu.

— Mil perdões pela impertinência, milorde, mas esse seu ar de garoto que foi pego com a boca na botija me impede de puni-lo como deveria. — Acabou gargalhando gostoso.

Ele fez eco às suas risadas.

— De onde vem esse amor por flores?

— De criança. Minha mãe vendia flores em frente à Saint Paul Cathedral. Quando ela morreu, eu assumi seu ponto.

— Me custa acreditar que a senhorita vendia flores nas ruas.

— Tenho uma origem humilde, milorde e não me envergonho disso.

Ele corou.

— Não... — Sacudiu a cabeça tentando desfazer a idiotice. — Não tenho preconceito algum contra a classe trabalhadora, mas a senhorita sempre demonstrou um refinamento impossível de ser visto na camada mais desafortunada da população.

— Isso foi por causa do meu atropelamento.

— Foi atropelada?! — Nem se deu conta de que retornara à espreguiçadeira sendo obedientemente sentado, suas pernas esticadas e coberto.

— Na Rotten Row por um burro montado num cavalo.

— Hã?! — Olhou-a confuso.

— Um estúpido conde francês me atropelou, levou para sua casa, tratou de mim, me deu comida, abrigo, roupas e educação.

Daniel fechou a cara.

— Em troca do quê?

Ela arregalou os olhos.

— Não lhe dei a liberdade de duvidar de minha honradez, milorde. Socorri-o, abriguei-o debaixo de meu teto, mas é só. Não confunda as estações, lorde O’Sullivan! Garanto que o desagradaria imensamente ter-me como desafeto; posso ser extremamente belicosa. — Saiu batendo os pés.

— E eis que esse idiota acaba de quebrar todos os ovos... — murmurou jogando a cabeça para trás.



Um mês depois, Londres...

Ele sabia que encontraria os amigos no White’s e foi exatamente para lá que se dirigiu, apesar de seu bom senso gritar para ir direto para casa e se enfiar na cama.

O porteiro sorriu, estranhando a não receptividade usual; o conde nem esperou que sua sobrecapa fosse retirada, passou direto por ele a caminho da sala privativa da irmandade.

Ele parou, escorando-se na porta. Sôfrego por ar, abriu-a e cambaleou em direção ao sofá mais próximo.

— Jean! — Cameron foi o primeiro a vê-lo e amparou-o enquanto Alexander retirava a capa enlameada. — Não pode ser a malária, você teve uma crise ainda esse ano, homem!

Ele ergueu os olhos e puxou o ar.

— É ela... — sussurrou. — Branda, mas eu sei que é.

A frase em francês assustou os rapazes.

— Médico! — Cameron já ia sair quando foi detido por Alexander.

— Vamos levá-lo para a minha casa. O médico veio examinar Irina por causa de uma febre, com certeza Joanne o reteve por lá.

— Então pegue a capa, eu carrego a carga francesa. — Puxou Jean para jogá-lo no ombro e recebeu alguns palavrões como agradecimento. — Quanta gentileza... — resmungou rindo.

Joanne o instalou, o médico examinou e saiu deixando a medicação. Os rapazes se acomodaram no quarto. Mais tarde, rendera o marido para que pudesse acompanhar a filha carente da presença paterna. Sentou-se junto à janela enquanto Cameron e o pobre valete de um francês muito revoltado acabavam de vesti-lo depois de um banho forçado.

— Jean?

Ele bateu na mão do valete, depois na de Cameron, ambos ocupados em instalá-lo na cama, depois, com um débil sorriso, mirou a mulher sentada confortavelmente.

— *Oui, chérie?*

— Como pegou essa doença?

— Eu tinha 17 anos e um mundo inteirinho para descobrir...

— Tão jovem?

— Um amigo de meu pai, August de Saint-Hilaire, botânico de renome, literalmente me rebocou com ele e quando dei por mim estava a bordo do HMS Beagle a caminho do continente americano.

— Uma expedição? — Ela inclinou-se curiosa.

— Uma expedição científica promovida pela Marinha Inglesa a fim de conseguir dados cartográficos da América do Sul.

— Fascinante! — Joanne piscou animada.

— Chegamos ao Brasil em 1832 e passamos quatro meses lá. Ajudei muito August, colhendo plantinhas aqui e ali e também alguns bichos para o sr. Charles Darwin, um dos naturalistas da expedição. Foi lá que peguei a doença, o que me fez retornar à França antes do fim da viagem. Foi uma pena, pois o Beagle só retornou à Inglaterra em 1837 e eu perdi a chance de continuar a aventura.

— E o Brasil?

— Um país primitivo, mas fascinante! Se existisse uma representação do paraíso na terra, certamente seria o Brasil. — Suspirou.

— Você precisa conhecer a coleção de artefatos indígenas que ele trouxe.

Joanne mirou Cameron sentado à beira da cama.

— Sério? Eu adoraria!

— Está à sua disposição assim que eu melhorar, *chérie*.

Ela inclinou a cabeça com um sorrisinho safado.

— Jean?

- *Oui?*

— Por qual motivo virou um libertino?

Ele encarou o amigo e foi Cameron que respondeu.

— Minha irmã Aíne.

— Não entendi...

— Para que entenda melhor, deixe-me explicar: meus pais morreram durante uma das muitas epidemias que assolaram a Irlanda, então Aíne e eu fomos entregues à tutela de nossos tios que moravam aqui em Londres. Fui enviado para uma escola, porém a minha tendência a aprender mais rápido que meus companheiros de classe, me levava a fugir para as ruas. Ao retornar para casa, eu repassava o que aprendera para minha irmã. Logo, minha garotinha cresceu tanto em idade quanto em conhecimento. Mais tarde, graças às influências de um professor, fui enviado à Oxford, me formei em engenharia e comecei a trabalhar. Com o trabalho veio o dinheiro e com o dinheiro vieram as festas e foi numa delas que conheci Jean; ficamos amigos, ele começou a frequentar a casa de meus tios onde acabou conhecendo minha pequena Aíne.

Jean deixou escapar um pequeno gemido.

— Os dois viviam para cima e para baixo juntos, parecia uma praga dupla.

— Eu me apaixonei... — deixou escapar.

— E ela também. — Cameron quase rosnou.

— Só que meus pais não permitiram o compromisso.

— Diga a razão. — Cam cruzou os braços.

Jean suspirou pesado novamente.

— Diga a razão, Andree. — Seu semblante fechou-se em uma carranca aborrecida.

— Status social, diferença financeira e título de nobreza inexistente na família — mastigou cada palavra puxando o sotaque.

— Minha irmã quase enlouqueceu, foi enviada de volta à Irlanda para a casa das irmãs de nosso pai e eu tive que aturar as carraspanas alheias do pobre menino rico.

Joanne arrependeu-se da pergunta.

— Eu jurei nunca mais me apaixonar. Amaria as mulheres, mas somente para satisfazer suas carências. Como havia recebido de Saint-Hilaire um arbusto de rosas raras e presenteara Aíne com a primeira rosa que nascera, essa passou a ser a minha marca: a rosa azul.

— Até esbarrar em Jane. — Cameron relaxou.

— Até atropelar Jane na Rotten Row — suspirou concordando.

— E você, Cameron, como conseguiu o título de lorde?

Jean Claude começou a rir baixinho.

O irlandês fechou a cara novamente.

— O que foi? — Joanne franziu o cenho.

— Não se atreva, comedor de brioches... — rosnou. — Para o conde de Trevand aqui tudo é muito fácil, já que nasceu em berço de ouro e herdou quase toda Paris — troçou.

— Eu conto. — O francês controlou o riso. — Cam foi agraciado com o título por salvar o cão favorito da Rainha.

Cameron bufou.

— Era um Corgi, *non*?

— Um Skye Terrier chamado Islay. Ele pulou do fáeton real em pleno Hyde Park atrás de um maldito esquilo e eu somente estava no local certo, na hora certa.

— Cameron salvou o fofo cachorrinho de virar *linguiça* sob as rodas de um cabriolet desembestado. — Riu tanto que acabou arfante.

— Dois dias após o salvamento, convocaram-me ao palácio, onde Vossa Majestade emocionada presenteou-me com o título, tendo como testemunha uma boa parte da corte.

— Que doce e nobre de sua parte, então sua nomeação foi merecida. — Joanne sorriu. — Então, com fome, rapazes?

— Sempre! — Cam deixou escapar uma careta.

— Enjoado seria um termo mais condescendente — murmurou Jean.

— Sabe que tem que comer. — Cameron levantou-se e se instalou perto de Joanne.

— Uma sopa talvez, mais tarde quem sabe.

— Sopa?

Cam começou a rir baixinho.

— Joanne, por favor... Sopa normal, sopinha... Não uma Sofra.

— Afinal, o que essa sopa leva, minha nobre dama? — O irlandês deixou escapar uma careta.

— Bom... É segredo de família. — Sorriu.

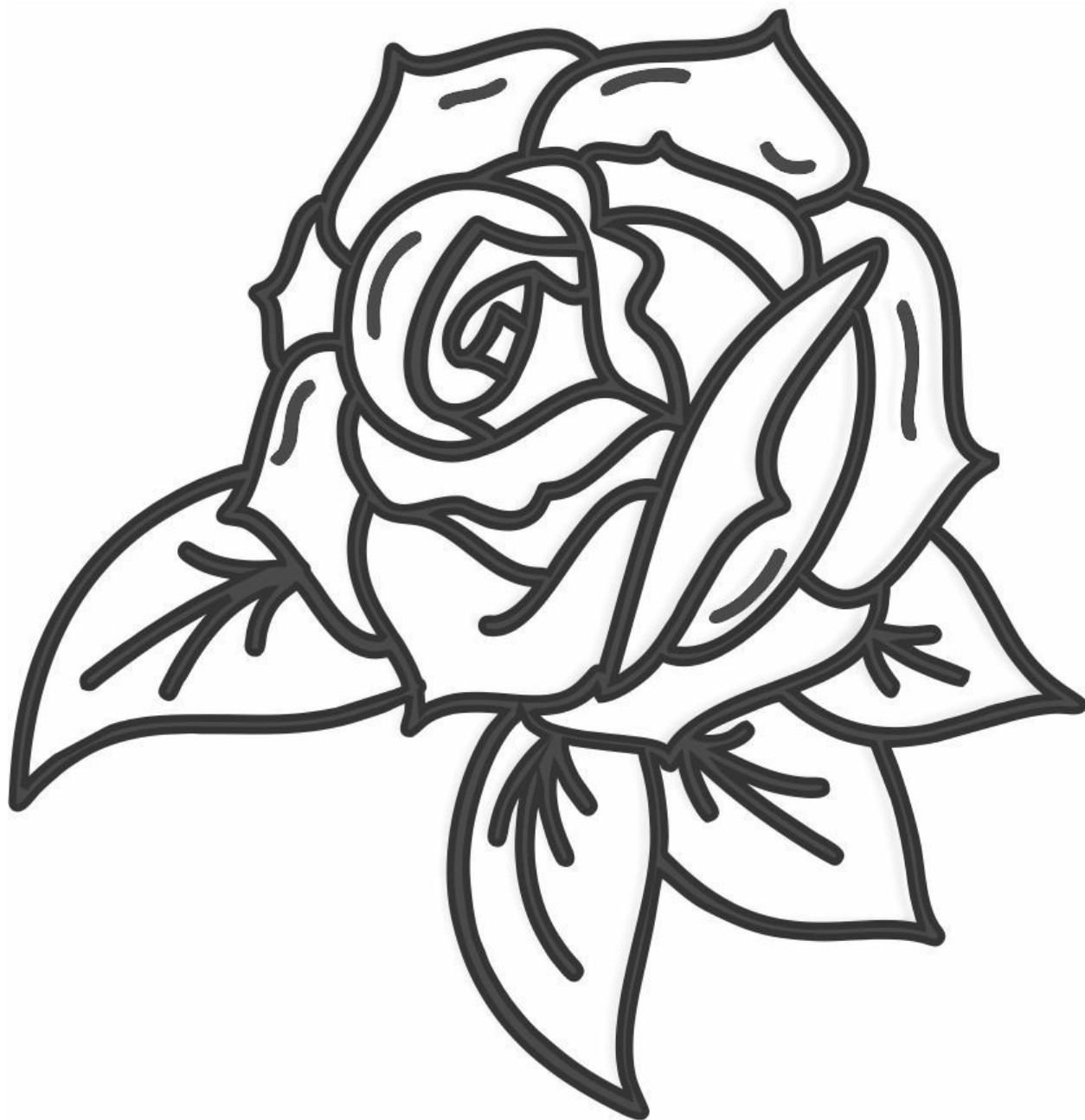
— Ah, *porrr favooooorrrrr*... — Jean arrastou o sotaque. — Estou doentinho...

— Tudo bem, eu conto: a sopa leva cinco enguias, trinta couves de Bruxelas, dois repolhos, vinte e cinco folhas de...

A porta se abriu e Alexander entrou com Irina a tiracolo.

— Irinuska soube que o titio Jean está dodói e veio ler uma historinha para ele. — Largou-a no chão.

A garota acomodou-se na cama, abriu o livro de história e começou a contar sobre fadas e castelos daquela maneira que só criança sabe.



8

Ele sentou-se na confortável poltrona: as botas jogadas no banquinho adiante, uma taça de *brandy* na mão e um olhar perdido na direção do nada.

A porta entreabriu-se para dar passagem a Henri.

— Milorde, devo preparar seu traje para esta noite? — perguntou junto ao batente.

— Ficarei em casa. Pode se recolher, Henri, obrigado — respondeu num fio de voz.

O valete suspirou mortificado e voltou a encostar suavemente a porta sem saber que seu patrão se encontrava perdido em lembranças. Algumas delas conseguiram provocar-lhe sutis sorrisos, como a primeira vez que vira Jane em Rotten Row: caída, catando pobres flores murchas com aquele arremedo de chapéuzinho destroçado ao lado, ou como deslumbrou-se ao vê-la radiante em um vestido que valorizava tudo aquilo que havia de bom nela, seus olhos e a maneira como expressavam dor e prazer, sua boca que ele tanto gostava de invadir em volteios preguiçosos e lascivos, sua pele na qual suas mãos e lábios demarcaram cada contorno, seus cabelos macios espalhados sobre seu travesseiro, seu cheiro de mulher, seu gosto... Ele virara um mentiroso compulsivo: mentia para os amigos quando se mantinha forte, mentia para a sociedade, para suas conquistas, mentia para si mesmo ao procurar por outras mulheres para aquilo que designou como “*intuito de descarregar energias acumuladas*”. O que ninguém sabia além das damas em questão e dele próprio era que a referida *energia acumulada* continuava presente, pois na maioria das vezes que pôs em prática o *intuito de descarregar*, falhara miseravelmente uma após outra. Estragado para as quaisquer mulheres, em sua mente, em sua alma, em seu coração, só havia lugar para uma única senhora e dona: uma baixinha sardenta, briguenta, com um gênio que rivalizava ao próprio Lúcifer, mas que fora seu derradeiro amor; sua Jane.

Sua ausência corroía-lhe a vontade de viver. Aos poucos ele sentia pesar a idade: algumas rugas antes inexistentes, marcas de expressão alarmantes e olheiras profundas se faziam presentes, não decorrentes da malária, mas de seu coração desolado. Jane recusara aceitar seu pedido de perdão e sumira na vastidão do mundo. Alquebrado, mas não vencido, ele por fim tomara uma vital decisão: não mais rosas azuis até que pudesse depositar uma única aos pés de quem realmente a merecia. Jean Claude Andree Du Marilac, conde de Trevand encerrava naquele exato momento sua carreira como um dos membros da Irmandade da Rosa. Ergueu a taça em um solitário e mudo brinde, tomou o conteúdo em um só gole para arremessá-la contra a lareira e agarrar a garrafa de cristal ao lado.



O salão lotado mais parecia uma filial do Inferno, apesar das portas abertas para os tão charmosos jardins de Goluboy Dom [\[18\]](#), a réplica da casa de Alexander em São Petersburgo perto de Piccadilly.

Mães desesperadas mantinham uma vigilância constante sobre suas crias, mas não dispensavam a participação em um dos eventos que se tornara extremamente cobiçado pela *Ton*: ex-libertino, ex-duque, atual marido honrado, príncipe e pai de família amoroso, Alexander Sotchi Romanov era a indicação certa para atrair bons partidos para o Mercado Casamenteiro, agora em suas últimas semanas. Como não podia deixar de ser, atrás do quarteto que aterrorizava os salões europeus, sempre havia uma horda de solteiros ávidos por absorver algumas das tão famosas técnicas de sedução cujos resultados (especulativos) circulavam de boca em boca, das comportadas casas de chá aos meandros de clubes de jogatina fossem aristocratas ou nem tanto.

Apesar da temperatura alta e do ar abafado circulante entre corpos dançantes, os perfeitos anfitriões mantinham o champanhe e a *vodka* gelados, acompanhados por refinadas iguarias russas: um alento para os pares suarentos ou para aqueles mais afoitos que retornavam das profundezas do paraíso clorofilado.

Reunidos em uma sala afastada do salão principal, Alexander, Jean Claude e Cameron conversavam animadamente com Joanne. O assunto reiniciou-se logo após a saída de um criado, trazendo nova leva de comida e bebida.

— Aproveitando a fortuita ausência do membro mais ativo dessa irmandade, minha amada esposa gostaria de rogar por ajuda. — Sorriu entregando-lhe uma taça de champanhe e sentou-se no braço da poltrona onde ela se instalara.

— Algum problema, Joanne? — Cameron caprichou na camada de caviar sobre um pequeno pedaço de pão.

— Somente soluções das quais gostaríamos que vocês participassem.

— Sobre o que seria? — Enfiou o pão na boca.

— O futuro casamento de Sebastian e Charlotte — respondeu tranquilamente.

Cameron engasgou; ergueu-se sufocado com Jean Claude batendo em suas costas.

Ela riu.

Alexander resmungou algo não muito apropriado na língua nativa, empurrou Andree e, com um tapa certo, acabou jogando Cameron para o outro lado do cômodo, vermelho, arfante, porém vivo.

— Tome. — Jean entregou-lhe uma taça de champanhe e o conteúdo desapareceu em goles sôfregos.

— Deixem-me ver se entendi... — O francês voltou a jogar-se no sofá ao lado. — Vocês querem que Bastian se case com...

— Minha irmã. — Joanne completou num tom inocente.

— Sempre soube que *vodka* demais fazia mal à mente. — Cameron jogou-se ao lado de Jean. — Sebastian? Casado? Sério?! Com sua irmã? Jura?!

— Creio que desconheço a razão para tal espanto. Algo de errado com minha irmã? — Ela fechou a cara e Alex quase cuspiu a *vodka* que tomava sobre Jean Claude.

— Ah, não! — Cam levantou-se. — Nadinha, nadinha! Só uma incômoda sensação de que os dois não sobreviveriam por muito tempo após as bênçãos nupciais. — Riu gostoso.

— Falando do diabo, onde está o rabo? — O francês arrastou o sotaque.

— Nem o diabo, nem seu rabo chegaram pelo que me consta. — Alexander retirou a garrafa de champanhe de seu recipiente e distribuiu nova rodada.

— Bastian estava no White's jogando *Whist*^[19] com lorde Masterson, o barão de Templethorn e o desafortunado visconde de München.

— E como estavam as rodadas?

— Bastian ganhou a primeira não no escuro^[20], aposta alta. Não demorará muito para depenar a mesa. — Cameron riu.

— Depois virá para cá? — Joanne aceitou um pequeno sanduíche apontado em sua direção.

— Ele resmungou algo muito parecido com: “*vá para o Inferno, Cam!*” Então eu perguntei se ele viria para o Inferno comigo e ele me mandou para outro lugar, um pouco menos aprazível que o primeiro. — Riu.

— Isso quer dizer que o campo de caça fica liberado para vocês dois. — Alex sorriu safado.

— Para Cameron, eu estou fora.

Um pequeno sanduíche caiu das mãos do russo a caminho de sua boca em cima do tapete Aubusson predileto da Grã-princesa que, por sinal, olhou rancorosa para o marido e apontou para a prova do crime.

— Meu tapete queridinho! Pegue logo, duque lesado! — Rosnou.

A realeza tratou de obedecer.

— Fora em que sentido? — Cam tomou mais um gole, tentando limpar a rouquidão que se instalara, além de refrear algumas risadinhas que certamente gerariam algum tipo de retaliação russa.

— Arrumou companhia? — Alex piscou para Joanne, agora apaziguada.

— *Non*. — Retirou um fiapo imaginário de sua calça impecável.

— Já tem alguém na mira? — Cameron perguntou curioso.

— *Non*.

— Seu nível de energia acumulada voltou ao normal? — Alex insistiu.

— *Non...* — murmurou mirando as pontas dos sapatos sobre a mesinha adiante.

— Cansou de mulher? — Cam arriscou-se e ergueu as mãos em mudo pedido de desculpas por conta do olhar raivoso em sua direção.

— Você desistiu... — Joanne pôs fim às especulações.

Ele ergueu um par de olhos melancólicos em sua direção.

— Acabaram suas rosas?! — Cameron piscou sem acreditar.

— Mandei o jardineiro destruir tudo deixando um só arbusto intacto com alguns botões. Uma dessas rosas será entregue a uma única pessoa quando encontrá-la. Depois disso, será destruído também.

Um silêncio pesado desceu sobre a sala.

Joanne quebrou o clima.

— Charlotte contou que escorraçou Bastian quando da visita, logo após o Baile de marquês de Colborne.

— Agora entendi a razão do humor insuportável. — Cameron riu. — Medo de perder a aposta.

— Que aposta? — Joanne encarou-os, séria.

Jean e Alex encararam um irlandês linguarudo.

— Cameron apostou conosco que sua irmã não aceitaria uma aproximação. — Alexander tentou manter o tom casual.

— Tudo no intuito de despertar a atenção do contingente masculino idiota que *non* enxerga a pobre *garrota*.

— E o que apostaram? — Ela estreitou os olhos.

— Um dos meus garanhões árabes. — Alexander mastigou.

— Uma de minhas éguas árabes — Cameron confessou, ainda sem graça da mancada dada.

— Uma das minhas também. — Jean completou e esperou que a Grã-princesa tendesse ao caos.

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Ai, deu merda! — Alex afastou-se por via das dúvidas.

— E ele agora não veio ao baile por causa da estupidez alheia — ponderou andando pela sala.

— Não, *Kukla*. Ele não veio porque sua irmã o atingiu num lugar onde mulher alguma conseguira durante todos esses anos.

— No seu ego? — Ela torceu o canto da boca em escárnio.

— No seu coração, *ma chérie*.

— Então, posso contar com a ajuda de vocês? — Sorriu.

— Sempre. — Cameron beijou-lhe as mãos.

— *Oui*. — Jean deu um meio sorriso.

— Vamos dobrar a aposta. — Alexander opinou. — Bastian não resistirá e deixará de lado a ideia de desistir de Charlotte. Melhor seria se vocês dois aparecessem ainda hoje no White's... Ammm... E casualmente soltassem a novidade. Podem dizer que o baile estava chato demais.

— Arrastarei o comedor de baguetes comigo. — Cameron piscou para Joanne.



Wrington, Somerseth...

A noite estrelada e a brisa agradável os levaram a se reunir na varanda à luz de alguns lampiões. Mark disputava uma acirrada partida de xadrez com Paul, as mulheres costuravam e bordavam num canto enquanto no outro, um botânico muito à vontade conversava com um bando de crianças. Jane observou a facilidade com que Daniel entretia os mais novos, que pareciam fascinados pelo mundo oculto de folhas, flores, frutas e vegetais em geral. Sarah baixou o bordado que fazia e inclinou-se na direção de Caroline.

— Ele é carinhoso com os pequeninos — comentou.

— Vai ser um bom pai — Caroline falou com cautela.

— Ia ser uma ótima mãe pra você e o bebê, Jane — Sarah disparou sem rodeios.

Jane suspirou. Claro que seria impossível manter seu segredo por muito tempo. As garotas logo perceberam e, agora, o foco era bordar o enxoval do bebê, e dissuadir seus maridos da ideia de retornarem a Londres para lavar a honra da amiga, além da campanha agressiva para que aceitasse as sutis investidas de lord O'Sullivan. Sabia que nesse caso, Sarah e Caroline estavam mais que certas, porém, no fundo de seu coração, ainda esperava que Jean Claude aparecesse, se arrastasse aos seus pés implorando por seu perdão e dissesse que a amava mais uma vez.

— Sou uma mulher arruinada. Quem em sã consciência quereria assumir o filho de outro homem?

— Ele! — As duas responderam ao mesmo tempo.

— Milorde sequer se insinuou — balbuciou indiferente.

As duas mulheres entreolharam-se e caíram na gargalhada.

— Você num é cega, não burra... — Caroline enxugou o rosto com a borda do avental. — Mais tá parecendo uma cabra cegueta!

— Ele num falou nada porque você num deixa que ele fale; faz cara feia, mais pareci que vai matá ele! — Caroline resmungou e Sarah fez-lhe coro.

— Deixa ele, Jane. Aquela sua francesa do inferno num vai achá você mais não e seu filho precisa dum pai. Nós sabe que o milord aqui gosta de você. Dá uma chance pro pobre homem!

Pela primeira vez desde que fugira de Londres, Jane titubeou; já não era mais uma questão pessoal, trazia consigo um inocente que necessitaria de toda a ajuda.

— Eu não sei... — Baixou os olhos quando ele a encarou com um sorriso terno.

— Seu milord tem um sorriso tão bunitinho! — Sarah suspirou.

— Ele é todinho lindinho! — Caroline inclinou a cabeça sobre o ombro da amiga.

— Tudo bem, vou pensar. — Recebeu um par de caretas como resposta. — O que foi? Eu prometo que pensarei no assunto! — sussurrou.

— Pode começar agora mesmo. — Sarah apontou. — Seu milord tá chamando. — Riu baixinho.

Jane largou a costura, passou pelos rapazes e foi coberta de beijinhos e abraços infantis ao se juntar à turma animada. Daniel levantou-se e esperou que sentasse.

— Atrapalhei-a com suas tarefas?

Ela sorriu.

— Foi bom me distanciar um pouco da tagarelice das meninas. Os assuntos tendem a girar sobre seus filhos e...

— Você daria uma mãe maravilhosa — afirmou numa frase apressada.

Jane piscou surpresa.

— Talvez, algum dia... — Evitou contato visual.

— Estou falando de agora. — Aproveitou-se e segurou sua mão. — Fui casado, minha esposa morreu ao dar à luz e levou meu pobre filho com ela. Sou um cientista, srta. Boreen, sei distinguir muito bem os sinais.

— Não sei sobre o que está falando.

— Sobre a criança que carrega e a ausência do responsável que a gerou.

Jane baixou a cabeça e mordeu o lábio inferior.

— Criançada, hora di drumi! — Sarah berrou da porta e sorriu matreira para o botânico quando deixando-os a sós.

O’Sullivan retomou seu sutil ataque.

— Desconheço o que aconteceu, não tenho sequer o direito de saber, contudo, a única coisa que tenho como certa é a falta de honradez do pai desse inocente. Quero assumi-la como esposa e seu filho.

— Ele não sabe...

Daniel franziu o cenho.

— Eu não quero que ele saiba. — Lágrimas fizeram-se presentes.

— Então devo concluir que é de seu intuito assumir esse encargo sozinha? — Entregou-lhe um lenço.

— Meus amigos estão comigo, não estou sozinha, milorde.

— Daniel, meu nome é Daniel. — Tomou-lhe o lenço das mãos e delicadamente secou seu rosto.

— Por favor, trate-me por Jane.

— Essa criança merece um pai.

— Não o terá — sussurrou.

Daniel suspirou pesado, mirando a lua acima.

— Gosto de você.

Ela fungou, balançando a cabeça em lenta negativa.

— Não somos mais crianças e já passamos da adolescência, logo, serei direto e sincero: gosto de você, Jane, já deve ter percebido, ainda mais com suas amigas fazendo uma campanha cupídica um tanto quanto agressiva.

— Elas não...

— Elas têm todo o direito. Preocupam-se com você e com seu futuro. E eu também.

— Sou uma mulher humilde, milorde...

— Daniel.

— Daniel. Fui arruinada por me iludir: amei demais, me entreguei e não fui correspondida. Certamente você merece uma pessoa melhor.

— Sei o que é bom ou ruim para mim, Jane e você não se enquadra na segunda categoria. — Voltou a suspirar. — Amanhã voltarei para casa e a deixarei pensar.

— Voltará? Ainda não está...

— Voltarei e a deixarei pensar. — Levantou-se. — Estou estendendo minha mão e meu coração para você, Jane. Sei que não me ama, mas gostaria que soubesse que assumirei você e essa criança que carrega se assim o desejar. Tenha uma boa noite, minha dama. — Beijou-lhe a mão, agarrou a bengala e seguiu em direção ao quarto.



Londres...

Jean Claude e Cameron encontraram Sebastian ainda grudado na mesa de *Whist* com uma considerável pilha de fichas ao lado.

— Estou encerrando a parceria. — O visconde de München levantou-se. Alguém se habilita?

— Tomarei o seu lugar, München.

— Fique com minhas fichas também. — Riu, entregando cinco míseras fichas nas mãos de Cameron que prontamente tomou seu lugar.

— Você é o *dealer*. — Masterson entregou-lhe o baralho.

— Primeira rodada no escuro? — Sorriu sacana.

A rodada começou e por mais que um astuto irlandês tentasse, um emburrado inglês não tomava parte nos colóquios, até Jean Claude puxar uma cadeira para perto da mesa.

— Humm... — Inclinou-se sobre o ombro do amigo. — Que cartas boas você tem aí!

— Andree, cale essa matraca! — Bastian grunhiu.

— Cam, você não tem chance alguma, *mon ami* — continuou.

— Comporte-se, Trevand. Narradores não são bem-vindos, deveria conhecer as regras de boa conduta mais que ninguém. — lorde Masterson, parceiro de Sebastian resmungou.

— Mesmo assim, se eu fosse Cam, guardaria os ases e...

— Vocês não estavam no baile? — Sebastian ergueu os olhos das cartas pela primeira vez e fulminou o francês mais atrás.

— Estava chato lá. — Jean suspirou indiferente.

— Chato?! — Um par de sobrancelhas inglesas levantou-se.

— Sim... — Cameron suspirou em eco. — Entediante.

— O baile do Grão-príncipe de São Petersburgo entediante?! — Templethorn inquiriu atônito.

— Pois é... — Andree fez par aos suspiros de Cameron. — Por isso decidimos vir para cá e, também, para trazer um recado do referido príncipe ao seu amigo, o visconde aqui presente.

— Que recado?

— Senhores, poderiam nos dar a gentileza de uma pausa?

— Claro, Trevand. — Templethorn juntou-se a Masterson. — Será bom esticar as pernas um pouco. — Deixaram a mesa.

— Muito bem, desembuchem! — Jogou as cartas viradas sobre a superfície e começou a contar suas fichas.

— Tivemos uma pequena reunião e chegamos à conclusão que dado ao deplorável estado da irmã de Joanne...

— Aconteceu algo com a garota? — A pilha de fichas se desfez.

Jean Claude sorriu sacana para Cameron.

— Além do fato de estar relegada ao canto das encalhadas? — comentou inocente.

Bastian deu de ombros em ostensivo sinal de indiferença.

— Não estaria se tivesse aceitado meu pedido de desculpas quando fui visitá-la — respondeu, demonstrando um desdém artificial.

— Deu pena vê-la chorando tanto. — Cameron conseguiu roubar duas fichas que deslizaram em sua direção quando da queda da pilha. Recebeu uma bufada como resposta.

— Qual o recado de Sacha?

— Alex resolveu tornar a aposta, digamos, um pouco mais aprazível.

— Como assim? A garota não me interessa.

— Resolvemos dobrá-la.

— O visconde mirou o conde.

— A garota?

— A aposta, *eejit!*

O cenho de Sebastian franziu numa quase fusão de sobrancelhas.

— Quatro éguas, dois garanhões árabes... O que acha?

— Estou em dúvida — murmurou.

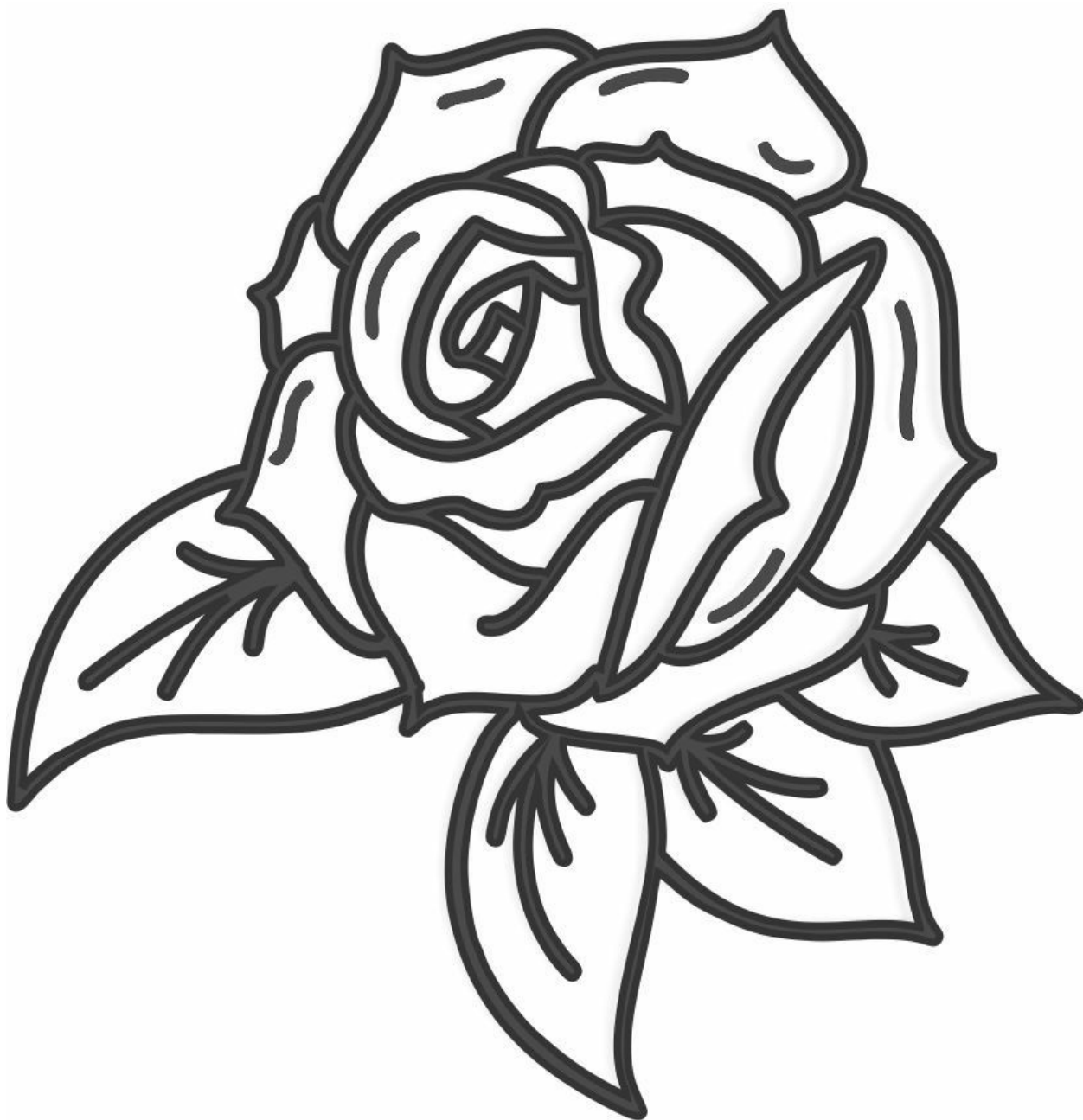
— Ah, qual é, irmão! Começaremos a achar que sua legendária lábia com o sexo feminino entrou em franca decadência. — Alfinetou Jean.

— Nunca tive qualquer problema para conseguir o que bem entendesse do sexo feminino e não será agora que terei.

— Ótimo! Voltamos ao baile? — Cameron ergueu-se.

— E por que não? — Sorriu recolhendo as fichas. — Tenho quatro éguas e dois garanhões para ganhar.

— Assim como essas fichas que acabei de roubar de você. — Cameron depositou-as sobre a mão já cheia do amigo.



Joanne forçou o marido a girar na direção da porta onde os três membros da Irmandade já geravam comentários mesmo antes de adentrarem ao salão.

— Ah! — E não é que deu resultado? — Sorriu. — Preciso grudar em Charlotte.

— Estamos no meio de uma valsa, amor.

— Alex, seria totalmente improdutivo deixar Lottie perceber que Bastian chegou, estando ela sozinha e sem minha supervisão para empurrá-la para ele.

— Vai empurrar sua irmã? — Perguntou confuso.

Ela gargalhou o suficiente para chamar atenção.

— Arremessá-la se for necessário. — Sorriu coquete. — Agora que tal dançarmos até aquela maldita parede que se transformou em vitrine de mulheres chorosas?

— Entendido! — Piscou para ela e acelerou os passos para desespero dos outros casais ao redor.

Em dois giros, Alexander deixou sua esposa cair na cadeira ao lado daquela em que sua irmã se instalara desde que chegara; bem a tempo, já que certo visconde se avizinhava.

— Joanne. — Inclinou-se, beijando-lhe respeitosamente a mão para virar-se na direção da moça ao lado. — Srta. Needlethorn, que prazer revê-la em tão bela forma. — Beijou-lhe as pontas dos dedos, já que a mão foi retirada da sua rapidamente. Inclinou a cabeça. — Se bem que... — Mirou-a com atenção. — A febre do feno atacou-lhe? — Apontou para seu próprio nariz a fim de indicar que o adorável narizinho abaixo encontrava-se indisfarçavelmente escarlate.

Joanne abafou o riso por trás do leque.

— Estou muito bem, obrigada. — Suspirou chorosa.

A Grã-princesa torceu o canto da boca e encarou o amigo.

— Pois eu tenho o remédio certo para essa sua crise alérgica. — Ele sorriu simpático.

— O quê?

Sebastian simplesmente a puxou pela mão e saiu arrastando Charlotte em direção ao meio do salão onde outros pares já se preparavam para a próxima dança.

A garota piscou confusa ao notar que o nobre adiante já havia posicionado sua mão sobre o ombro dele, a cintura segura firmemente enquanto tentava tomar-lhe a mão livre que foi espanada com certo vigor rebelde.

— Não quero dançar. — Bateu com a sapatilha em protesto.

— Ah, você quer sim. — Conseguiu capturar a mão, esticando-a para o lado. — Se não quisesse, seu nariz certamente se mostraria como sempre foi. — Segurou a risada. — Ora, ora, ora, uma valsa! — Girou-a e levou um pisão.

— Como assim “*como sempre foi*”? — Errou o passo, obrigando-o a desculpar-se com o par ao

lado.

— Empinado, metido e orgulhoso. — Fechou a cara, totalmente irritado. — Pretende pisar em meus sapatos até o final da dança?

— Deixei claro que não queria dançar, milorde.

Eles pararam e Sebastian estreitou os olhos.

— Já que não quer dançar, então vamos conversar. — Segurou-a pelo braço e driblou meia dúzia de casais curiosos.

— Para onde está me levando?! — Quase gritou.

— Para tomar um ar.

— Eu não posso ir aos jardins com você! — Tentou parar, mas era o mesmo que tentar deter um cavalo desembestado. Quando notou, já seguiam por uma das aléias.

Sebastian só a largou ao alcançarem um gazebo coberto por camélias. A brancura das flores parecia brilhar sobre a luz da lua e seu perfume enchia o ar.

— Voltarei ao salão! — Ela ergueu-se do banco de pedra onde fora sentada.

— Conversaremos primeiro. — Bloqueou-lhe a fuga pelo lado esquerdo, depois pelo direito.

— Você não passa de um desgraçado libertino almofadinha, filho de uma rameira, que vai se divertir arruinando a minha honra. Em troca do quê, milorde?! — Ergueu os braços entre o desespero e a raiva.

— Libertino sim, desgraçado talvez, almofadinha, sério?! Agora, jamais filho de uma rameira, garota malcriada!

— Me deixa ir embora.

— Só depois que conversarmos.

Charlotte surtou; jogou-se sobre ele, socando-lhe o peito.

— Decididamente você perdeu a noção do perigo... — Segurou-a pela cintura e a trouxe mais para perto.

— Vou lhe matar, seu verme insignificante! Eu...

Ele simplesmente perdeu a noção, de tão irritado que estava, acabou fazendo a única coisa que achou chocante o suficiente para castigá-la por tudo: aproveitando-se da boca semiaberta, invadiu-a sem convite. No início, deixou com que sentisse toda a raiva que lhe causara, mas conforme a doçura

dela fluía por seu corpo, deu-se conta de que aquele seria o primeiro beijo de seu tão malcriado desafeto e logo trocou o ritmo para um calmo e lento bailado até que, por fim, sentiu-a render-se entre seus braços.

O beijo estendeu-se pelo o que parecia uma eternidade do ponto de vista feminino.

Curto demais pelo ponto de vista masculino. Animado por ter sido o primeiro a marcar território, o visconde de Riverdall teve que encerrar, contrariado, aquilo que detestou que acabasse e que Deus tivesse piedade de sua alma. Abriu os braços largando sua presa.

Charlotte, trôpega, recuou; olhos arregalados, corada, lábios entreabertos, tão confusa quanto uma gazela ao notar que o leão que a capturara, abrira sua mandíbula de boa vontade. Um soluço brotou tão repentinamente que Bastian nem teve tempo de reagir. Logo outro seguiu-se e outro e mais outro até que a represa estourou. Ela disparou em direção à casa, deixando um nobre confuso para trás.

Correu totalmente cega pelas lágrimas, seu corpo vibrava com as sensações geradas pelo corpo masculino antes pressionado ao seu: o gosto de *whiskey* e tabaco em sua boca se fazia presente, o cheiro amadeirado dele impresso em suas vestes. Acabou esbarrando em Alexander, que descia as escadas com Joanne e literalmente grudou em seu cunhado.

— O que houve, querida? — Acarinhou suas costas.

Ela soluçava tanto que não conseguia falar.

— Foi Riverdall? Ele fez algo? — Tentou desgrudá-la, em vão.

— Me... be...be...bei...joouuuu! — Balbuciou.

Alexander sorriu.

Joanne aproveitou da privacidade do local e ensaiou alguns passos de valsa sem que a irmã notasse.

— Conversarei com ele, tudo bem? — Desgrudou-a.

— Venha, Lottie, vamos para seu quarto; não vai querer passar pelos narizes da *Ton* do jeito que está, vai? — Segurou a irmã pelo ombro.

— Nã... ãooo... — Soluçou.

— Verei vocês depois. Bom, onde está aquele desclassificado amigo?

— Caa... méé... lhaaass...

— Leve-a, *Kukla*. Preciso ter uma conversa muito séria com o visconde.

Joanne piscou para ele e carregou a irmã em direção à entrada da biblioteca.

Alex seguiu o caminho indicado cantarolando uma antiga balada de amor em russo até alcançar o amigo sentado no banco, cabeça descansando entre as mãos, braços apoiados nos joelhos.

— Bastian?

Ele ergueu os olhos.

Alexander gargalhou.

— Sacha... — Suspirou desanimado. — Veio cobrar uma reparação antes que a família de Joanne me mate?

— Do quê?! — Sentou-se ao lado. — Do fato de Charlotte ter grudado em mim como um carrapato choroso dizendo que você a beijou?

— Não pude evitar, a garota me enlouquece! — Balançou a cabeça, condoído.

Alexander mordeu o lábio com força no intuito de segurar uma nova leva de gargalhadas que chegava.

— É, sei bem o que é isso... — Distribuiu tapinhas de consolo nas costas ao lado. — *Kukla* me enlouquece até hoje.

— Nada a ver! — gemeu indignado.

— Claro, claro! — Manteve os tapinhas. — Com certeza, é só a aposta, certo?

— Sim, só a aposta.



Elizabeth ouviu o genro contar que Joanne acompanhara Charlotte até seu quarto, acometida de uma súbita dor de cabeça, onde descansaria depois de uma salutar dose de láudano. Contudo, sua atenção na verdade, mantinha-se sobre o visconde ao lado. Impossível deixar de notar o mal-estar do nobre. Logo, ou a dor de cabeça de sua caçula era epidêmica, ou algo acontecera entre aqueles dois. Ao lado, John também notara, e, antes mesmo que os rapazes se pusessem em fuga, disparou no instante que Joanne se juntava ao grupo.

— Deixemos então para a próxima semana.

— O que tem a próxima semana, papai? — Joanne pendurou-se no braço de Alexander, empurrando Cameron para o lado.

— Esqueceu-se? — Encarou-a surpreso. — Ela esqueceu-se, Alex!

As cabeças viraram.

— Como pôde se esquecer, *Kukla*? Lembre-a, John — rebateu sem fazer a mínima ideia sobre o que seu sogro tramava.

As cabeças retornaram.

Por trás de Sebastian, Jean Claude começou a rir e levou uma cotovelada de Cameron.

— Filha, você nos convidou para uma semana em Farnham House, lembrou-se agora?

Aquela expressão diabólica que tanto assustava, brotou na face angelical de sua mais velha, arrancando um pequeno gemido da realza.

— Ah, mas que tonta eu sou! — Riu. — Claro que vocês estão convidados. — Encarou um a um. — Vocês irão, certo? Cam?

— Com certeza, eu não perderia isso por nada nesse mundo!

— Jean?

— Só retomarei as buscas por Jane no mês que vem. Preciso descansar. Sim, eu aceito o convite.

— Bastian?

As cabeças viraram em uma só direção.

— Bastian!

— Tenho alguns assuntos pendentes a tratar com meus advogados — começou.

— Você é o padrinho de Irinuska, como faltará ao seu aniversário? — Alex se fez de ofendido.

— Mas Irina não nasceu em... — comentou pensativo.

— Bastian! — Joanne grunhiu e Cameron encolheu-se por trás de Andree.

— Certamente estarei presente. — Ergueu uma sobrancelha na direção do russo que sustentou a muda indagação com um ar de pura inocência.

— Ótimo! Seremos nós e mais alguns convidados. — Bateu palmas, animadas.

Elizabeth apertou o braço de John. Em poucos segundos, sua filha já maquinara tudo com uma eficiência militar de dar medo.

Naquela noite, Alexander teve um acesso de riso como nunca tivera em sua vida. Inclinou-se sobre a mulher que acabara de amar, ainda lânguida pelo prazer e entre espasmos das gargalhadas, indagou.

— Defina mais alguns convidados, minha pequena Maquiavel. O que se passa por sua cabecinha?

— Forçar Sebastian a fazer par com Lottie. Pensei em chamar Seth Campbell, Horace Stapleton...

— Seth é o filho mais velho do barão de Cavanaugh e Stapleton será o próximo conde. Quem mais?

— Oliver Blackmore.

— Gosto do duque de Blackmore.

— Ephrain Hardington e suas irmãs Frederica e Grace.

— Oh, meu Deus! — Gemeu.

— Além de Emma Lockhart e Harriet Rowley.

— As irmãs Hardington são grudentas, Jo. E Ephrain é um retardado salafrário.

— Grudarão nas pessoas certas.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque eu estarei lá para manipulá-las.

— Já tive Frederica no meu pé e não é nada agradável.

— Você é um homem casado agora e se ela se atrever, me ajudará a esconder o corpo. — Riu e aconchegou-se a ele.

Segundos depois.

— Jo?

— Hum?

— Esse assunto de esconder o corpo é brincadeira, não é?

Ela ergueu a cabeça em sua direção.

— Ammm... Não! — Beijou-o de leve e voltou a dormir.



Fazia uma semana que Daniel retornara à sua propriedade sem dar qualquer notícia sobre seu estado ou uma palavra referente à conversa que tivera com Jane. Então algo peculiar aconteceu: ela se pegou sentindo falta do sorriso de criança travessa que ele deixava escapar quando relaxado, dos grandes olhos carentes, do jeito carinhoso que sempre a tratou, das conversas sobre flores, até mesmo de sua teimosia.

Alguns quilômetros adiante, Daniel concordou animado; seu médico afirmou que seria necessário permanecer com a tala no braço, contudo, fora dispensado do uso da bengala. Deixou escapar um suspiro de orgulho pelo conhecimento médico do alvo de seu afeto. Seu pé estava ótimo, seu coração nem tanto. Desde que sua Seraphine se fora, assuntos concernentes ao órgão em questão (ou outros) se resumiam a rápidas e raras escapadas à Londres, mais precisamente à *La Maison du Lis Bleu*, uma “casa” confiável e segura. Contudo, seus sentimentos estavam longe de ser mero desejo acumulado. Não, havia algo a mais gerado pelo jeito que a vendedora de flores orbitava ao seu redor esses dias, ou melhor, pelo jeito que ele passara a orbitar ao redor dela. Ele a queria.

Muita tristeza correria por sua vida, como negras águas turbulentas de um rio. Jane passara a ser a ponte que voltaria a interligar suas margens isoladas por tantos anos, desde a morte de Seraphine. Logo, o tabuleiro de xadrez fora arrumado; realizara o primeiro movimento: abrira seu coração e deixara o jogo momentaneamente a fim de dar espaço para seu adversário pensar. O ato de isolamento machucava-o tanto quanto ansiava pela reciprocidade do sentimento. Manter-se-ia onde estava. Esperaria ansioso pelo contra-ataque, mesmo sabendo que se contentaria com as migalhas que ela oferecesse.





Farnham House, Surrey.

A propriedade fora presente de casamento de Alexander para Joanne, comprada de seu sogro ao descobrir que sua esposa crescera por alguns anos nela. Cercada por uma floresta não muito densa, bosques antigos, árvores centenárias, a casa lembrava muito um castelo em uma versão menos austera, mas mantinha seus merlões, almeias, torres, além do bom e sóbrio ar inglês de séculos. Localizava-se a alguns minutos de Frensham Great Pond, um lago artificial (na verdade, um reservatório), construído em 1246 por ordem do bispo de Winchester a fim de servir como criadouro de peixes para quando de suas visitas à Farnham Castle. Era grande o suficiente para a prática de esportes náuticos, o que muito alegrou um russo apaixonado, que acabou por comprar um pequeno iate para a família.



Andree abriu a porta do escritório de Sacha com tamanha urgência que Cameron e o anfitrião ergueram-se aflitos, pensando que alguma catástrofe se abateria sobre eles. Tratou de encostar-se a ela à guisa de bloqueio.

— *Oh, mon Dieu!* — gemeu correndo dedos nervosos sobre os cabelos em desalinho. — Elas chegaram!

Cameron franziu o cenho, Alexander arregalou os olhos.

— As irmãs Hardington?! — Ele arrastou a pronúncia russa como se o sobrenome fosse impronunciável em inglês.

— Com aquele imbecil do irmão a tiracolo, além de dois poodles histéricos e uma carola como acompanhante, para a qual, diga-se de passagem, chamaram John com urgência, já que a mulher parecia um defunto no fundo da carruagem.

Os dois amigos encararam o francês, confusos.

— Sono pesado — explicou, passando a chave para garantir sua segurança e a dos membros da irmandade.

— Azar o nosso... — Cameron resmungou.

— E ainda ronca! — Jean agarrou-se à garrafa de *vodka* sobre o aparador.

— Onde se meteu Sebastian? Deveríamos estar unidos contra essa ameaça ao nosso bem-estar e sanidade. — Cam virou-se para Alexander.

A porta foi inclementemente socada. Um irlandês e um francês recuaram instintivamente para trás de um russo que começara a achar engraçado tudo aquilo.

— Não abra! — Jean segurou-lhe o braço inexistente.

Alex riu e destrancou a fortaleza, puxando Joanne perplexa para dentro.

— Mas, o quê?! — Olhou ao redor. — Os Hardington chegaram, Sacha.

— Eu soube. — Apontou para Jean Claude saindo de trás da cortina.

— Onde está Cameron?

— Aqui — Jean puxou-o de seu esconderijo debaixo da mesa de Alex e levou alguns tapas em protesto.

— Senhores... Estão parecendo um bando de crianças assustadas.

— Exata definição, madame... — Cam deixou o abrigo da mesa.

— Os Hardington são inofensivos. — Ela sorriu.

Os homens encararam-na como se houvesse bradado contra a monarquia.

— Ah, sério?! — Pousou as mãos na cintura.

— Querida Joanne... — Cameron passou por Jean e o estapeou um pouco mais. — Você não faz ideia do perigo em potencial de Fuinha 1, 2 e 3.

— Sendo Fuinha 1, Ephrain Hardington e Fuinhas 2 e 3, Frederica e Grace. — Jean tomou o resto da *vodka* que esquecera sobre a mesa ao procurar pelo abrigo das cortinas.

— Principalmente Fuinha 2. — Alexander concordou com um semblante assustado.

— Bichos à parte, são nossos convidados e preciso de meu marido para fazer as honras da casa. — Agarrou-o pelo colete e o rebocando-o em direção à porta.

— *Der'mo!*

— Sem imprecações, Sacha! — Resmungou e parou. — Onde está Bastian? — Mirou desconfiada para a lareira apagada.

— *Non* chegou. — Jean aceitou outro copo de *vodka* estendido em sua direção.

Ela suspirou.

— Rapazes, só para que eu possa entender... Pretendem passar a semana inteira entrincheirados aqui?

— No momento talvez — Cameron murmurou.

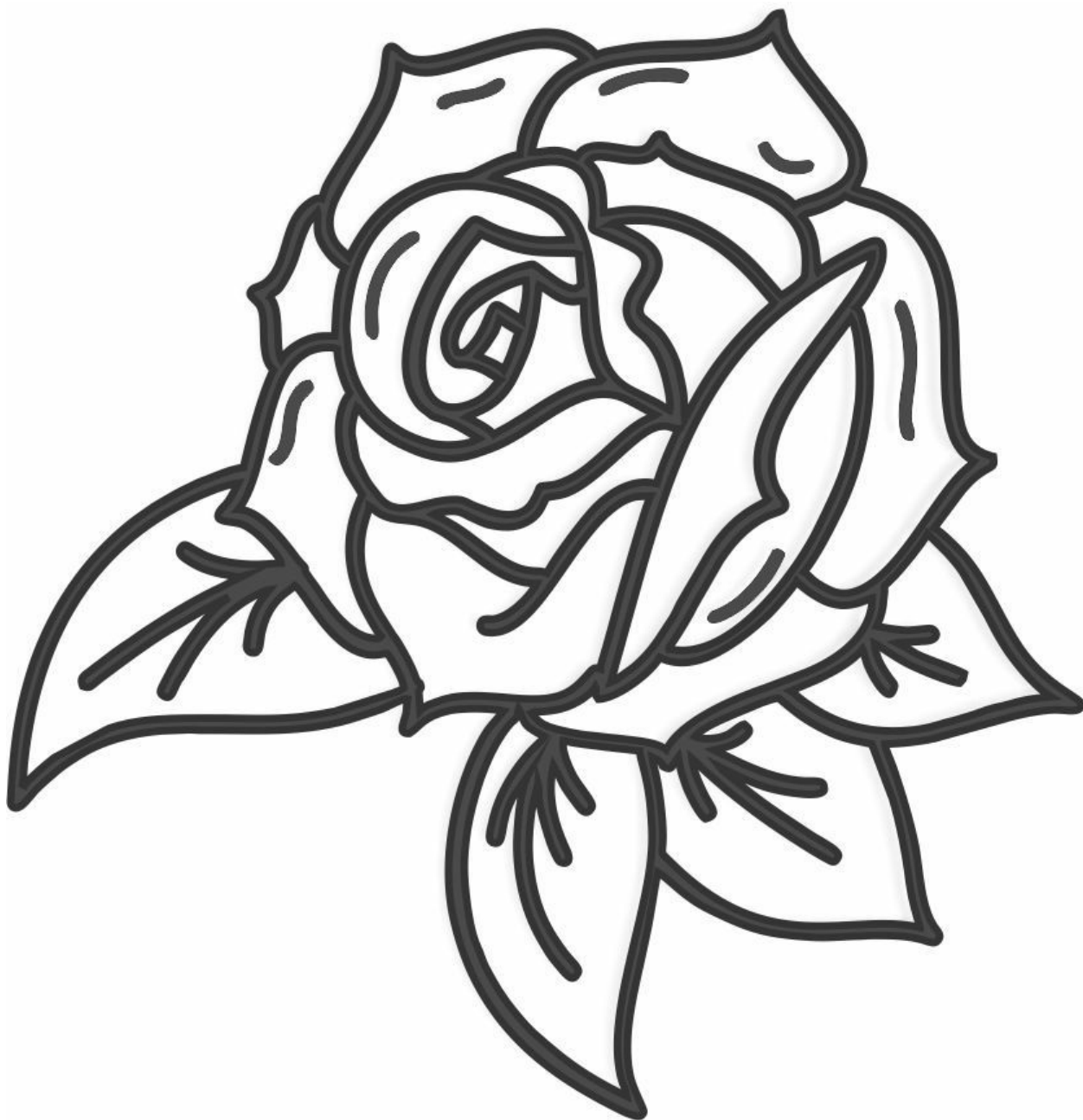
— Essa seria, sem dúvida, uma boa ideia. — Jean concordou laconicamente.

— Quero meus dois amigos lindos e simpáticos prontos para o almoço, em corpo e alma. — Estreitou os olhos e voltou a rebocar o marido. — Outra coisa... — Parou novamente e armou um sorriso maligno. — Elas farejam o medo. Logo, se eu fosse vocês, tomaria o máximo de cuidado. — Fechou a porta atrás de si carregando um russo com um olhar desesperado.

— Que exagero, meu amor! — Parou no meio ao caminho para a sala e o beijou.

— Perder o braço na guerra foi mais fácil — resmungou incomodado.

— Eu o protegerei. — Bateu carinhosamente no rosto acima. — Vamos? — Empurrou-o para que seguisse adiante.



10

O número de convidados aumentara na Sala Azul, todavia um silêncio imediato das conversas animadas se fez assim que o casal chegou.

— Sejam bem-vindos à *Zholtyy Don*.^[21] — Alex sorriu e por pouco não gargalhou ao notar que Grace quase tombara por conta de uma saudação desajeitada.

— Sr. Hardington, senhoritas, sra. Owllet Twist, senhores, este é meu marido, o Grão-príncipe...

— Da Rússia inteirinha... — Frederica aproximou-se sem cerimônias, esticando a mão em sua direção.

— Somente de São Petersburgo e Sotchi. — Beijou-lhe os dedos conforme dita o protocolo. — “São como pequenas garras...” pensou. “Pequenas garras de uma fuinha muito, muito, muito feia e irritante...”

— Vossa Alteza. — Ephrain inclinou-se em uma saudação não muito melhor que a da irmã. — Gostaria de agradecer-lhes pelo tão gentil convite.

“Agradeça a minha mulher que enlouqueceu de vez” pensou. — O prazer foi nosso — respondeu quase entredentes e virou-se. — Campbell, Stapleton, Blackmore, sejam bem-vindos.

— Vossa Alteza... — Os três inclinaram em um conjunto perfeitamente harmônico.

— Devem estar cansados. Os criados os acompanharão até seus quartos para que possam repousar antes do almoço.

— Eu não!

Os olhares pousaram sobre Frederica, que encarava a realeza de uma forma explicitamente gulosa, o que o levou a recuar alguns passos.

— Mas eu estou cansada, mocinha!

A sra. Owllet ergueu-se do sofá onde literalmente babava segundos atrás e começou a espanar as garotas para alívio de um russo acuado.



Wrrington, Somerseth...

Caroline inclinou-se sobre o fogão onde uma imensa panela com conteúdo duvidoso borbulhava em prenúncio de alguma coisa errada.

— Mais qui porcaria é essa?! — Agarrou a colher de pau ao lado, recolheu um pouco do caldo e já ia prová-lo quando Jane a tomou.

— É a receita de família de amigos. Chama-se Sofra e estou morrendo de vontade de tomar alguns pratos.

— Num pareci coisa boa não... — Sarah aproximou-se com John e Mark.

— Num pareci qui é coisa di Deus não! — Mark pinçou o nariz.

— Pruque alguém ia chamá issu di Sofra? Num é sopa? — John recuou com o cheiro.

— Pruque é a sopa du demônho! — Caroline resgatou a colher.

— Fiz para todos. — Jane sorriu animada.

— *Ah, nãoooo!* — A lamentação ecoou em uníssonos.

— Si é tão boa, leva um pouco pru milordi. — Sarah piscou para Caroline.

— Leva muito. — Mark anuiu.

— Leva tudo. — John sugeriu. — Tá duentinho, ocê tem qui tomá conta dele.

Jane parou de jogar gravetos na chama do fogão e encarou a todos. Desculpa perfeita para checar seu paciente.

— Boa ideia — murmurou.

Todos sorriram.

— Eu levu ocê. — John se voluntariou.

— Ótimo! Depois do almoço. Tomaremos a sopa e levarei um pouco para Daniel.

Quatro pares de olhos reviraram em desespero.



Farnham House...

— Tentem dormir um pouco e antes do almoço mandarei as meninas para vesti-las. — Owllet fechou a porta de ligação entre os quartos.

Grace pulou rapidamente de uma cama à outra, jogando-se ao lado da irmã.

— Então? — Mirou Frederica, ocupada em amassar a manga da camisola que vestira.

— Ridículo ter que dormir enquanto há tanto para fuçar e conquistar.

— Principalmente um bom marido. — Grace balançou a cabeça animadamente. — Mas não esqueça: o príncipe já tem sua princesa.

— Temos alguns futuros nobres, além da fortuita presença dos leais amigos de nossos anfitriões.

— São libertinos, Rica! — Gemeu.

Frederica segurou a irmã pelos ombros e sacudiu-a com um sorriso no rosto.

— E isso nos torna as garotas mais sortudas de todo o Império Britânico! — Sacudiu-a um pouco mais. — Pense, Grace... Com todas aquelas fofocas correndo por baixo das saias da *Ton*, você não está curiosa para saber o que eles fazem *de tão bom* para manterem a fama que tem por tanto tempo? Além do mais, se conseguirmos fisgar algum desses libertinos, teremos...

— Um visconde...

— Que é influente no Parlamento e junto à corte, conforme papai falou um dia. E não se esqueça de que é podre de rico.

— Um conde...

— Que dizem ser dono de Paris.

— E um mero lorde. — Grace torceu o nariz.

— Esse *mero lorde* é dono de propriedades dentro e fora da Europa e de boa parte da Irlanda — rebateu animada.

— Então o nosso foco será?

— Eu ficarei com o lorde. — Frederica respondeu resoluta.

— Quero o conde.

— Não prefere o visconde?

— Gosto de Paris e das bolhinhas do champanhe. Principalmente da moda e do dinheiro que terei para gastar com ela. — Grace riu.

Algumas horas depois, logo abaixo, na biblioteca, paixão do casal que não fez outra coisa além de comprara cada vez mais exemplares inéditos e raros, uma jovem frustrada mirava desolada a estrada de acesso à propriedade, agradecendo por ser poupada de perguntas inconvenientes. Sua paz durou pouco; a porta se abriu, mas ela não se deu ao trabalho de se virar.

— Esperando por alguém?

O timbre de voz desconhecido obrigou-a deixar seu refúgio junto à janela.

— Perdão, senhorita; confundi-a com uma de minhas irmãs.

Charlotte sorriu superficialmente, soterrando o desejo insano de cometer um homicídio pela audácia de ter sido comparada a uma Hardington.

Ephrain gostou do que viu; já esbarrara com a Srta. Needlethorn em outros bailes, nunca com coragem suficiente para solicitar uma dança, contudo, agora...

— Hardington ao seu dispor, minha preciosa dama. — Inclinou-se numa saudação desajeitada.

Charlotte olhou por cima do atarracado ensaio de nobre, em direção ao nobre com “n” maiúsculo encostado no batente da porta com um ar irônico estampado no rosto. Não tardou muito para que Ephrain notasse a presença de mais alguém.

— Srta. Needlethorn.

Ela quase riu da diferença crassa entre os dois exemplares masculinos adiante.

— Permita-me apresentá-lo ao sr. Hardington.

Ephrain girou no eixo e desequilibrou-se.

— Já nos conhecemos. — Bastian sujeitou-se a um mero aceno de cabeça. — Como vai, Hardington?

— Esplendidamente bem. — Sorriu mirando Charlotte.

— Precisa de algo, milorde? — Charlotte inclinou-se por trás de Ephrain.

— Eu gostaria imensamente de...

— Perdão, Vossa Graça, mas o jantar será servido. — O criado inclinou-se respeitoso e desapareceu tão rápido quanto apareceu.

Sebastian encarou a garota e esticou-lhe a mão em convite para acompanhá-lo.

Charlotte pressionou os lábios numa longa linha aborrecida para logo após grudar no braço de Hardington que abriu um escrachado sorriso de vitória.

— Podemos ir? — perguntou coquete. — Estou realmente faminta! — Arrastou Ephrain, obrigando o visconde a sair do batente onde encostara.

Sebastian deixou escapar um bufo entredentes. Respirou fundo, controlando sua irritação, pensou em seus lindos cavalos e seguiu em direção à sala onde os convidados se reuniram.

O almoço transcorreu tranquilo apesar do fato das Hardington permanecerem assustadoramente mudas na maior parte do tempo. Bocas e olhos trabalhavam com afinco; existia toda uma comunicação não verbal acontecendo entre irmãs o que tornava o ambiente um pouco sombrio.

Jean engasgou-se com um pedaço de vitela ao se deparar com os olhinhos de Grace sobre ele e só não morreu sufocado graças à intervenção da sra. Owllet batendo em suas costas com tamanho afinco que ele jurou ter sido essa a causa da queda dos botões de seu colete.

Já Sebastian cutucava a comida de um lado ao outro do prato enquanto aturava com mau humor crescente as risadinhas de Charlotte e Ephrain ao seu lado. Irritado, agarrou um inocente aspargo, estudou seu porte, o peso, calculou a trajetória, e, depois, com um sorriso sacana, mirou e... POF!

Charlotte ergueu-se de supetão com o susto, ignorando que os cavalheiros se ergueram logo após e, por instinto (mesmo contra todas as convencionais regras do bom comportamento), enfiou os dedos no decote de seu vestido para retirar de lá o que não fazia parte de sua indumentária. Sentou-se, observando desconfiada, o teto, o que levou Cameron a quase cair da cadeira, tentando controlar as gargalhadas por trás do guardanapo.

Ela encarou o aspargo, mirou o entorno; por certo chegaria ao culpado. Finalmente sua atenção pousou em alguém que ora cutucava a comida com uma tranquilidade monástica.

— Perdão, milorde... — Girou o vegetal em sua direção. — Esse aspargo lhe pertence?

Sebastian ergueu os olhos e as sobrancelhas com um ar de provocar inveja a qualquer anjo. Encarou a prova do crime sem pressa, depois, muito sério, abanou negativamente a cabeça.

— Não sabe se o aspargo é seu? — Ela insistiu irritada, observando outros exemplares da mesma espécie no prato ao lado.

— Creio não ter sido apresentado ao referido vegetal, milady, logo, sem condições de afirmar ou negar sobre a propriedade sobre do mesmo.

Elizabeth quase cuspiu o vinho que tomava sobre Alexander escondido atrás da própria taça.

— Quer dizer que desconhece como isso... — Sacudiu o aspargo como uma tosca espada. —... Foi parar aqui. — Apontou para o decote do vestido e arrependeu-se ao notar o olhar lascivo na direção das suaves curvaturas de seus seios.

— Uma repentina e localizada borrasca vegetariana talvez? — Sorriu inocente.

Ela estreitou os olhos e colocou o aspargo na beira de seu prato.

— Com certeza foi um criado. — Ephrain inclinou-se sobre ela na tentativa de constatar não haver mais alguma comida fora do prato, o que arrancou um rosnado excessivamente alto do visconde de Riverdall. — Está cada vez mais difícil encontrar uma criadagem de nível. — Inclinou-se um pouco mais.

— E um abusado com todos os seus dentes intactos se continuar olhando para onde não deve

desse jeito... — Sebastian grunhiu.

Findo o almoço, os cavalheiros se retiraram para conversar, beber e fumar enquanto as damas se reuniram confortavelmente no solarium, onde o contingente aumentou com a chegada tardia de Emma Lockhart e Harriet Rowley com suas acompanhantes.



Wrington, Somerseth...

— Milorde?

Daniel largou o vaso com a planta que examinava, ergueu as lentes de aumento da armação que usava à guisa de óculos e virou-se. Bert sabia que ele não gostava de interrupções quando estava na estufa, salvo por motivos muito importantes.

— A Rainha morreu? — grasnou.

Bert travou o maxilar para não sorrir.

— Não, milorde.

— Fomos invadidos pelos malditos franceses?

— Não, milorde. — Empertigou-se incomodado por ter suas origens atacadas.

— Então? Correu a mão pelo rosto, deixando um rastro de terra molhada nele.

— A senhorita Boreen está na biblioteca.

Daniel fechou momentaneamente os olhos, franziu o cenho e balançou a cabeça, sem concatenar direito a frase ouvida.

— Como disse?!

— A senhorita Boreen... — Virou a cabeça. — Já não está mais na biblioteca.

— E onde ela está? — Passou as mãos sujas no avental mais sujo ainda.

— Atrás de mim. — Deu um passo para o lado, abrindo passagem para a dama em questão.

— Jane! — Ele abriu um escandaloso sorriso, adiantou-se tropeçando em uma pá e quase caiu. — Aconteceu alguma coisa? — Segurou-lhe a mão e beijou. — Você está bem? — Ergueu os olhos. — O

bebê está bem? — Piscou assustado apontando para Bert, que prontamente fez aparecer duas cadeiras. — Sente-se, por favor. — Acompanhou-a até uma delas e a fez sentar-se. — Não me respondeu... — Queixou-se.

— Se não o fiz foi porque você não me deixou que o fizesse. — Riu. — Não, não aconteceu nada demais. Sim, eu estou bem. Sim, o bebê está bem. — Franziu o nariz, retirou um lençinho da manga do vestido e começou a limpar-lhe o rosto.

Daniel ergueu as sobrancelhas surpreso com o gesto maternal e entregou-se ao toque.

— Terra em seu rosto... — Baixou a mão sem jeito.

— Tenho terra em todos os lugares... — murmurou com um sorrisinho no canto da boca.

— Eu não vou limpar.

— Eu sei. — Gargalhou gostoso. — Estava brincando. — Segurou-lhe as mãos. — Jane... — Suspirou. — Por que veio?

— Você sumiu, ficamos preocupados.

— Ficamos?

Ela ergueu os olhos.

— Eu fiquei.

— Ficou?

— Sim, você ainda é meu paciente e eu... — Parou ao ouvir o bufo desiludido ao lado. — Eu trouxe um pouco da sopa que fiz e pensei em compartilhá-la com você.

Daniel correu o dedo pelas pequenas marcas sobre a pele macia das costas das mãos dela. *“Paciência é uma virtude, Dan... Jane está aqui e isso por si só já é alguma coisa, não crie grandes expectativas, saboreie os pequenos passos dados”* pensou e voltou a sorrir.

— Receita antiga de família de uma amiga minha, sabe?

— Eu adoraria tomar um pouco, desde que você me acompanhe.

— Isso, milorde, é algo que não podemos negar. — Riu apontando para a barriga.

Ele levantou-se.

— Poderíamos comer aqui? É tão agradável ficar junto com tantas plantas e flores bonitas.

— Pedirei a Bert que nos arrume a mesa. — Inclinou-se beijando-lhe a testa. — Retornarei. —

Deixou-a apressado.

Jane aproveitou para conhecer o local; havia uma variedade imensa de plantas e flores naquele galpão envidraçado, algumas delas estranhas, outras tão delicadas que com certeza desmanchariam entre seus dedos se as tocasse. Em uma prateleira isolada, um conjunto de vasos chamou sua atenção. Aproximou-se, pegando um deles e ergueu-o à altura dos olhos. A planta era pequena, sem folhas, sem flores, lembrava muito duas mãos abertas, palma com palma, bordeadas por pequenos dedos que pareciam poder entrelaçar-se a qualquer instante. Aproximou seu próprio dedo do meio avermelhado e ia tocá-lo quando...

— *Dionaea muscipula*, também conhecida em alguns países como “*Vênus papa mosca*”. É uma planta carnívora.

Jane retirou rapidamente o dedo e ele gargalhou, parando à sua frente.

— Pequena demais para comer algo tão grande, apesar de delicado... — Segurou o dedo e o beijou. — Veja, nossa pequena amiga se alimenta de insetos e alguns aracnídeos distraídos. Estes pelinhos aqui funcionam como gatilho... — Tocou alguns e a planta se fechou envolvendo seu dedo. — Uma vez fechada a armadilha, o pobre inseto não terá escapatória além de virar refeição lentamente. — Esticou-se pegando um vidro e retirou um besouro vivo. — Na prática, seria assim... — Pousou o pobre inseto que irremediavelmente tocou o gatilho e as folhas se fecharam. — *Voilà!* Refeição servida! — Retirou o vaso das mãos alheias. — Assim como a nossa. — Beijou-lhe a mão e a puxou para os fundos do galpão. — Espero que não se importe de almoçar aqui. — Empurrou uma porta dando acesso a um gazebo com teto em vidro cercado de vitrais.

— Que lindo!

— Foi meu presente de casamento para minha esposa. — Apontou para a mesa de ferro trabalhado, coberta com uma alva toalha, sopeira, talheres, pratos, taças, tudo já preparado. — Bert é rápido. — Puxou a cadeira para ela sentar. — Posso servi-la?

— Você?

— Faço questão.

— Aceito.

Ele serviu a sopa para dois, depositou um líquido dourado em duas taças e sentou-se ao lado.

— Prove, não contem álcool, é pura fruta.

— Pêssego?

— Néctar somente. — Ergueu a taça. — À nossa amizade, Jane Boreen.

— À nossa amizade, Daniel O’Sullivan.

Daniel sorriu, colocou um pouco da sopa na colher, depois a colher na boca e foi aí que as coisas

desandaram: suas papilas gustativas se ajoelharam rogando por clemência, por muito pouco o conteúdo de sua boca não foi parar sobre a toalha impoluta. Ele encarou-a pensando na possibilidade de ela querer envenená-lo, mas como o sorriso lindo se manteve estampado ao lado e sabendo de que qualquer sacrifício feito por amor valia qualquer percalço, por pior que fosse, forçou-se a engolir consciente de que teria muitas mais colheradas a seguir.

— Sua esposa gostava de flores?

— Seraphine fazia parte da única equipe feminina de botânicas da Rainha. Eu a conheci em uma exposição de flores.

— Ela era botânica?

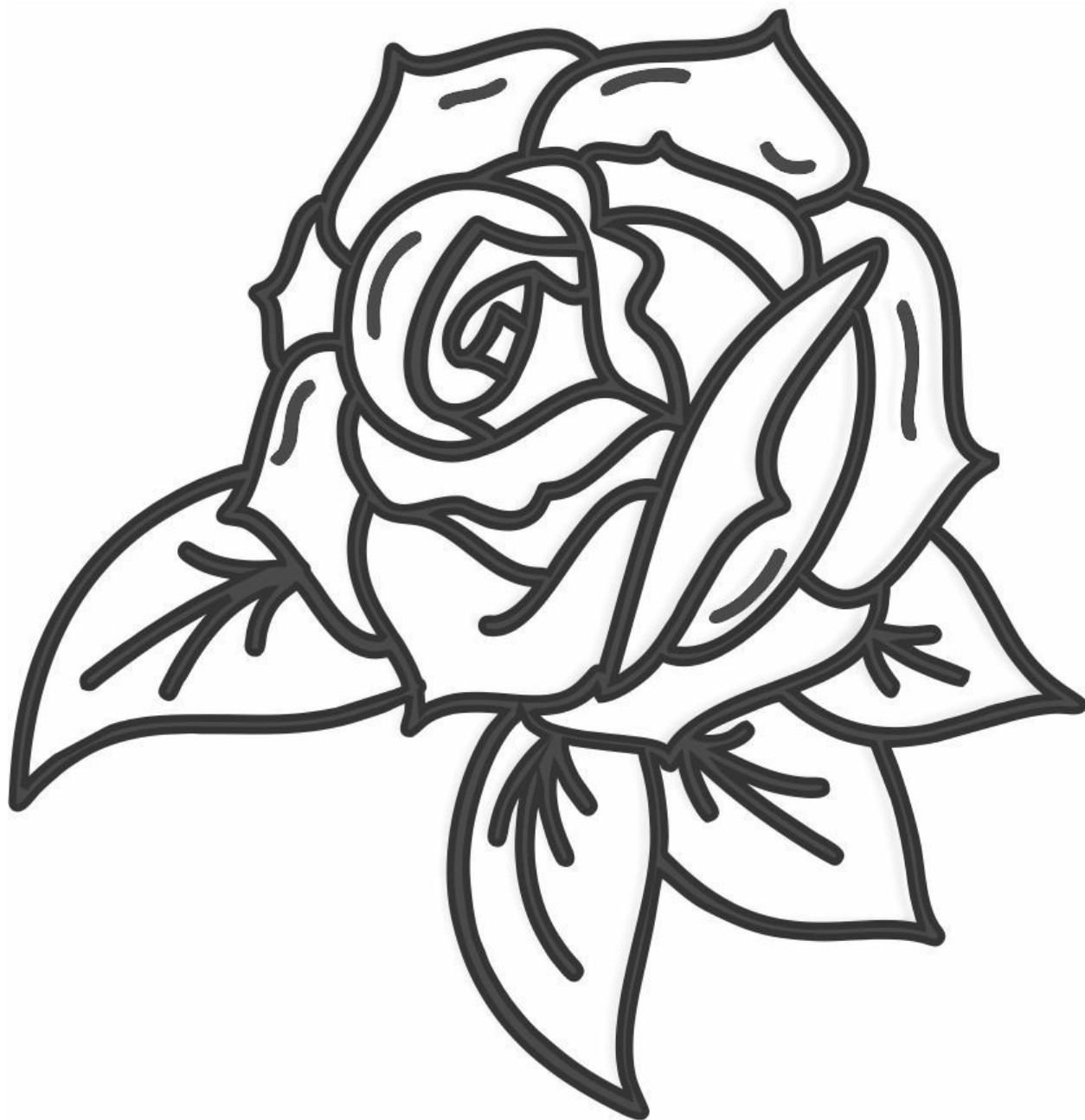
— Assim como eu. — Sorriu nostálgico e tomou um salvador gole de néctar.

Continuaram a conversar e Daniel de tão entretido, não se deu conta de que tomou mais dois pratos de Sofra. Não até Mark chegar para levar Jane para casa. Despediu-se sem promessas de um novo encontro e assim que a charrete desapareceu na curva da estrada, correu para a cozinha.

— Milorde, por Deus! — Bert largou a bandeja que polia e veio correndo. — Está passando mal?!

— A sopa... — Inclinou-se com a mão no ombro do mordomo. — Jesus amado! Preciso de algo para o estômago ou irei vomitar até o fim do século!

— Chá de Losna. — Ajudou-o a sentar. Tenho um pouco guardado aqui comigo. — Virou para a chaleira e ouviu ruídos não muito agradáveis em suas costas. — *Oh, my, oh, my!* Tudo bem, milorde, não se preocupe.



11

Farnham House...

Encostados à lareira, Jean Claude, Cameron e Sebastian desfrutavam do Porto enquanto

gozavam de um pouco de paz. Perto da janela, Seth, Horace e Oliver conseguiram convencer Ephrain a participar de uma rodada de *Whist*; Hardington era de fato um pato fácil a ser depenado: Londres inteira sabia disso, menos o próprio.

No escritório não muito distante, taças de Porto também eram degustadas. Alexander estendeu uma para John, sentado sobre o braço da poltrona onde Elizabeth se instalara. Depois, tomou seu lugar ao lado de sua princesa.

— Manipulará realmente o resultado do sorteio? — Needlethorn perguntou.

Joanne sorriu para o pai.

— Seth Campbell fará par com Frederica Hardington — começou.

— Fuinha 2... — Alex murmurou.

Joanne ignorou-o e continuou.

— Horace Stapleton fará par com Grace Hardington.

— Creio que esta é Fuinha 3. — John deixou escapar.

Risadas ecoaram.

Joanne ignorou-os.

— Oliver Blackmore fará par com Emma Lockhart, Ephrain Hardington com Harriet Rowley...

— Pobre Harriet. — Elizabeth pensou em voz alta.

— Ela gosta de animais? — Alex perguntou jocoso.

Joanne suspirou e retomou a palavra.

— Leonard chegará com Lorna amanhã, o que não modificará em nada, já que os dois ficarão juntos. Isso empurrará Sebastian para Charlotte. — Sorriu satisfeita.

— *Kukla*, esqueceu-se de Jean e Cam? — Alex observou.

— De propósito — rebateu. — Agora, assim que mamãe lhe passar o sinal de que o sorteio foi realizado junto às damas, se você fizer a gentileza de levar o resultado até o salão onde os cavalheiros estão reunidos, tudo estará perfeitamente da maneira que imaginei.

— Certo. — Levantou-se quando as mulheres se ergueram. — Só acho que Sebastian chiará ao descobrir-se sozinho nessa confusão.

Ela encarou-o.

— Bastian quer muito os cavalos, não quer? Então, já que ele “*acha que os quer*”, com certeza participará sem a companhia dos outros membros da irmandade.

— A propósito... — Elizabeth largou a gravata do marido em seu lugar correto. — Vocês viram o episódio do aspargo no almoço?

Um breve silêncio se instalou para depois ser quebrado pelas gargalhadas de todos.

— Não vejo a hora do jantar chegar. — John esticou o braço para sua esposa.

Com a costumeira precisão militar, Joanne manipulou o sorteio. Elizabeth passou o sinal para Alexander no corredor e ele seguiu na direção do salão onde Hardington perdia sua terceira mão de *Whist*. Passou pela mesa de jogo e juntou-se aos amigos.

— Então? — Jean inquiriu.

— O que Sebastian está fazendo por trás de Hardington?

— Passando informações para Blackmore e Campbell depenarem Hardington e Stapleton. — Jean explicou.

— Aparentemente nosso visconde anda com uma súbita gana homicida para cima do membro desprovido de título no recinto. — Cameron riu.

— Aspargos e decotes? — Alex sorriu sacana e os outros dois concordaram. — Pena ter que interromper a festa. — Senhores!

As duplas pararam.

— Como sabem, teremos uma semana inteira de diversões cuja programação será revelada a cada manhã depois do desjejum. Para tal, as damas sortearam seus pares. — Ergueu o papel em sua mão. — E a Grã-princesa me fez o portador. Vamos aos pares, então: Campbell fará par com a srta. Hardington.

Seth ergueu as sobrancelhas e as mãos ainda com as cartas em sinal de dúvida.

— Frederica Hardington, se o Hardington aqui presente me der licença para o uso do nome — resmungou.

— Tudo bem. — Ephrain gesticulou indiferente sem notar que Seth gemera condoído.

— Stapleton com a outra srta. Hardington.

Horace aceitou o tapinha de solidariedade de Seth.

— Blackmore com a srta. Lockhart.

— Idiota sortudo... — Seth sussurrou, arrancando uma risadinha de Oliver.

— Meu cunhado Leonard permanecerá com sua noiva. — Sacudiu a lista e deu continuidade. — Sebastian com a srta. Rowley.

Ephrain riu debochado.

Sebastian ergueu os olhos e cravou-os no russo.

— Ah, não! — Riu. — *Oy, ya izvinyayus'...* Perdão... — Gesticulou. — Sebastian fará par com minha cunhada srta. Needlethorn e Ephrain com a srta. Rowley.

— Que pena! — Bastian bateu de leve no ombro de Hardington. — Não se pode ganhar sempre, meu amigo. — Ironizou.

— Pois é o que veremos. — Ephrain sacudiu os ombros num esgar irritado.

— Isso é um desafio? — Bastian ergueu-se.

Cameron sorriu para Jean.

Jean sorriu para Alex.

Campbell sorriu para Stapleton.

— E se for? — Ephrain ergueu-se logo após.

— Sou um oponente bastante desagradável e incômodo, gostaria de constatar?

— Posso dizer o mesmo.

— E eu posso afirmar que Riverdall comerá Hardington no café da manhã. — Campbell sussurrou para Blackmore que prontamente concordou.

— Apostas?

— Com certeza! — Apertou-lhe discretamente a mão.

— Espere! E Trevand e O'Shea? — Stapleton perguntou tentando amenizar o clima hostil.

— Observadores e juízes quando necessário se fizer — Alexander antecipou-se antes de outras perguntas instigadoras.

O resto do dia foi dedicado ao lazer feminino de um lado e masculino do outro até que todos se reuniram para jantar.

Ephrain decidido a responder à altura a afronta do visconde, grudou em Charlotte até chegarem à

mesa onde, para seu desprazer, descobriu que fora arrumada conforme a ordem dos pares, para deleite do visconde, que passou e arrastou sua companheira ignorando os protestos de ambos.

— Isso é um absurdo! — O rapaz crocitou. — Vai contra todas as regras conhecidas de etiqueta!

Alexander encarou-o de cara feia, mas antes que abrisse a boca, Joanne o fez.

— Caro Hardington, minha casa, minhas regras. — Sorriu maldosa. — Não seja tão sensível, a quebra de algumas regras, com certeza não o matará.

— Não matará a ninguém. — Cameron deixou escapar.

— Mesmo porque se você servisse de parâmetro para a boa educação e decoro, a *Ton* teria sucumbido diante de tantos escândalos. — Alexander arrastou o sotaque e manteve a carranca.

— E certamente estaria jantando na cozinha... — Sebastian murmurou.

Ephrain manteve a sua durante todo o jantar.

Charlotte manteve-se calada.

Sebastian manteve um incrível bom humor, além das tiradas provocativas e ácidas.

Ela ignorou-o.

Ele provocou-a de todas as maneiras.

Ela despejou o saleiro inteiro sobre sua sopa.

E ele descobriu como se sente um pobre homem perdido no deserto.



Dia seguinte...

Após o café da manhã, a despeito de tudo que Joanne orquestrara, nada se comparou ao seu semblante atônito/irritado ao descobrir que a natureza se deixa manipular até certo ponto e que o destino é caprichoso quando lhe convém.

Com a natureza tendendo ao caos, certo visconde não fez outra coisa além de tentar manter-se calmo depois de passar a noite inteirinha bebendo água ou qualquer outra coisa que aplacasse sua infinita sede, além de tentar não quebrar uma cara mui abusada. Quando não exercitava a nobre arte da tolerância, gastava a saliva discutindo com o pivô de suas dores de cabeça (por muito pouco desistiu da ideia de amarrá-la junto a si).

Os pares pré-determinados acabaram por mesclar-se de forma nada harmoniosa e o que é pior: as irmãs Hardington, longe da guarda materna e de sua acompanhante (que ora roncava no sofá), movidas pelos circulantes comentários picantes da *Ton*, grudaram (conforme seus planos) em Cameron e Jean Claude para desespero total de ambos e deleite de Alexander e Sebastian e outros nobres. Seth Campbell e Horace Stapleton sem seus devidos pares foram salvos com a chegada de Leonard e Lorna, acompanhada por duas primas: Esme e Mary Stewart (logo recrutadas).

Tudo certo, apesar das súplicas de um lorde irlandês e um conde francês, todos se reuniram à beira do lago onde pequenos barcos os esperavam.

— O que é isso? — Frederica apontou com uma mão, já que a outra grudara no braço de Cameron que achou ser rude demais arremessá-la para longe.

— Canoas indígenas americanas — Alexander respondeu orgulhoso.

As mulheres franziram o cenho, boquiabertas.

— Vossa Alteza não crê ser possível colocar damas a bordo, estou certo? — Blackmore aproximou-se fascinado para examinar o transporte.

— Pelo contrário. — Sorriu maroto. — As damas precisarão estar a bordo para que a prova seja válida. A Grã-princesa está do outro lado do lago pronta para entregar as pistas para a próxima prova que ocorrerá amanhã.

— Mas nossos vestidos são muito grandes! — Harriet choramingou.

Alexander sorriu como resposta.

— Eu simplesmente adorei! — Lorna bateu palmas e Leonard riu. — Já podemos ir? Vem, Leo! — Puxou-o pela mão.

— Bom, como as damas demorarão um pouco mais para se acomodarem, não vejo porque não possam embarcar imediatamente. — Usou a mão como viseira, tentando localizar Joanne do outro lado do lago.

— Você me paga, russo estúpido! — Cameron passou arrastado por Frederica, resmungando em gaélico.

Jean Claude veio logo a seguir.

— *Je te déteste, imbécile!* [\[22\]](#) — Travou as pontas das botas na terra por causa de seu par, que mais parecia uma carruagem desgovernada.

Grace parou e ronronou para desespero de Andree.

— Existe coisa mais fofinha que um nobre francês falando francês? — Enroscou-se em Jean.

— Só um nobre francês falando russo. — Alex provocou.

— Sacha! – Ele gritou. — *Ferme ta bouche, ou je vais te tuer!* [23]

— Você fala russo, *mon petit cœur*? [24] — Ela bateu as pestanas.

— Você fala francês?! — perguntou desafinado.

— *Un peu...* — Correu os dedos pelo colete dele. — Mas amo Paris, tudo da França, tudo, tudo, tudinho, inclusive os franceses... — Suspirou. — Principalmente os franceses e seus cheirinhos...

Andree encarou-a estupefato.

— O que tem o meu cheiro?! — Arriscou, indignado, uma fungada em sua roupa e voltou a ser arrastado.

Um tiro deu a partida da prova. Com alguns poucos vestidos servindo de lastro conforme molhavam e enroscavam-se aos remos utilizados, as ardilosas irmãs Hardington trataram de amarfanhar os seus nos espaços vazios do casco, mesmo que pecando contra o decoro ao deixar pés, tornozelos e canelas à mostra, para o horror de Jean Claude e Cameron. Ao notar que ambas as canoas tomaram a dianteira, a maioria do contingente feminino optou por fazer o mesmo, levando a tripulação masculina a se desdobrar nos esforços de manter suas embarcações estáveis (assim como suas sanidades).

Ainda em terra, Charlotte observou horrorizada, o desfile de sobressaias e pernas à mostra. Mirou os barcos avançando, depois sua embarcação com um esgar de pânico e virou-se para seu par parado ao lado com uma carranca imensa pendurada, agarrado ao único remo.

— Quando pretende embarcar? — Ele inclinou a cabeça controlando-se para não lhe acertar o remo na traseira, indiferente se a maldita crinolina amorteceria o golpe.

— Isso, milorde... — Apontou para si. — não cabe ali... — Apontou para a canoa. — Nem se eu quisesse! — Gesticulou.

— Tudo é possível quando se tem boa vontade — rosnou largando o remo na areia e partiu para cima dela.

Charlotte em pânico, recuou assustada. Reflexos lentos, raciocínio embotado pela raiva e indignação não a salvaram. Quando notou, estava nos braços de Sebastian.

— O quê? — gritou desafinada.

— Não irá estragar essa droga de prova, milady... — Aproximou-se da canoa, parou, estudou o espaço interno, estudou o volume em suas mãos, abriu um sorriso sacana e a jogou a bordo.

Lottie arfou ao bater na superfície dura, girou a cabeça com um olhar assassino e literalmente

surtou.

— Crápula! — Urrou indignada.

Ele riu e começou a amarfanhar o resto das saias nos espaços livres.

— Tire suas malditas mãos de mim! — Saiu distribuindo tapas por onde podia.

— Só quando acabar de ajeitar esse seu estúpido desperdício de tecido. — Empurrou-a para baixo ao notar que tentara levantar-se.

— Todas as mulheres fazem uso desse estúpido desperdício de tecido, milorde! Sempre!

— Não as que eu conheço... — Sorriu irônico.

— Eu te odeio! — Acertou-lhe a mão.

Sebastian parou e encarou-a.

Charlotte arregalou os olhos diante do ar ameaçador.

— Senhora, tenha a certeza de que seus sentimentos para com a minha pessoa são recíprocos para com a sua pessoa! Conheci muitas mulheres, milady, nunca, nunca, nunca alguém tão irritante, mimada, voluntariosa e chata quanto você! — Inclinou-se tanto que seus narizes tocaram. — A vontade que eu tenho agora é de tirá-la daqui, colocá-la em meu colo e dar-lhe as palmadas que tanto careceu receber quando criança!

— Não se atreveria, seu pulha!

— Quer tentar a sorte? — Fixou sua atenção nos lábios pressionados abaixo. Se esticasse a cabeça alguns míseros milímetros, invadiria tranquilamente aquela boca e ele queria fazê-lo, queria muito.

— Eu... — Ela gaguejou.

— Cale-se!

— Você...

— Cale-se!

— Não pode...

— Diabos! — Agarrou-a pelos ombros, ergueu-a, grudou seu corpo traidor ao dela e matou sua sede naquela boca malditamente macia e apetitosa.

Alexander mais atrás, sorriu e socou o ar. Recuou poucos passos para não ser notado; se bem que o casal estava tão ocupado que nem se deu conta da plateia.

Sebastian sentiu suas calças apertarem, sinal de que se não parasse, necessitaria pular no lago. Apartou-se do torpor alheio, rapidamente repôs o vestido dos devidos lugares, empurrou a embarcação para a água e começou a remar; no início desajeitadamente até pegar o equilíbrio necessário e achar o ritmo correto.

Na metade da travessia a canoa de Leonard e Lorna tomou a dianteira de Seth e Emma e logo ultrapassou Horace e Harriet, que percorria um amplo círculo, pois Horace era incapaz de ver qualquer coisa além do conjunto de pernas ao ar livre bem à sua frente.

Blackmore logo atrás, gemia, não muito pelo esforço físico e mais pelo esforço físico em manter-se discreto, já que a exposição de sua parceira o deixara um tanto quanto... animado.

Jean Claude remava quase paralelo a Cameron. Era muito difícil permanecer em linha reta se a cada vez que mirava o horizonte, era o mesmo que ter um vislumbre do Inferno. Frederica e Grace que empenhavam-se em mostrar um pouco mais do que já se encontrava irremediavelmente exposto. Sem poder praguejar em francês, riu quando Cameron tomou as dores de ambos e iniciou um rosário de palavrões, além de algumas maldições bem violentas em um gaélico claro e alto. Jean, ao contrário das irmãs Hardington, entendia a língua o suficiente para saber o que estava sendo gritado.

— Diga-me, milorde, já viu pernas como as minhas? — Frederica correu a mão do tornozelo até a fita que sustentava a meia um pouco acima do joelho.

— Com certeza nunca! — Cameron gemeu e complementou em gaélico. — *Ridículas perninhas de garça, que desgraça!* — Mirou o francês ao lado que tentava manter uma linha reta mesmo olhando o céu.

— São macias como um pêssago... — Sorriu lasciva. — Gostaria de prová-las?

Cameron parou de remar e encarou-a.

— Sinto ter que declinar do convite, senhorita. — Cuspiu as palavras pensando em tombar a canoa de vez.

— Pensei que vocês fossem sedutores natos — continuou o ataque.

— Não seduzimos adolescentes, milady. — Fechou o semblante.

— Tenho dezoito anos.

— Enquadra-se então na categoria adolescente. — Retomou a remada, já que Jean Claude afastara-se.

— Mas é aberto a novas experiências? — Inclinou a cabeça.

— Sempre.

— Diga-me a localização de seu quarto.

— Sou aberto a novas experiências, mas não com você. — Bateu o remo na água, jogando uma considerável quantidade sobre ela no intuito de apagar um pouco o fogo alheio.

— Descobrirei onde foi alojado, milorde e garanto não se arrependerá. — Voltou a sorrir.

— *Go bhfóire Dia orm!* [\[25\]](#) — Jean, espere por mim! — Gritou desesperado, remando mais rápido.

Ephrain continuava enrolando o remo nos tecidos molhados das saias de Esme, que se negara a expor o que quer que fosse, em nome do decoro e dos bons costumes.

Sebastian remava insanamente com Charlotte ainda fora do ar pelo beijo.

Alexander sorriu satisfeito, tomou seu cavalo e seguiu para a margem oposta. Logo apeou a montaria ao lado da esposa.

— Alguns já estão chegando. — Joanne informou observando as primeiras canoas acercando-se. — O que tanto ri?

Alex abraçou-a.

— Já saberá, tenha paciência.

— Não consigo compreender a razão de uma das canoas continuar a descrever grandes e preguiçosos círculos...

— Horace...

— Não sabe remar?

— Digamos que as fuinhas descobriram uma maneira de enfiar tudo isso que vocês vestem em um lugar onde, pela lógica, não caberia nem a metade. — Começou a rir novamente. — O pobre Horace encontra-se incapacitado de enxergar algo além de um par de pernas à amostra.

— *Oh, my!* — Joanne fez coro às risadas. — E os meninos?

— Furiosos. Jean descobriu que não pode me xingar na língua pátria por conta do parco francês de Fuinha 3, mas Cameron está descontando o que pode e o que não pode em gaélico. Dá para ouvir daqui.

Ambos fizeram silêncio e depois gargalharam.

— Espero que maldições irlandesas possam ser desfeitas. — Beijou seu marido.

No meio do lago, Jean Claude virou-se pela terceira vez tentando descobrir o que atrasara Cameron. Parou de remar.

— Algum problema? — Grace inclinou o corpo quase provocando um desastre.

— Vamos esperar por lorde O'Shea.

— Tranquelize-se, *mon petit coeur*, Frederica está cuidando dele.

— Isso é o que me preocupa. — Mirou as fitas das meias e um pedaço das coxas logo acima delas.
— Milady, a canoa não se moverá mais rápido se resolver mostrar sua roupa íntima para todos ao redor.
— Gesticulou em desespero.

— Não para todos... Só para você.

Uma sobancelha francesa se ergueu-se angulosa.

— E por que motivo que quereria ver sua roupa íntima?!

— Esse ar puritano não lhe cai bem, *mon coeur*... Nunca viu uma roupa íntima? — troçou.

Jean estreitou os olhos.

— Nunca prestei muita atenção, já que não permanecem ao meu alcance por muito tempo. — Armou um sorrisinho sacana ao vê-la corar.

— E o que faz com elas? — Inclinou-se interessada.

— Quando chegar a sua hora, descobrirá. — Girou a canoa no intuito de ajudar o amigo.

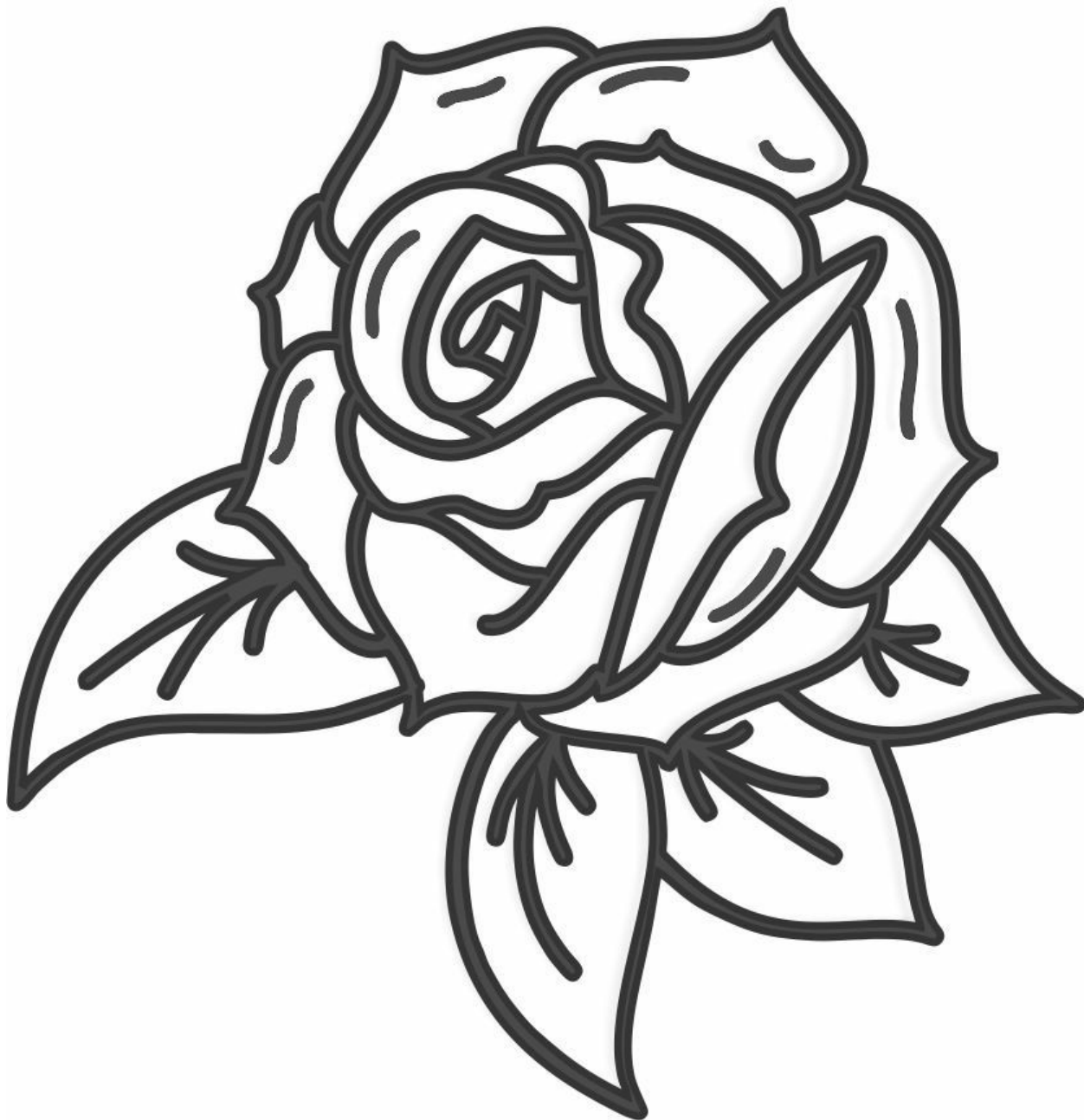
— Ótimo! Descobrirei hoje à noite.

A embarcação adernou perigosamente.

— O quê?! — Virou-se. — Não serei eu a pessoa a lhe mostrar, milady!

— Por quê?! Hoje, amanhã ou depois, temos uma semana inteirinha pela frente!

— *Oh, mon Dieu!* — Ele gemeu.



12

Leonard pegou Lorna nos braços, carregou-a até a areia e, valsando com ela, passou por Joanne. Recebeu um envelope lacrado e rumou na direção das carruagens já dispostas mais adiante.

Logo a seguir, Blackmore arrastou a embarcação até a areia, ajudou Mary a descer, pegou seu envelope e foram conversando animadamente para o estacionamento.

Seth trouxe Emma no colo. Os dois pararam ao lado da realza e Joanne entregou-lhes o envelope.

— Quanto tempo mais ele ficará ali? — Apontou para Horace e Harriet ainda presos em círculos no mesmo local.

Os três riram e o par se foi.

Mal encostara na areia, Cameron saltou da canoa. Jogou o remo para o lado, quase acertando a cabeça de Jean Claude que acabara de chegar e saiu batendo os pés na direção dos amigos.

— Precisa retirar seu par da embarcação e retornar com ela para casa. Caso contrário a prova estará anulada — Alexander cantarolou.

Ele rosnou e voltou para regatar Frederica, enquanto Jean trazia Grace grudada ao seu braço.

— Tudo bem? — Sacha piscou entregando-lhe o envelope.

— *Non* falo com você! — grunhiu.

— Ah, *mon petit coeur*, o príncipe é seu amigo. — Correu os dedos pelos cabelos desarrumados dele, arrancando um arrepiro visível até em Londres. Ela riu do resultado e foi rebocada para a carruagem.

— Tudo bem, Cam? — Alex deu-lhe o envelope.

— *Go mbrise an diabhal do dhá chois!* [\[26\]](#) — Arrancou o papel da mão do russo e acelerou na esperança de Frederica não conseguir seguir seus passos.

Ledo engano.

Nova onda de pragas.

Ephrain, Esme e a canoa furada chegaram no minuto posterior, mas levaram mais dois extras para desenroscar as saias do remo.

— Nossa canoa furou. — Esme tentou ajeitar os cabelos.

— Que coisa estranha! — Joanne mirou o marido.

— Também acho. — Alex anuiu segurando o riso e esperou o casal se afastar. — Aí vem Bastian e sua irmã.

A bordo, Charlotte, por fim, deixou seu estado temporário de atordoamento.

— Onde estamos?!

O visconde ergueu as sobrancelhas.

— Atravessando o Canal da Mancha — resmungou.

— Quero sair daqui! — Tentou levantar-se.

— Não! — Ele esticou o braço forçando-a a sentar-se.

Charlotte esquivou-se da mão intrusa, levantou-se decidida a fugir. A canoa desequilibrada adernou antes mesmo que um visconde desesperado pudesse remediar a situação caótica.

Alexander largou os envelopes no chão e iniciou uma luta aflita para despir o casaco, mas foi detido pela esposa.

— Qual a graça de ver sua irmã se afogar?! — Inquiriu surpreso.

Charlotte caiu na água de uma forma nada graciosa. Ao vir à tona, começou a debater-se desesperada.

— Socorro! — gritou agitando os braços ao mesmo tempo em que seu vestido molhado a empurrava cada vez mais para baixo.

— Srta. Needlethorn...

— Eu não sei nadar! — Engoliu água.

— Srta. Needlethorn...

— Seu bosta insensível... — Tossiu. — Vai ficar parado aí enquanto eu... — Ergueu os olhos para o homem estático com água um pouco abaixo da cintura e parou de se debater.

— Ninguém se afoga em um metro e meio de água, nem mesmo um protótipo de ser humano tão nanico quanto você. — Esticou-lhe a mão.

Charlotte ergueu-se desconjuntada, tentando manter o que restara de sua dignidade; tarefa árdua para uma dama cujo tecido colara a cada curva de seu corpo.

Sebastian correu olhos gulosos em cada uma delas, principalmente na área acima do espartilho, que proporcionava uma ampla e deliciosa visão de dois perfeitos seios com mamilos salientes. Deixou escapar um gemido involuntário.

Ela notou e ergueu os braços ao constatar que não poderia evitar o inevitável.

— Ah, droga! — Retirou o casaco molhado, cobriu-a e pegou-a em seus braços.

— Eu não estou inválida, milorde!

— Mas é estabanada, o que por si só é um perigo para nós dois. Além do mais, quero sair logo daqui antes que ambos sejamos obrigados a encarar a Sofra de sua irmã.

Lottie suspirou, segurando-se melhor na nobreza.

— Concordo.

Ele parou.

— Concordou comigo?! — Desconfiado, mirou o céu.

— O que houve agora?!

— Estou esperando algo cair sobre nós.

Ela socou-o de leve.

Ele retomou o caminho até a margem, com um sorriso irônico nos lábios.

— Devemos parar de rir? — Joanne observou a dupla se aproximar.

— Seria melhor... Mrumm, mrumm... — Limpou a garganta. — Problemas?

Sebastian encarou o amigo.

— *Zhopu porvu margala vikoliu!*

— Isso não foi bonito, Bastian! — Joanne, que sabia o suficiente de russo, murmurou ao entregar o envelope para a irmã.

O visconde inclinou-se em uma saudação irônica e carregou seu fardo molhado na direção do transporte.

— Volte com eles, *Kukla*. Ficarei esperando por Stapleton e a srta. Rowley.

Joanne esticou-se, depositando um beijinho preguiçoso nos lábios acima.

— Não demore.

— Voltarei assim que Stapleton descobrir o significado de “*linha reta*”.

Uma hora e meia mais tarde, a última canoa tocava a areia com uma dama chorosa e um nobre exausto, porém muito satisfeito.



Joanne juntou a todos logo após um almoço modorrento.

— Em suas mãos estão os envelopes com a prova de amanhã. O resto do dia de hoje será dedicado ao descanso da prova do lago. Quem quiser, poderá cear em seus aposentos ou juntar-se a nós. Não existem regras de etiqueta aqui como existem em Londres, salvo as que regem o decoro. — Sorriu. — Flertes serão tolerados desde que não saiam do controle. Por favor, abram os envelopes, cavalheiros.

O barulho oco dos lacres quebrando e papéis desdobrando ecoou pelo salão.

— Esgrima?! — Oliver sorriu maldoso.

— Para nós também? — Lorna inquiriu animada. Ela, como muitas outras mulheres da *Ton*, fazia parte de uma elite que tornara a esgrima uma das únicas práticas esportivas aceitas para utilização do “*sexo frágil*”.

— Não. — Joanne riu frente às expressões desiludidas. — Somente para os cavalheiros.

— E o que faremos? — Harriet quis saber.

— As damas torcerão por seus pares ou por um campeão a sua escolha. Para tal, bastará entregar ao escolhido, o lenço colorido que encontrarão em seus aposentos. — Alexander explicou.

Acuados em um canto, Jean, Cameron e Sebastian acompanhavam o desenrolar da cena.

— Qual de nós é o melhor com uma espada ou florete? — Cameron perguntou.

Jean apontou para Sebastian que apontou para ele.

— Será prazeroso espetar alguns otários. — O francês riu baixinho.

— Sim... — Sebastian murmurou de olho em Ephrain, perto demais de Charlotte. — Um inenarrável prazer...

Jean cutucou Cam e os dois olharam para onde o visconde fixara sua atenção.

— Bom, ainda temos um problema nas mãos. — Cameron bufou olhando para Fuinha 2.

— Eu diria dois. — Jean suspirou desviando o olhar de Fuinha 3 abanando a mão para ele.

— Três. — Sebastian rosou ao notar Ephrain inclinar-se em direção ao decote de Charlotte. — Sacha convocou uma reunião na biblioteca à meia-noite. — Baixou os olhos para a taça de Porto em suas mãos.

— Pedirei a Alex que me mude de quarto. — Jean divagou.

— Sim, também para mim. — Cameron sorriu. — De preferência em uma ala oposta à dos convidados.

— Boa ideia, Cam. — O francês bateu no ombro do irlandês em solidariedade.

— *Merci beaucoup.*

— *De rien, mon ami.*



Wrington, Somerseth...

Alguns pequenos milagres muitas vezes florescem da forma menos esperada, assim como nos momentos menos prováveis. Tal qual uma orquídea equilibrando-se na copa de uma árvore ou um pequeno broto de samambaia precariamente instalado no beiral de um telhado. Foi desta maneira que lorde Daniel O’Sullivan testemunhou o alvo de sua afeição aproximar-se um pouco mais a cada dia. Como uma de suas plantas à procura de sol, Jane começou a alimentar-se do que mais carecia: apoio e carinho de um companheiro e isso eram elementos que ele estava para lá de disposto a oferecer. Bom, na verdade ofereceria até sua alma em troca do coração amado, porém, como sua sábia avó costumava falar enquanto percorriam os verdes campos irlandeses: “*D’fhéadfadh muileann Dé meileadh go mall ach tá set ag mire go mín*” ou seja, “o moinho de Deus pode girar devagar, mas produz grãos finos”.

Naquela noite, fora convidado para um torneio de xadrez por Mark e John. As mulheres transitavam para lá e para cá trazendo guloseimas e o chá costumeiramente servido foi logo substituído por bebidas mais encorpadas.

Daniel, alheio ao falatório, agarrou a caneca ao lado, tomando um generoso gole do que quer que fosse. Sua boca encheu-se de um gosto pungente que ele conhecera quando de sua visita à Alemanha. Ergueu os olhos surpreso.

— Nois produzimu. — Mark sorriu. — Gostou?

— A melhor cerveja que já tomei fora da Alemanha. Não pensam em vender?

— Nois precisava de arguem pra ixperimentá. — Sarah aproximou-se com um prato de Cornish Pastry.

— Cadê a Jane? — Mark olhou por cima do amigo.

— Chorandu pru causa duns pudim na cumzinha.

Daniel ergueu as sobrancelhas, depois o corpo.

— Vai lá, eu ficu nu seu lugá. — Mark empurrou-o e sentou-se diante de John. — Pára di robá!

— Num tô robandu não, seu burru!

O'Sullivan entrou na cozinha. Panelas de cobre brilhavam penduradas perto de cortinas amarelas e flores espalhadas por todos os cantos. A lenha no fogão estalava conforme queimava, enchendo o ar com seu cheiro característico, quase como um aconchego, uma terna lembrança de quando sua avó contava histórias sobre o Povo Pequeno e outros seres mitológicos celtas que tanto ele gostava de ouvir. Apoiada na mesa central de costas para ele, Jane soluçava.

— Jane... — sussurrou para não a assustar.

— Mi deixa em paz! — reclamou chorosa.

— Ah, Jane... — Girou-a e abraçou suavemente. — O que aconteceu, querida?

— O pude... i... i... iimm... — Escondeu o rosto no colete dele, apontando para o que restava de um pudim desmantelado sobre a mesa.

— Acidentes acontecem. — Embalou-a, sentindo o colete molhar.

— Era para você... e... e... e...

Ele riu e beijou-lhe a cabeça.

— Posso comê-lo sobre a mesa.

— Temos mania de limpeza. — Fungou. — A mesa está li... i... i... i... impaaa.

— Eu sei. — Esticou-se pegando uma colher ao lado, tirou um pouco do pudim e provou. — Hummm... Delicioso!

— Não precisa dizer que está gostoso.

— Jane... — Pousou as mãos em seus ombros e afastou-a. — Está delicioso de verdade. — Sorriu, puxando um lenço do bolso e começou a limpar os estragos das lágrimas. — Eu não me importo de comer assim, desde que você coma comigo. — Pegou mais um pouco e esticou a colher na direção dela. — Abra a boca.

Ela riu timidamente e comeu.

— Está bom mesmo.

— Eu não disse? — Ergueu-lhe o queixo. — Mulheres com crianças choram por qualquer motivo, é uma coisa normal, mas me corta o coração vê-la assim por causa de um pudim. — Aproximou-se um pouco mais. — Jane?

— Sim? — sussurrou.

— Eu quero... — Encostou os lábios levemente nos dela e a viu recuar na defensiva.

— Não o amo, Daniel.

— Eu sei.

— Mesmo assim teima na ideia de ficar conosco.

— Sim. — Sorriu.

— Por quê?

— Porque eu me apaixonei por você, Jane Boreen, mesmo não me amando. Quero protegê-la e ao seu filho também. Me deixa cuidar de vocês...

— Daniel...

— Não forçarei nada, querida. Só diga que aceita, deixe-me cortejá-la como merece, sem pressa, sem cobranças e quando você quiser, poderá me pedir em casamento. — Sorriu maroto.

Jane riu.

Ele sorriu feliz.

— Pudim? — Ofereceu-lhe outra colher.



Farnham House...

A biblioteca espelhava a paixão antiga dos Needlethorn por livros, além dos acréscimos feitos por Alexander e Joanne. Novas estantes foram inseridas para dar espaço aos volumes importados que não paravam de chegar de Londres, mesmo assim, mantinha-se aconchegante, apesar da austeridade dos móveis em madeira escura, contrastando com alvas cortinas balançando indolentes com a brisa da madrugada.

Cameron encontrou os amigos conversando animadamente, espalhados em poltronas estrategicamente posicionadas junto à uma bela lareira acesa.

— Vocês sabem o que acontecerá se ele colocar os pés em Londres. — Alexander apontou para o samovar sobre o aparador.

— Quem e o quê? — Cameron seguiu naquela direção sorrindo ao notar a quantidade de sanduíches de salmão defumado. Pegou um prato, serviu-se e girou à procura de um lugar.

— Giulio enviou uma carta para Bastian. — Jean espreguiçou-se.

— Isso é algum tipo de brincadeira de mau gosto?! — Inquiriu de cara feia.

— Antes fosse. — Jean torceu o canto da boca. — O fato é que...

— O fato é que não falamos sobre Giulio ou sobre qualquer coisa interligada a ele. — Sebastian fechou a questão.

— Tudo bem. — Alex levantou-se. — Reuni vocês aqui para perguntar sobre as fuinhas e sobre a aposta. — Pegou uma xícara, pousou-a sobre o samovar e foi auxiliado por Bastian.

— Sobre isso... — Jean e Cameron começaram em uníssono e riram.

— Sobre isso estamos encrrecados. — Jean arrastou o sotaque.

— Aparentemente as irmãs estão extremamente curiosas sobre nossa reputação com as mulheres. Frederica deixou bem claro que se esgueirará para o meu quarto qualquer noite dessas.

— *Oui*. O mesmo com Grace.

— Digam que não seduzimos crianças. — Sebastian gesticulou.

— Não seduzimos animais também. — Cameron sorriu maldoso.

— *Non* seduzimos fuinhas. — Jean riu.

— Principalmente as que querem ser seduzidas. — Cam complementou. — Troque-nos de quarto, Sacha.

— Isolar vocês dois seria o mesmo que deixá-los mais vulneráveis a ataques. Um falcão sempre procurará pelos pássaros desgarrados do bando, pois sabe que são os mais fracos e fáceis de serem capturados. — O russo ponderou. — Eu recomendo montar uma barricada nas portas dos quartos de ambos e alertarem seus valetes, pelo menos até que retornarmos à Londres. Agora, e a aposta?

Os rapazes viraram para Sebastian ao lado do aparador com uma xícara de chá nas mãos.

— O que tem? — perguntou displicente. — Pelo que me consta, está tudo bem.

— Bem até demais. Sacha contou-nos que viu você beijando Charlotte mais de uma vez. — Cameron riu baixinho.

— Isso é relevante? — Franziu o cenho.

— *Non*. Relevante é o Fuinha 1 tentar roubá-la de você bem debaixo de seu nariz viscondesco.

Bastian encarou Andree com uma carranca irritada.

— Em relação a isso, não se preocupem. Aquele idiota desclassificado jamais conseguirá o que

tanto almeja: dinheiro fácil, um título e uma parideira; seria um desastre para a humanidade se os Hardington dessem crias.

— Concorde. Quem lhe arrancará os ovos ou o impedirá? — Alex ergueu as sobrancelhas.

— Eu. — Sebastian sorriu convicto.



Livre das botas, livre da maldita gravata, livre das malditas convenções, jogou os pés desnudos em cima da mesinha diante da lareira de seu quarto quase derrubando a taça de Porto que seu valete deixara, hábito adquirido há tanto tempo que nem se lembrava de quando começou.

Puxou a agenda onde inseria futuros compromissos fechados com seu secretário, abriu-a, folheou algumas páginas; Nathan era, na melhor das hipóteses, um pé em seu saco, porém um mal necessário. Não que precisasse dele, já que sua infância foi pautada em um único ponto: prepará-lo para assumir o legado da família, mas tê-lo por perto poupava-lhe trabalho.

Fora aluno exemplar para seus preceptores, estudante brilhante em Eaton ou em Oxford; reservado e de poucos amigos, logo ganharia o apelido de “A Máquina”. Não lhe interessava demonstrações efusivas de sentimentos, não lhe interessava ter amigos, pelo menos até conhecer Alexander, com o qual se identificou imediatamente: ambos mantinham suas vidas sob total controle (coisa que o russo aprendeu com maestria após se instalar em Paris e perdera um pouco antes na Rússia).

Previsíveis, cada passo dado era pensado, calculado para um resultado de erro zero, como assim sempre fora a sua rotina, dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano, até se enfiar naquela maldita aposta, inferno criado por ele próprio.

Bocejou sonolento. Agarrou uma caneta, entrou com a data.

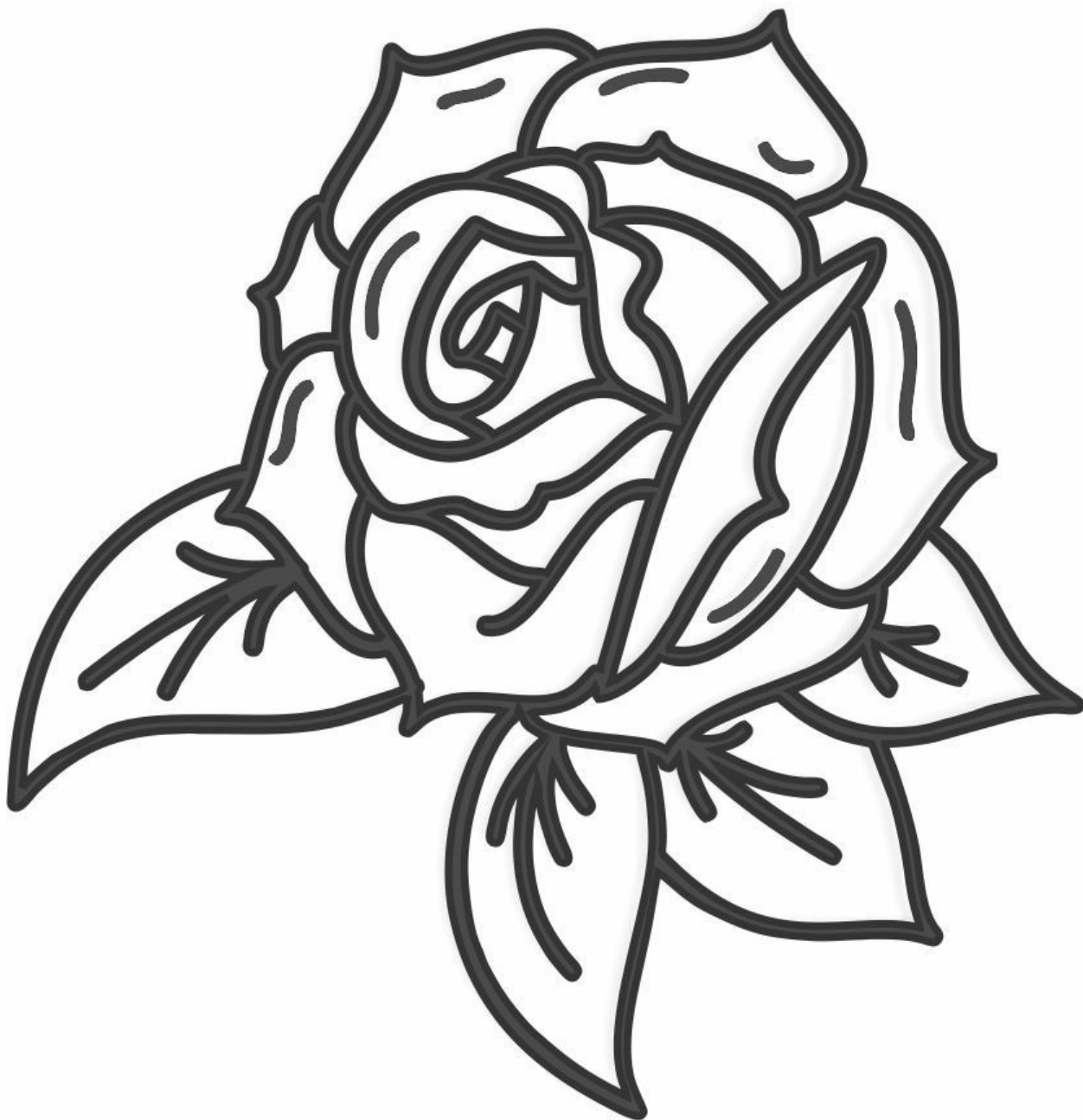
“Estou confuso. Não me sentia assim desde aquele maldito debate em 1862 no Parlamento ou quase briga para ser mais exato. Precisei usar de toda a lábia aprendida no Direito, mas pelo menos descobri que conseguia manipular tanto Whigs quanto Tories, mas agora, por mais que eu tente, é como ter um tapete puxado logo abaixo de meus pés: A sensação de estar perdido, sem saber o rumo a tomar fica cada vez mais acentuada. Eu próprio não me entendo mais: palavras que nunca pensaria em usar, simplesmente brotam de minha boca como se este parvo que escreve não pudesse dominar algo tão simples quanto a abstração dos pensamentos e sua conversão em palavras. Conversaria sobre isso com Sacha se soubesse que não viraria motivo de escárnio.”

Fechou a agenda em um golpe seco, inclinou-se e tomou sua bebida para logo a seguir, deitar-se.

No meio da madrugada acordou de um sonho tão vívido que descobriu, para seu desprazer, ter

liberado seu prazer entre as dobras dos lençóis.

— Maldição! — Balbuciou irritado. — Até o controle de meu corpo eu perdi?! — Levantou-se para se limpar.



13

O dia amanheceu nublado com uma pequena garoa caindo nos campos ao redor.

O desjejum foi uma atração à parte. Frederica encurralou Cameron aos pés da escada.

— Bom dia, milorde O'Shea. Esperava-o ansiosamente para tomarmos o desjejum juntos. —

Agarrou-lhe o braço empurrando-o na direção da sala. — Estou faminta! — ronronou para desespero dele.

— Está? — Ele correu os olhos pelo buffet e sorriu animado. — Então, permita-me servi-la. — Tomou o prato de sua mão. — Ovos?

— Ah, sim... — respondeu animada.

Cameron serviu uma considerável quantidade de ovos mexidos, depois abriu um dos réchauds. — Rins?

— Rica!

Frederica desviou sua atenção para a irmã que acabara de chegar rebocando seu francês. Era o que ele precisava; mergulhou a colher no réchaud, encheu-a e...

— Eu sinto muito! — Largou o prato sobre o buffet, procurando por um guardanapo para limpar o enorme volume de rins jogados no decote de seu encosto.

— Francamente, milorde! Meu vestido preferido! — rosnou puxando mais dois suculentos pedaços de onde não deveriam estar.

— Eu sinceramente peço mil desculpas. *Sou tãaaooo estabonado...*

Ela saiu batendo os pés em direção à escadaria, carregando a irmã que interceptara no meio do caminho.

Jean apertou a mão do amigo.

— Meus parabéns, agora gozaremos de uma refeição em paz.

— Sempre soube que rins faziam mal à saúde. — O irlandês ironizou.

— Sem dúvidas ao vestuário feminino também. — Jean bateu em seu ombro amigavelmente. — Olhe, Sebastian acaba de chegar.

Os dois esticaram-se na direção do portal da sala onde o visconde observava rapidamente o local.

— E acaba de sair. — Cameron franziu o cenho, largando momentaneamente o prato, e seguiu atrás de Andree que deixara o local.

Encontraram Sebastian parado aos pés da escadaria. Do lado oposto, Ephrain Hardington ajeitava a gravata.

— Decididamente, cedo ou tarde, este será um idiota morto. — Jean zombou.

— E lá vem ela...

Sebastian sorriu ao vê-la tão deslumbrante em um simples vestido azul claro, totalmente contrastante aos das outras moças presentes.

Cameron sorriu ao notar a reação de Sebastian. Já vira aquela cara antes.

— Jean?

— *Oui?*

— Já viu esse olhar antes?

— Ah, sim... Em Sacha quando conheceu Joanne. — Empurrou Cameron. — Está insinuando que...

— Que o olhar de tolo apaixonado é real e não tem mais nada a ver com a aposta. — Puxou o amigo para trás.

— Srta. Needlethorn.

Charlotte olhou para os homens que falaram ao mesmo tempo com uma imensa vontade de rir, todavia manteve-se contida.

— Vossa Graça, sr. Hardington... — Ergueu as sobrancelhas ao notar as mãos esticadas em sua direção e por mais que desejasse o contrário, optou pela saída covarde aceitando a mão de Ephrain.

— Oh, melhor sumirmos momentaneamente. — Jean carregou Cameron rapidamente para a sala.

Sebastian soltou o ar que prendera com força desnecessária e socou o corrimão ao lado. Essa garota conseguia tirá-lo do sério; com certeza daria o troco para logo a seguir matar o desgraçado aproveitador que a acompanhava.

Logo após o desjejum, arrebanhados por uma tropa de criados, os convidados seguiram para o salão de baile convertido em arena de esgrima. Seguiu-se uma febril movimentação geral e não tardou para que os homens devidamente vestidos para as competições, recebessem os lenços de suas damas. Claro que a maior parte dos pares se manteve fiel: Seth recebeu o lenço branco de Emma; Horace, o rosa de Harriet; Mary entregou o amarelo para Oliver; Jean não teve como escapar do verde de Grace, assim como Cameron do roxo de Frederica. Leonard piscou para Lorna ao receber o vermelho, enchendo-o de beijinhos.

Um impasse surgiu quando os dois últimos casais se mantiveram estáticos.

— Charlotte? — Joanne resolveu quebrar o clima pesado.

Lottie mirou o lenço azul em sua mão, deixou a fileira feminina, parou diante de Sebastian, encarou-o e deu um passo ao lado escolhendo Ephrain como campeão. Por fim, Esme timidamente

aproximou-se.

— Aceitaria meu lenço, Vossa Graça?

— Com toda a honra, minha dama. — Sebastian respondeu com o olhar preso à mulher ao lado.

— Bom, lutas por sorteio. — Alex aproximou-se. — Needlethorn com Campbell, Stapleton com O'Shea, Blackmore com Riverdall, Hardington com Trevand. Os ganhadores avançarão para a próxima fase.

O contingente masculino mexeu-se irrequieto por conta dos preparativos finais. Sebastian, calçando a luva, passou por Jean Claude.

— Quero a fuinha líder.

— Quer que me deixe derrotar por ele? Por ele?! — Perguntou mais surpreso que indignado.

— Quero.

Andree inclinou a cabeça, pensativo, depois abriu um sorriso sacana e socou Bastian no ombro.

— Irá espetá-lo? — Aumentou o sorriso. — Fure seu saco.

— Se eu tiver a sorte do protetor da ponta cair, com certeza.

— Marque-o, Bastian. — Cameron vestindo as luvas, sussurrou por trás do visconde. — O resto da lâmina está livre e pelas regras, você pode usá-la.

— Certamente. — Devolveu o sorriso em uma versão maléfica intensificada.

Resultados previsíveis até certo ponto: Leonard derrotou Seth depois de vinte segundos; Oliver deu trabalho a Sebastian; Horace tropeçou no próprio pé, facilitando o trabalho de Cameron e Ephrain derrotou Jean Claude, gerando uma reação ambígua no salão: o silêncio atônito de todos contrastando com os gritos nada discretos dos Hardington. Cameron precisou deter Jean antes que ele partisse para cima do elemento, esquecendo-se de qualquer espírito esportivo.

Na segunda fase, Cameron perdeu para Ephrain e Leonard, um legítimo Needlethorn, percebendo a sutil manipulação em curso, abriu a guarda, deixando o corpo desprotegido e ainda piscou para Sebastian em total cumplicidade.

Durante o pequeno descanso a seguir, Joanne puxou Alexander pelo colete até a mesa de refrescos.

— Mas que diabos está acontecendo?! — Controlou-se para não gritar.

— Eu amo quando você pragueja... Me deixa tão excitado, sabe? — Sorriu ao ouvir o tap tap nervoso das sapatilhas por baixo do vestido.

— Você me contou, Sacha, que Cameron é um excelente esgrimista.

— Sim, frequentamos o mesmo clube de esgrima, todos nós, o London Thames Fencing Club.

— E Jean Claude é francês, pelo amor de Deus! — Gesticulou distribuindo a limonada em seu copo pelo entorno. — Franceses são esgrimistas natos!

— Concordo. Essa espada, Épeé, originou-se na França; importei-a de Paris, você sabe.

Ela encarou-o esperando pelo resto.

— O fato, *Kukla*, é que seus esforços não foram em vão.

— Especifique.

— Ephrain anda fazendo a corte à Charlotte.

— Ela o está usando, só isso. — Desdenhosamente deu de ombros.

— O que provocou uma avalanche de ciúmes em nosso visconde. Sim, meu amor, Sebastian se apaixonou por sua irmã, só que acredita que tudo não passa de ego ferido e alguns cavalos árabes.

— Oh! — Joanne arregalou os olhos. — Hummm... — Estreitou-os logo após. — Entendi... — Bateu com o indicador sobre os lábios.

— Seu irmão nos chama. — Estendeu-lhe o braço.

Alex resolveu por bem, interromper a irritante cantilena de Ephrain que arrotava sua invencibilidade, principalmente sobre dois esgrimistas do afamado clube no qual sua filiação fora negada.

Parado em meio ao salão, Sebastian portava a famosa fleuma inglesa, sua cara impassível escondia com perfeição seu demônio interior ávido para sair para brincar. Virou lentamente a cabeça até que seus olhos encontrassem os de Charlotte. “*Você será a próxima.*” pensou.

— Vossa Graça?

Seguiu a direção da voz. Esme piscava assustada.

— Sim, milady?

— Rezarei por sua vitória.

— Não poderia ter recebido maior prêmio que sua preocupação para com este seu humilde servo.
— Inclinou-se beijando-lhe a mão.

Charlotte deixou escapar um bufo.

— Bastian?

Acompanhou Esme até as cadeiras onde as demais damas se instalaram e seguiu na direção de Sacha.

— Pronto?

Sebastian sorriu colocando a máscara.

— Pronto, Hardington?

— Já nasci assim. — Colocou sua máscara.

— Ao meu sinal...

Bastian posicionou-se elegantemente em um flagrante contraste em relação à postura desengonçada de seu oponente.

— Comecem! — Alex afastou-se.

Ephrain partiu para um ataque afobado.

Sebastian simplesmente inclinou o corpo para o lado e a lâmina inimiga passou direto.

Desequilibrado, Ephrain girou.

— *Touché!* [\[27\]](#) — Sebastian provocou quando a ponteira protetora pressionou com perfeição a localização do coração que teria muito gosto em arrancar.

— Filho de uma égua! — Hardington jogou sua máscara longe. — Ele trapaceou! — Apontou com a espada.

O visconde ergueu uma única sobrancelha e suspirou impaciente por trás da máscara.

— Ponto para Riverdall. — Alexander declarou ignorando os choramingos. — *En garde! En garde! Prêts? Allez!* [\[28\]](#)

Sebastian posicionou-se mais uma vez e partiu para o ataque. Dois passos para a frente, um leve giro no pulso e a espada descreveu um arco descendente até a lâmina acertar com força a traseira de um tolo furioso. — *Touché!* — Ironizou calmamente mais uma vez.

Ephrain descontrolou-se. E quanto mais tentava ser bem-sucedido, mais era humilhado até que a contagem foi fechada e Sebastian declarado o vencedor. Retirou sua máscara enquanto Ephrain saía com Frederica em seu encalço, a fim de lamber suas feridas em outro lugar que não sofresse com o escárnio geral.

Esme veio apressada.

— Estou tão feliz! — Bateu palmas animada.

— Então complete minha felicidade também e deixe-me acompanhá-la à *soirée* [\[29\]](#) hoje, minha dama. — Beijou-lhe a mão novamente.

— Seria uma honra, Vossa Graça. — Abaixou-se em uma saudação perfeita. — Gostaria de um refresco? — Sorriu ao vê-lo oferecer seu braço.

Em um canto, Charlotte ampliou o bico ao acompanhar com o olhar o casal até a mesa de bebidas.

Do lado oposto, Cameron ergueu sua espada.

— Está se defendendo do quê, seu maluco? — Jean franziu a testa.

— Do bico de Charlotte que é capaz de nos furar os olhos se não tomarmos cuidado. — Levou a arma de um lado ao outro.

— Idiota! — Andree gargalhou gostoso.



Wrington, Somerseth...

Naquela noite, Daniel apareceu para a costumeira partida de xadrez. Ergueu-se quando as damas entraram.

— Boa noite, senhoras. — Inclinou-se.

— Banoite, milordi. — Sarah respondeu junto a Caroline.

— Boa noite, Daniel. — Jane teve a mão beijada depois das outras. — Vejo que já iniciou a

partida.

— Sim, porém tomarei a liberdade de pedir por uma pequena interrupção ao meu oponente. — Inclinou-se para pegar uma caixa de madeira de considerável tamanho e a colocou sobre uma mesinha adiante.

— Pricisamu di ajuda na cumzinha. — Sarah apontou para Mark e John.

— Prá quê?! — Mark reclamou.

— Água! — Caroline explicou.

— Lenha! — Sarah retificou. — Água e lenha! Anda logu. A cumida num vai isquentá sozinha, sábi?

Os dois rapazes levantaram apressados.

— Nós já vorta. — Sarah sorriu e deixou a sala cantarolando.

— O que é isso? — Jane apontou.

— Algo que gostaria de dar-lhe de presente, mas sinceramente temo por sua reação.

Ela mirou-o com um ar divertido.

— E por qual razão?

— Abra a caixa e saberá.

Jane abriu e retirou alguns papéis de seda, revelando uma quantidade enorme de roupinhas de bebê ricamente bordadas.

— Seriam de meu filho... Pensei que já que não teriam mais uso, eu poderia presentear...

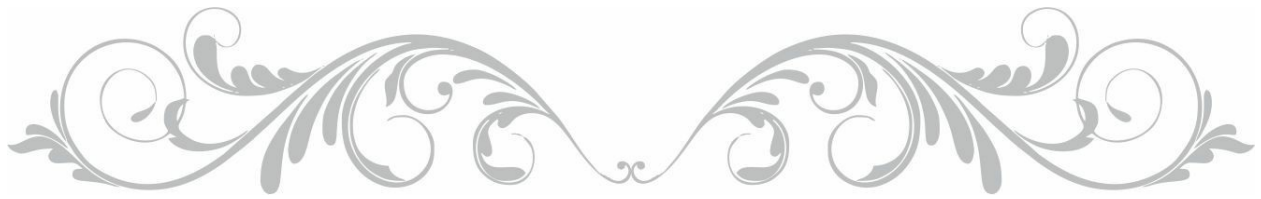
Ela retirou uma camisolinha rendada tão delicada que parecia ter sido arte de fadas. Seus olhos lotaram de lágrimas que não demoraram a cair.

— Oh, meu Deus! Não foi minha intenção magoá-la... — gemeu desesperado. — Levarei a caixa embora... Não! Levarei a caixa embora e irei embora com ela, eu achei que...

Jane esticou-se, depositando um singelo beijinho nos lábios dele.

Daniel arfou surpreso.

— Eu aceito com muito prazer o seu presente e meu filho ou filha usará essas roupas com muito orgulho. — Abraçou-o. — Foi o primeiro presente que recebi fora os de Sarah e Caroline. Obrigada, Daniel.



Farnham House...

O salão de baile retornou à sua função. Uma profusão de flores silvestres emprestava um ar primaveril ao ambiente, fazendo com que as damas parecessem com delicadas borboletas (com exceção de um par de mariposas) sobrevoando de um lado ao outro.

A atmosfera festiva carecia de seu elemento perturbador, já que o mesmo se recolhera emburrado ao seu quarto alegando enxaqueca.

— Sua enxaqueca possui nome e sobrenome. — Cameron zombou.

— E título. — Jean completou erguendo a taça de champanhe na direção do visconde.

— Ah, droga! — O irlandês engasgou-se com a bebida. — Melhor correr para tirar as damas descentes para dançar antes de sermos assediados pelas representantes do reino animal do Inferno, agora presentes. — Entregou sua taça a Sebastian.

— Estarei bem atrás de você, *petit frère* [\[30\]](#) — Empurrou a sua para Sebastian também.

Ele olhou as taças ainda cheias em suas mãos, virou-se para depositá-las no buffet mais atrás e esbarrou em alguém.

— Mil perdões... — Calou-se assim que viu quem era.

— Louvável de sua parte tentar embriagar-se depois do vexame de hoje. — Ela apontou para as mãos ocupadas.

Sebastian ergueu as sobrancelhas.

— Acho que me confundi com o idiota de plantão — retrucou irritado.

— Não tem vergonha do que fez?! — Charlotte desviou-se das taças empurradas para a mesa atrás.

— Ser vitorioso em qualquer circunstância nunca me foi motivo de vergonha, milady.

— Refiro-me à humilhação que fez o pobre sr. Hardington passar — rosnou.

— Ah, sim... Achou que eu poderia tê-lo humilhado um pouco mais?

— Ele não mereceu!

— Tem razão, fui muito condescendente, o que certamente não acontecerá uma próxima vez.

— Vejo que perdi meu tempo tentando conversar com milorde. Seu ego só não perde para o tamanho de sua estupidez. — Desviou-se, mas foi segura. — Me largue!

Sebastian observou o entorno e optou por arrastá-la até a biblioteca; certamente estaria vazia a julgar pelo número de convidados presentes no salão e o único ausente, Ephrain, era estúpido o suficiente para não gostar de livros. Empurrou-a sem a menor delicadeza para dentro, trancando a porta atrás de si.

Acuada, Charlotte procurou pelo abrigo do sofá.

— Crê realmente que interpor um móvel entre nós irá salvá-la?

— Creio realmente que se me tocar, irei gritar tão alto que trarei a Scotland Yard de Londres até aqui.

— Milady... — Circundou o obstáculo. — Estará ocupada demais para proferir qualquer som que seja além de gemidos de prazer. — Conseguiu agarrar-lhe o braço e colou seu corpo no dela.

— Não se atreva!

— Ah, me atrevo sim... — Riu. — Sou um libertino, lembra-se?

— Está louco!

Sebastian parou e encarou-a. Por alguns segundos quase confessou insanidade; ela realmente o tirava do sério. Contudo, optou pela prática e empurrou a teoria para baixo do tapete Aubusson da Grã-princesa. Forçou delicadamente o teimoso queixo para cima, sorriu e distribuiu beijinhos ao longo da linha do pescoço até alcançar o lóbulo da pequena orelha ornada por um brinco de esmeralda. Fechou os lábios sobre ele, arrancando um gemido tipicamente feminino que tanto conhecia bem. Ao retirar a boca, o brinco repousava sobre sua língua e foi devidamente guardado em seu bolso antes que o furto fosse descoberto. Seguiu com o ataque beijando-a gulosamente.

— Ele a beija assim? — sussurrou entre os trêmulos lábios dela. — Ele a faz sentir-se assim? Desejada? Mulher? — Correu as mãos da cintura em direção aos seios e foi então que percebeu algo de muito errado: era Charlotte, por Deus, irmã de Joanne, não uma de suas conquistas da *Ton*. Era inocente, virginal e sentiu-se maculando-a. Empurrou-a para longe, fazendo com que caísse no sofá, tentando ignorar sua inconveniente ereção, além do agravante de senti-la corresponder o beijo com a mesma fome que o afligia. — Você tem razão... — Ofegou. — Eu sou um crápula. — Deixou a biblioteca, deixou-a sozinha, deixou seu coração em quarentena mais uma vez.

Charlotte tentou recompor-se, pelo menos fisicamente; psicologicamente seria pouco provável. A caminho do salão de baile esbarrou em Cameron.

— A senhorita está bem? Posso acompanhá-la ao... — Desequilíbrio-se por conta do tapa recebido. — O que eu fiz?! — Perguntou esfregando o rosto ao mesmo tempo em que Charlotte seguia seu caminho.

Sebastian passou pelo buffet, agarrou uma garrafa de champanhe, acessou os jardins e só parou ao notar que o lugar escolhido como refúgio encontrava-se ocupado.

— Jean?

O francês ergueu a cabeça e o convidou a sentar-se.

— O que faz aqui sozinho?

— O mesmo que você. — Ergueu uma garrafa de champanhe já no final e apontou para ele. — Com a diferença de que, pelo menos, eu tenho como abrir a próxima.

Bastian pegou a garrafa das mãos alheias, tomou um grande gole e devolveu-a ao seu dono.

— Por que estamos nos embebedando? Minha razão é ser um canalha; tive a mulher de minha vida em meus braços e despachei como uma rameira qualquer. — Agarrou a próxima garrafa. — Disfarço facilmente meus sentimentos, mas por dentro morro a cada dia passado sem a Jane. Morro ao tentar imaginar onde está, se está bem, se seguiu com sua vida... Morro em pensar na possibilidade de ter conseguido outra pessoa, de estar sendo amada, de ter entregado sua alma, coração e corpo a um estranho. Não é uma questão de ego masculino ferido, sabe? É uma questão de amor. Vim para cá mais por vocês, mas assim que retornarmos a Londres, retomarei as buscas e só voltarei com ela ou com a constatação de que foi tarde demais para mim. — Tomou outro gole limpando o canto da boca ao entornar o líquido. — Mas e você, meu amigo?

— Eu?! — Riu irônico. — Eu quero esquecer que existo. Quero esquecer que o visconde de Riverdall não passa de um grandessíssimo libertino filho de uma puta! — Ergueu sua garrafa em um brinde mudo, mirando o brinco de esmeralda em sua mão.

— O que aconteceu entre você e Charlotte?

O inglês encarou o francês com um ar indignado para depois correr as mãos pelos cabelos curtos.

— Eu a beijei.

— Ah, mais de uma vez, diga-se de passagem.

— Eu a beijei agora há pouco.

— E daí? Isso faz parte da aposta. — Piscou-lhe.

— Quase perdi o controle, Jean.

Foi a vez do francês encarar o inglês, com um ar safado na face.

— É?! Quase quase ou...

— Meu Deus, homem! É Charlotte! Não as mulheres que fodemos — gemeu. — Sinceramente, não sei o que se passou por minha cabeça...

— Cabeças... — Jean gargalhou.

— Ela me enlouquece.

— Jane fazia o mesmo comigo.

Sebastian bufou.

— Isso é diferente, meu querido idiota! Você se apaixonou por Jane.

— E você não se apaixonou por Charlotte? — Sorriu safado.

— Claro que não!

— Tudo bem, se é você quem diz... — Tomou o resto da garrafa em sua mão e pegou a outra. — Trouxe mais duas, então vamos tentar esquecer nossas frustrações e incompetências juntos, embalados pelo néctar das pequenas delícias de Baco.

No salão de baile, Alexander interrompeu os músicos.

— Pedimos desculpas pela ausência de três membros dessa saudável competição: O visconde de Riverdall precisou ausentar-se junto ao conde de Trevand e o sr. Hardington foi acometido de uma forte crise de enxaqueca.

— Nada que um bom prado da sopa da Vovó Needlethorn não cure. — Joanne sorriu. — Já providenciei pessoalmente que o valete leve a comida.

Cameron deixou o conteúdo da sua xícara de chá sair deselegantemente pelo nariz ao ouvir aquelas palavras. Do outro lado do salão, Leonard engasgou-se com um pedaço de sanduíche e foi socorrido por Lorna que o fez cuspir o pão para dentro do decote de Grace, duas cadeiras ao lado. Desconfiada, mirou o teto e, como não viu nada demais, comeu alegremente o que lhe fora ofertado do além.

— Senhoras, abram seus envelopes, por gentileza.

Novo barulho de lacres quebrando. Frederica, de tão afoita, catapultou o lacre, acertando a nuca de Oliver, que se virou à procura do agressor.

— *Och!* — Mary abraçou Esme e as duas pularam sobre Lorna. — Arco e flecha! *Och, och!* Tudo que queríamos!

Harriet e Emma riram do entusiasmo escocês, mas nada de risadinhas histéricas das fuinhas, pelo contrário, pareciam bastante perturbadas com a prova.

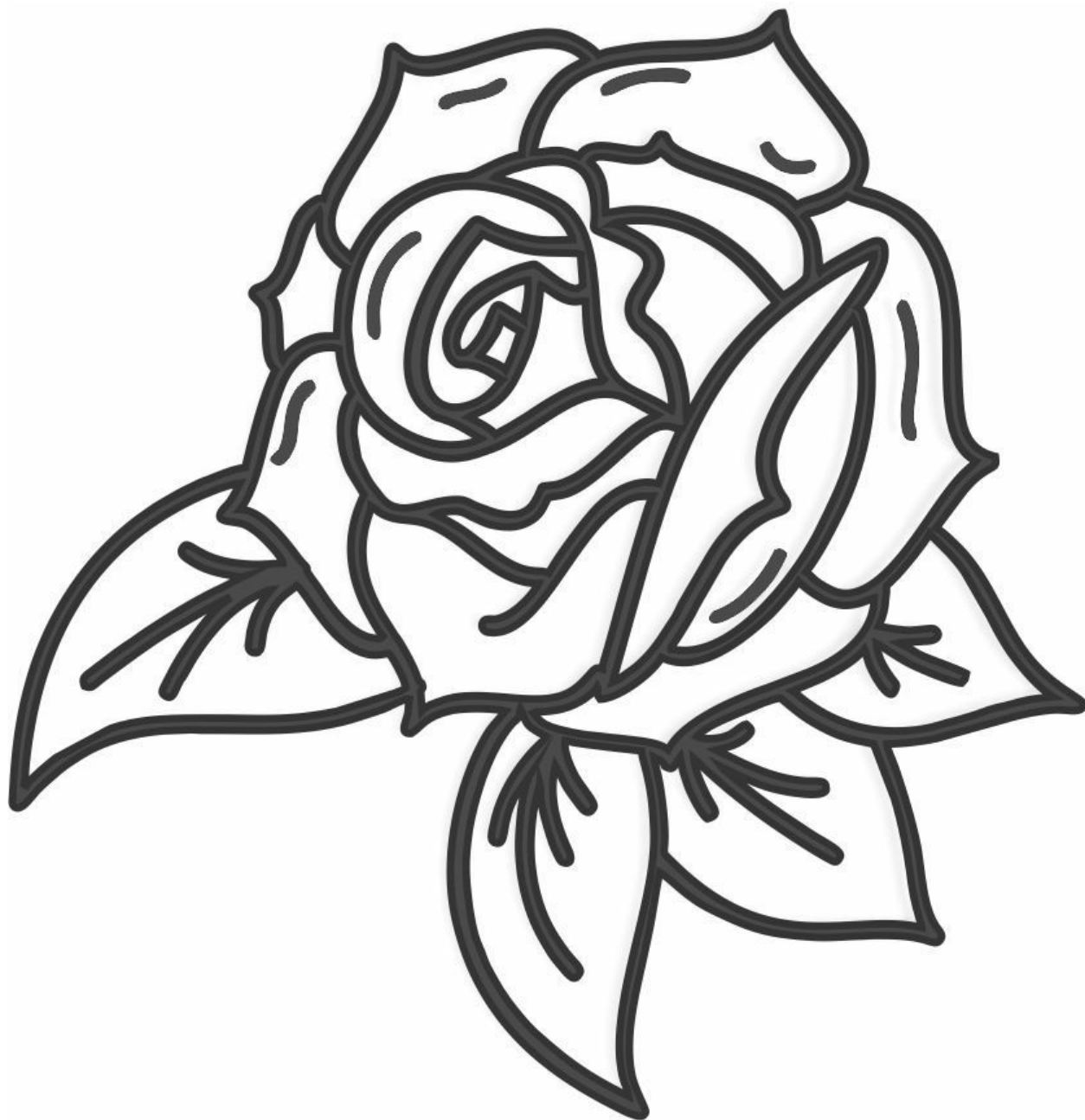
Joanne continuou.

— Seus pares irão lhes ajudar sem tocar no equipamento, salvo para recolherem as flechas. Regras serão explicadas antes da prova, no desjejum, então decidimos finalizar a soirée a fim de que todas tenham a oportunidade de descansar. — Esperou que os convidados se retirassem. — Onde estão Bastian e Andree?

— Em suas camas agora. Antes tomaram um pifão no gazebo.

— Cameron sabe disso?

— Sabe sim, mas acha que dois pratos de Sofra logo pela manhã farão mais efeito que a maldita beberagem que prepara. — Beijou-a. — Que Deus tenha piedade de suas almas... — sussurrou.



14

Sentados sob uma árvore em meio a um campo repleto de *bluebells*, Jane riu com outra observação ácida de Daniel sobre a época que vivia em Londres.

— Conte-me mais sobre sua esposa.

— Ela era linda... — sorriu carinhosamente. — Longos cabelos negros, suaves cachos, grandes olhos azuis e um sorriso arrebatador. Além disso, era dona de uma mente aguçada, inteligência acima da média, língua ferina, quando queria, personalidade forte.

— O que mais?

— Algum dia, contarei como nos conhecemos e como parei aqui, mas por enquanto contento-me em ouvir você falar como era sua vida e como veio parar aqui.

— Desde o início? — Ela riu entregando um pedaço de bolo a ele.

— Desde o início, por favor.

— Meu pai trabalhava nas docas do Tâmsa, minha mãe vendia flores em frente à Saint Paul. Um dia houve um acidente e meu pai morreu. Logo comecei a trabalhar com minha mãe, tentando ganhar o suficiente para sobrevivermos. Mesmo assim, comíamos quando podíamos e não tardou para mamãe ficar doente e partir. As coisas pioraram de tal modo que pensei seriamente em ir para Whitechapel.

Daniel balançou a cabeça; Whitechapel era um famoso antro de prostituição e crimes.

— Naquela época conheci Sarah, uma lavadeira, e logo depois, Caroline. Elas precisavam de alguém que tomasse conta de seus filhos, eu precisava de amigos, um teto e comida.

— E seu conhecimento médico?

— Vovó Boreen era uma curandeira; passou seu conhecimento para minha mãe e minha mãe, para mim. Meu pai me ensinou a ler e a escrever, então eu lia tudo o que podia sobre ervas e práticas médicas quanto tinha a oportunidade. Quando se é pobre, aprende-se a se arranjar da melhor maneira possível sem depender dos outros. Uma das primeiras coisas que aprendi, Daniel, é que bolsos vazios repelem amigos, parentes e conhecidos. É na hora da adversidade que se confirma o que vovó Boreen sempre dizia: *“Você nunca deve esperar receber retorno daqueles para os quais estendeu a mão; sempre receberá de quem menos se espera.”* E assim foi em toda a minha vida; gratidão é algo raro, quanto mais se necessita, menos se tem.

— As pessoas podem ser cruéis quando querem.

— Vovó dizia também que não podemos cobrar dos outros o que eles não têm a capacidade de oferecer.

— Vovó Boreen era uma sábia mulher.

Jane riu.

— Sim, ela era.

— E depois?

— Depois que as crianças cresceram, eu voltei a vender flores; passei de Saint Paul para Hyde

Park, você sabe, Rotten Row, lotada de nobres desfilando para cima e para baixo. Achei que teria mais oportunidade por lá, após ter sido espantada da Catedral e foi assim que fui atropelada por um desses nobres idiotas, como já lhe contei. Um francês idiota de bom coração.

— O pai de seu filho.

— Idiota o suficiente para jogar na minha cara que se arrependeu no dia seguinte.

— Eu o mataria se você quisesse.

Jane encarou-o, assustada.

— Nunca pediria algo assim. Mesmo sendo um desmiolado, ele é o pai da criança que carrego.

— E você ainda o ama.

Ela suspirou.

— Também recebi apoio de seus amigos, um grão-príncipe russo, um visconde inglês e um lorde irlandês. Eles se reuniram e apostaram que eu conseguiria me passar por uma nobre dama debaixo no nariz da *Ton*. — Riu. — Bom, aprendi etiqueta, canto, dança e outras coisas, enfim fiz meu *début*, a *Ton* foi ludibriada e eu ganhei todo o dinheiro da aposta. Estava rica o suficiente para realizar meu sonho e aqui estou.



Farnham House...

O dia mal amanhecera e Sebastian puxou a rédea de sua montaria para a esquerda. Seu alvo encontrava-se sentado sob um olmo, pernas esticadas, dedilhando indolentemente uma *balalaika*^[31] deitada em seu colo. Apeou prendendo seu cavalo junto ao garanhão negro e jogou-se ao lado do amigo.

— Sabia que o encontraria aqui.

— Eu costumava tocar muito bem. Agora a única coisa que consigo é dedilhar notas cruas e sons dissonantes. — Suspirou.

— Sinto muito, Sacha.

— Não queria que Joanne me visse chateado. Às vezes me é difícil manter o ar de uma serena aceitação. — Ergueu o que restara do braço direito, jogou o instrumento para o lado, encostando a cabeça no tronco e fechou momentaneamente os olhos. — Perdão pela amargura, Bastian.

— Tem todo o direito de sentir-se assim.

— Mas e você? O que o trouxe até aqui?

A princípio Sebastian não falou. Na verdade, o problema todo era como expressar seu caos interior.

— Bastian? — Alex abriu os olhos e focou em sua direção, recebendo uma careta como resposta. — O que está acontecendo, *moy brat*? Não o vejo assim desde que me ajudou a fugir da Rússia.

Um suspiro profundo.

Sobrancelhas ergueram-se em franco espanto.

Outro suspiro, seguido por um bufo alto.

As mesmas sobrancelhas, antes arqueadas, baixaram máximo possível.

O visconde abriu a boca.

O Grão-príncipe travou o maxilar em expectativa.

— Eu... Não... Sei... — Deixou escapar um resfolegar.

Alexander estreitou os olhos e armou um sorrisinho monalísico.

— O que precisamente você não sabe?

Outro suspiro.

— Niel...

Sebastian reagiu ao nome; somente Sacha o chamava assim e em raras ocasiões.

— Me sinto perdido — balbuciou.

— Sim, notamos isso há alguns dias.

— Notamos? Quem notou?

— Todos nós. Os rapazes, o marquês e a marquesa, Joanne...

— Tenho um caos instalado aqui. — Apontou para sua fronte. — Minha mente está pior do que a

pior sessão do Parlamento que possa imaginar.

— Você nunca fica desse jeito, Niel. Já passamos por situações escabrosas e você sempre manteve a retidão. É o único de todos nós a manter o pensamento objetivo. — Sorriu. — Deveria ser conhecido como *O Visconde de Gelo*.

Nem isso foi capaz de arrancar-lhe um sorriso.

— Não sei como falar.

— Facilitarei para você, *moy brat* e serei direto: todo esse seu caos interior tem somente uma origem: Charlotte Needlethorn. — Segurou o riso. — Não! Sem caretas ou réplicas em acaloradas negativas.

O visconde torceu a boca.

— Gosta dela, não?

— Ela me enlouquece.

— Gosta dela ou não?

— Gosto dos cavalos.

— Aposto que suas noites andam repletas de sonhos eróticos e garanto que não são com cavalos, ou são?

Sebastian revirou os olhos.

— Você se apaixonou. O amor é assim mesmo, *moy brat*; quando chega, vem para abalar com tudo, principalmente se você nunca sentiu algo parecido antes, daí essa confusão toda e essa cara de paspalho em puro desespero que você porta para cima e para baixo quando acha que ninguém está olhando.

— Foi assim com você?

— Já havia amado antes e me senti menos perdido com Joanne, porém não menos desesperado.

— Eu não sei se isso é amor. — Deixou escapar uma careta.

— Ah, essa é fácil. — Socou o ombro ao lado. — Qual o seu último pensamento antes de dormir?

Sebastian franziu o cenho.

Alexander não deu trégua.

— Qual o seu primeiro pensamento ao acordar? Quem anda frequentando a sua cama em sonhos?

Como anda seu apetite? E seu humor?

— Tudo bem, tudo bem, eu confesso o que você já sabe! — Grunhiu. — Só não sei lidar com isso. — Ergueu-se. — É totalmente ilógico! — Gesticulou aflito. — Por favor, Sacha... Salve-me dessa sandice... Salve-me de mim mesmo!

— Acharemos um jeito. — Levantou-se desajeitadamente. — Creio que seja melhor voltarmos antes que a casa desperte. Teremos a prova feminina hoje. Venha, *moy brat*, pensaremos melhor de barriga cheia.

A leve brisa da manhã não foi o suficiente para afugentar a névoa dos campos, que, embora não prejudicasse a competição, emprestava um ar surreal ao evento. O lugar foi escolhido por sua localização afastada de qualquer núcleo ou passagem, no intuito de salvaguardar quaisquer invasores ou passantes incautos.

— Muito bem, senhoras. Regras: seus pares poderão ajudá-las somente em dois casos: aconselhamento ou recuperação das flechas para a próxima rodada, o que poderá ser feito a partir da quarta flecha, desde que a dama só atire a última quando seu par estiver em segurança. Lembrando, queridas damas, que o alvo a ser atingido é o redondo adiante e não o cavalheiro que as acompanha.

Uma rodada de risadinhas ecoou e Alexander continuou.

— A fim de nos ajudar na arbitragem, trouxemos alguns representantes do Archerie's Club, que muito nos honram com sua presença. — Apontou para um grupo de homens uniformizados ao lado dos alvos. Serão cinco rodadas, a primeira com cinco flechas, a segunda com quatro, a terceira com duas e a última com somente uma. Em caso de empate, nova rodada será realizada. Todas entenderam? — Esperou pelas confirmações. — Ótimo! A ordem por alvo é a seguinte: srta Rowley, Harriet no primeiro à esquerda, seguida por srta. Lockhart, Emma; srta. MacKay, Lorna; srta. Stewart, Mary; srta. Stewart, Esme; srta. Needlethorn, Charlotte; srta. Hardington, Grace e srta. Hardington, Frederica. Os equipamentos já estão nas bases, podem se preparar.

— Bom, pelo menos ficaremos juntos. — Jean balançou a cabeça ao notar a total inabilidade de Grace com o equipamento.

— Sofreremos juntos. — Apontou para Frederica tentando posicionar a flecha.

— Qualquer coisa se torna insignificante comparada aos pratos de Sofra que eu e Bastian tomamos, mas pelo menos a dor de cabeça e a ressaca foram embora.

— Claro... Nada resiste àquela mistura do Inferno! — Arfou. — Recolherei as flechas quando você for, assim forcaremos as fuinhas a acabarem ao mesmo tempo.

— Pelo que parece, não passarão da primeira rodada. — Riram juntos.

E o caos se instalou.

Harriet acertou a maçã de uma pobre macieira alguns metros além do alvo. Horace rindo, pediu para que acertasse mais algumas e assim teriam torta de maçã para a ceia.

Emma flechou o tronco de uma das árvores fronteiriças ao local. Seth encheu-a de conselhos que a deixaram mais confusa do que já estava.

Lorna acertou no círculo central. Leonard inclinou-se em saudação e beijou sua mão.

Mary acertou no círculo central. Oliver sorriu satisfeito e elogiou-a.

Esme acertou no círculo central. Ephrain ignorando o fato de sua parceira ter sido bem-sucedida, desandou a corrigir o que achou estar errado. Em resumo: tudo nela que fosse superior a ele.

Grace acertou uma pobre margarida a quinze centímetros de seu pé. Jean Claude pegou a pequena vítima e colocou-a em sua lapela como um lembrete rasgado do pobre desempenho.

Charlotte acertou a borda do círculo central. Sebastian continuou de braços cruzados, mudo e carrancudo.

Frederica simplesmente acertou o alvo. Cameron ergueu os olhos, pedindo perdão de seus pecados.

Continuaram até que as primeiras flechas precisassem ser recolhidas.

Jean e Cameron seguiram na direção dos alvos, cientes de que as damas cessaram os tiros. Ao retornarem, Jean chamou a atenção do amigo para um pequeno desentendimento entre Fuinha 2 e 3. Frederica, que mantivera a flecha pronta para tiro, agitou-se estabranadamente e...

Zum!

Cameron piscou confuso, no início sem entender o que acontecera até notar a flecha cravada em seu ombro.

— *Oh, Dhia!* — gemeu largando o que carregava.

Jean parou mais adiante, virou, correu e sustentou Cameron até que deitasse no chão.

Frederica ao longe, gritava insanamente tentando livrar-se das mãos do irmão e quase conseguiu escapar, o que levou o irlandês ao desespero.

— Jean!

— *Oui, mon ami?*

— Me mata! — Agarrou as lapelas do casaco acima. — Me mata antes que ela o faça...

Andree mirou confuso Frederica e o amigo.

— Blackmore e Hardington a estão segurando.

— Por que eu?! — gemeu olhando a flecha em seu ombro e a mão suja de sangue. — Essa amaldiçoada acertou exatamente sobre o buraco da bala... Não acerta o alvo, mas acerta a porra da cicatriz por baixo da camisa... Senhor, eu devo ter fodido a empregada que serviu a Santa Ceia sobre a mesa da Santa Ceia...

Jean travou o maxilar para não rir.

— Oh, oh! Eu já sei! — Sacudiu o amigo, aumentando o sangramento. — Fui amaldiçoado por um bando de *Leprechauns*, [\[32\]](#) alucinados por causa de uma greve de cervejeiros!

— Lorde O'Sheeeeeee!

— *Dhia!* É a morte chamando...

— É só Frederica gritando, Cameron.

— Dá no mesmo — gemeu.

Alexander aproximou-se com uma carroça coberta com feno.

— Melhor a carroça que a carruagem. — Deixou escapar uma careta ao ver o sangue.

— Eu o carrego. — Jean pegou Cameron com cuidado e bufou. — *Merde*, Cam, você engordou!

— Não! — rebateu indignado.

— São aqueles malditos sanduichinhos de salmão defumado.

— Quero morrer! — choramingou.

— *Non* vai; vaso ruim *non* quebra.

— Lorde O'Sheaaa! — Frederica gesticulou aflita tentando se aproximar.

— Não a deixe se aproximar, Sacha, pelo amor de Deus! — Tentou se encolher entre os braços de Andree.

— Descanse, meu amigo. Sua segurança estará garantida. Malditas fuinhas!



Rutheford saiu do quarto para encontrar os três amigos reunidos no corredor.

— Retirei a flecha. Não houve maiores danos além de tecido muscular. Ele só precisa descansar e ficar com o braço quieto por algumas semanas, salvo se apresentar febre, vermelhidão ou pus no local.

— Doutor!

O pobre homem não teve tempo hábil para se preparar para o ataque. Frederica pendurou-se em seu pescoço, olhos inchados de tanto chorar.

— Diga-me com sinceridade: ele está morrendo? — Fungou.

— Estará se você passar por aquela porta... — Jean rosnou baixinho e foi ignorado.

— Eu o matei?!

— Ainda não. — Alexander fechou a cara.

— Posso vê-lo?

— NÃO! — Os três gritaram em uníssono.

Frederica assustada encarou-os e depois pendurou “*aquele olhar*” para o médico.

— Posso vê-lo? — Suavizou a voz de taquara rachada.

— Não, senhorita. lorde O’Shea precisa de descanso.

— Mas não irei importunar — gemeu.

— Está respirando, senhorita? — Jean perguntou sério.

— Sim...

— *Enton* já está importunando! — Rebateu arrastando o sotaque parisiense.

Alexander virou-se para a parede e Sebastian fingiu checar um inseto inexistente para rir. Só que a ficha de Frederica não caiu.

— Só uma olhadinha...

— Milady?

— Sim, Vossa Alteza Real? — Abaixou-se em saudação.

— Qual foi a parte do “*lorde O’Shea precisa de descanso*” não entendeu?

Ela abriu a boca, mas nada saiu por alguns segundos.

— Não poderia...

— Não. — Sebastian resmungou irritado.

— Nem que fosse...

— *Non!* — Jean obstruiu a passagem.

— Só por um minutinho...

— *NYETH!* — Sacha ergueu a voz.

Fuinha 2 levantou um par de olhos assustados, seu queixo tremeu e ela disparou pelo corredor, aos prantos.

O médico riu.

— Nada como um russo irritado! — Sebastian bateu amigavelmente no ombro de Sacha. — Que tal importunarmos o irlandês ferido? Doutor?

— Sim?

— Poderia pedir a Grã-princesa que providenciasse um prato da sopa de sua avó para nosso acamado?

Rutheford gargalhou gostoso.





Se existia algo que o Grão-príncipe de São Petersburgo e Sotchi se orgulhava (além de sua família e amigos), era o que Joanne apelidara de “O Monstrinho”.

Localizado a três quilômetros da mansão, ocupando nada menos que quatro quilômetros de caminhos espalhados por uma extensão de 20 acres, ou seja, 80.937m², O Monstrinho era um labirinto de curvas sinuosas formadas por teixos ingleses podados em cerca, a uma altura de 3 metros. Repleto de becos sem saída, em seu centro, um surpreendente gazebo estilo greco-romano imperava imponente.

Alexander levou duas horas para alcançá-lo com o auxílio de um mapa. Esta seria a última prova para os pares e aos vencedores, um prêmio surpresa seria entregue no baile de fechamento da semana.

Joanne observou os participantes do alto de Sugar, sua égua árabe.

— O Grão-príncipe encontra-se no centro do labirinto esperando pelo primeiro par chegar. Os ganhadores serão agraciados com um prêmio surpresa no Baile de Máscaras de amanhã. As damas, como podem ver, receberam apitos. Se após ouvirem o disparo do revólver do Grão-príncipe avisando do final da prova, ainda estiverem zanzando sem rumo ou se algo inesperado acontecer, o apito poderá ser utilizado. Criados treinados farão o resgate desde que mantenham a calma e permaneçam parados.

— E os mapas? — Ephrain perguntou animado.

— Sem mapas. — Ela sorriu maldosa.

— Algo mais dentro do labirinto que tenhamos que tomar cuidado? — Leonard apertou a mão da noiva.

— Algumas moitas de espinhos entremearam-se aos teixos. Logo, recomendo cuidado ao se apoiarem ou com eventuais tombos. Espalhados estrategicamente pela área, vocês encontrarão bebidas e comida.

— Ai, meu Deus... E se não conseguirmos sair?! E se não acharmos os alimentos? — Grace agarrou-se ao braço de Jean.

— Canibalismo. — Ele sorriu irônico. — Pelo menos *eu* não morrerei de fome. — Quase riu quando, pela primeira vez, viu-se livre das mãos dela.

— Antes que eu dispare avisando do início da prova, preciso perguntar: lorde O'Shea? Tem certeza que se encontra em condições de participar?

Cameron passou a mão pela tipoia que portava e suspirou.

— Estou em condições, desde que fique longe daquela maldita cama e que minha parceira não porte qualquer tipo de arma — resmungou.

— Eu já pedi perdão... — Frederica choramingou aproximando-se.

Cameron recuou em defesa.

Fuinha 2 armou um biquinho de choro, baixando os ombros em derrota.

Joanne ergueu sua pequena pistola e disparou. Os casais entraram ordenadamente, mas não demorou muito para se espalharem.

Sebastian deteve Charlotte ao chegarem à primeira bifurcação.

— Qual o problema? — Pousou as mãos na cintura.

— Vire-se.

— O quê?!

— Vire-se! — Girou-a de costas.

Charlotte ouviu um som desagradável, lutou para virar e, quando o fez, conseguiu descobrir a razão. O visconde segurava as fitas e laços que antes compunham a parte traseira de seu vestido.

— Ariadne... — Ela estreitou os olhos.

— Quase. — Rasgou uma pequena tira e amarrou-a a um teixo numa altura acima de suas cabeças.
— Não andaremos em círculos.

— Mas e os outros?

— Os outros estarão ocupados demais olhando para frente ou para baixo. — Sorriu. — Sorte nossa você ter optado por um modelo repleto de recursos. — Apontou para o vestido.

Ela sorriu coquete.

Desde o desjejum, Charlotte mudara o tratamento para com o visconde que, desconfiado como era, esperava pelo melhor momento para descobrir a razão.

Não muito distante, Grace continuou andando atrás de Jean Claude.

— Preferiria que caminhasse à minha frente, milady.

— Prefiro ficar aqui atrás. É mais fácil fugir de milorde se mantiver a saída na minha reta.

Jean parou, virou-se e encarou-a de cima a baixo, deixando-a totalmente desconfortável.

— E por que quereria fugir de mim?

— Só em caso de não acharmos comida e ficarmos perdidos. — Baixou a cabeça.

Ele abriu um sorriso diabólico.

— A saída não está na sua reta, milady. Existe uma variedade enorme de curvas e variantes entre nós e sua “segurança”... — Lambeu os lábios.

Grace que até aquele momento evitara contato visual, entendeu a mensagem, passou por ele correndo, deixando um francês muito satisfeito atrás.

Cameron revirou os olhos pela milésima vez. Como se não bastasse o incômodo ferimento, sofria com o bombardeio incessante da cantilena feminina logo atrás.

— Estava distraída...

— Já disse.

— Nem me dei conta de que deixara a flecha no arco.

— Percebi.

— Não fiz de propósito, milorde.

— Acredito piamente que não.

— Estou perdoadada? — Bateu nele quando pararam em um beco sem saída.

— Pensarei no assunto.

— Mas já falou isso!

— E continuarei a falar enquanto repetir essa sua maldita ladainha, milady! – Rosnou.

— Estou tentando me desculpar por ter sido estabada – murmurou desanimada.

— Inconsequente seria um termo mais condescendente.

Ela encarou-o.

— Tanto faz.

— Não para mim.

— Vai me perdoar?

— Estou pensando.

Continuaram a andar sem prestar muita atenção ao caminho. Dez minutos depois...

— E agora? Vai me perdoar?

Vinte minutos depois...

— Vai me perdoar?

Trinta...

— Vai me perdoar?

Trinta e cinco...

— Vai me...

Cameron virou-se de supetão levando-a a bater em seu peito, o que pegou Frederica desprevenida.

— Sabe de uma coisa? — Ele murmurou rouco.

— O quê? — Ela esticou-se na direção da boca acima.

— Cansei! — Correu a mão livre pelo rosto abaixo, arrancando um suspiro de pura satisfação feminina. Os dedos então desceram pelo pescoço em direção ao vale entre os seios, fechando-se no que repousava entre eles.

Frederica pensou estar no céu. Depois foi enviada ao Inferno, quando o apito soou ao lado de seu ouvido.

— Eu já disse, chega! — Avançou para o meio do próximo corredor. — Estou cansado, cor dor e não aguento mais ouvir sua voz.

— Mas eu pensei que...

— Você e sua irmã pensaram que poderiam pescar dois peixes estúpidos, só que estes dois peixes não gostam de minhoquinhas desprezíveis sem um pingo de atrativo feminino. Não lidamos com crianças, lidamos com mulheres.

— Mas eu sou uma...

Ele gargalhou.

— Está longe de chegar à sombra de uma mulher de verdade. — Gesticulou com desdém. — Quanto mais rápido se convencer disso, menos humilhações você passará.

Frederica levou a mão à boca para abafar um soluço, saiu correndo e esbarrou com o criado.

— Milorde, milady, se puderem me acompanhar...

Ela seguiu na frente, agarrada ao braço do serviçal desesperado por achar ser o causador do pranto descontrolado, com um irlandês muito carrancudo logo atrás.



Conforme a tarde caía e o tempo mudava de ensolarado para um cinza doentio com trovões ameaçadores ao largo, o estampido de um revólver marcou o fim do jogo.

Charlotte encostou-se na parede de teixos, suspirando aliviada.

— Espero que Ephrain esteja bem. — Olhou o céu acima. — Logo vai chover.

Sebastian franziu o cenho.

— Desde quando trata Hardington pelo primeiro nome?

— Desde que começou a me cortejar. — Tirou um galhinho de teixo da saia.

— Não pode aceitar a corte dele! — Quase gritou indignado.

— E por que não? — Inclinou a cabeça.

— Porque ele é um desclassificado, mulherengo e aproveitador! — Gesticulou agitado.

— Posso transformá-lo em um bom marido.

Sebastian avançou, segurando-a pelos ombros.

— Não, não pode e não vai.

— Quem irá me impedir? — Fechou a cara.

— Eu!

Ela riu com desdém.

— Por quê?! — Encarou-o raivosa.

Ele puxou o ar com força exagerada; não havia mais retorno.

— Porque eu me apaixonei por você, sua criatura desmiolada!

Charlotte arregalou os olhos, abriu a boca num esgar de espanto.

Sebastian aproveitou. Puxou-a para mais perto e beijou-a quase reverente.

Charlotte se derreteu nos braços dele. Era tudo o que mais queria.

Sebastian jurou, naquele exato momento, que ela era tudo que ele mais queria.

— Não aceitará a corte daquele pulha! — Alertou-a entre seus lábios. — Não chegará perto dele...
— Beijou-lhe a ponta do nariz. — Não falará com ele... — Beijou-lhe os olhos e a testa. — Não respirará o mesmo ar infecto...

Ela riu, pousando a cabeça sobre seu peito.

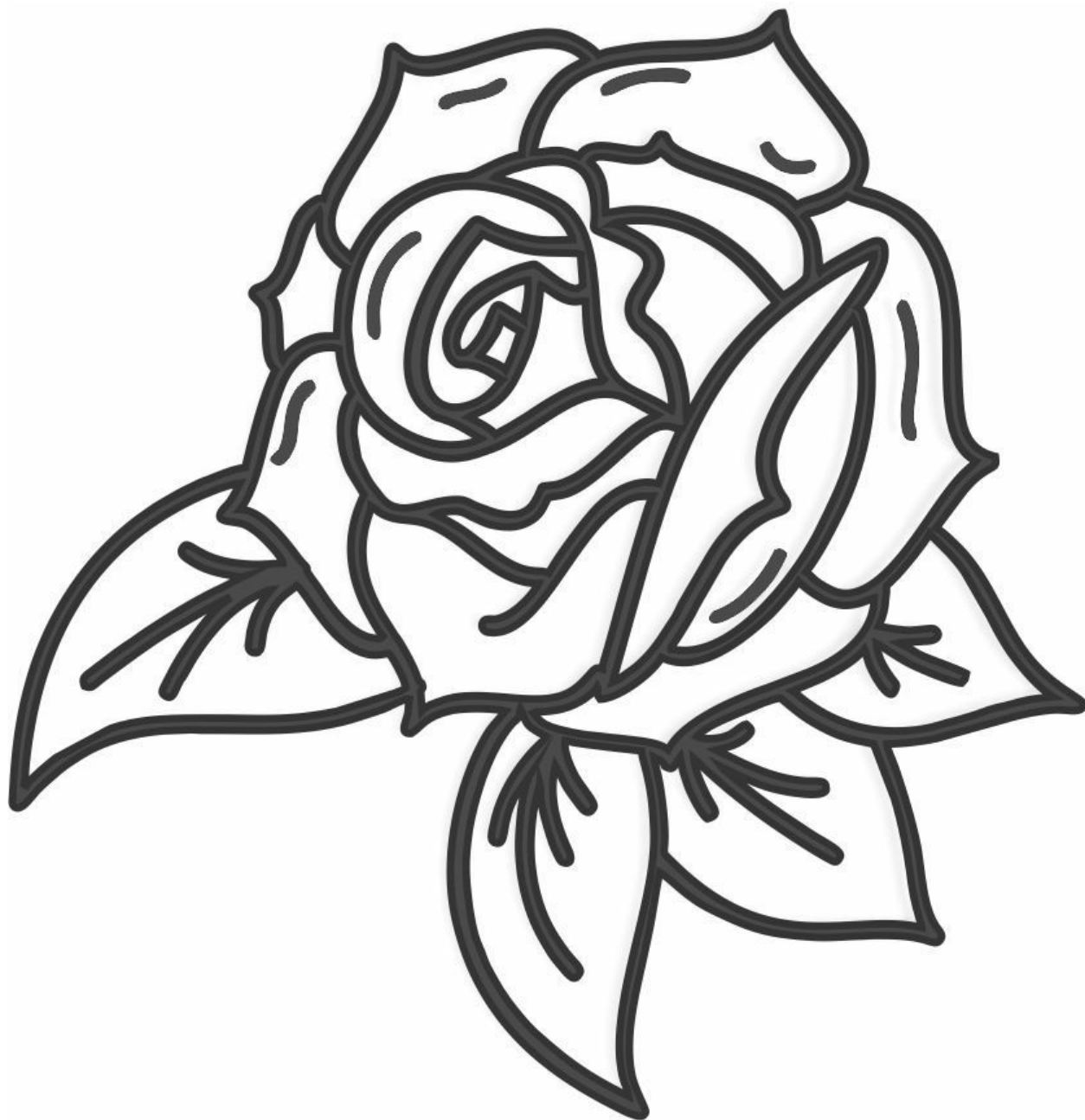
— Falarei com seu pai sobre a corte. Ao retornarmos a Londres, falarei novamente sobre a sua mão. — Afastou-a e ajoelhou-se. — Charlotte Marie Lenora Needlethorn, dar-me-ia a imensa honra de ser minha esposa?

— Como sabe meu nome todo?

— Sua irmã me disse. Aceitará ser minha viscondessa?

— Sim! — Ajoelhou-se e beijou-o. — Decerto que sim!

E os céus se abriram acima deles.



15

O salão de baile brilhava por conta de pequenas luminárias em formato de flores, que espalhadas e mescladas a uma imensa quantidade de flores brancas, invocavam uma atmosfera mágica para o local. Aliás, essa era a temática da festa: a magia em todas as suas faces. Criados serviam vestidos de elfos, criadas, de fadas.

Os cavalheiros portavam, sem exceção, o tradicional traje de gala, casacas e calças negras, camisas brancas. Já as damas eram uma atração à parte.

Havia uma profusão de cores contrastantes com o quase monocromático masculino. A própria Grã-princesa ostentava um deslumbrante vestido azul bordado com fios de prata, mas a sensação do baile acabara de entrar portando um ousado vestido em seda vermelha coberta por um finíssimo tule negro.

Charlotte sorriu ao ver Sebastian aproximar-se beijando-lhe a mão e oferecendo seu braço.

— Está deslumbrante, milady! – Beijou-lhe a luva mais uma vez. — A própria rainha das fadas corou perante sua beleza.

— Adulador barato. — Riu.

— Só constatando o estrago que provocará entre as damas presentes e entre os cavalheiros que não possuirão olhos para outra pessoa. O que só aumentará a lista de pessoas que terei o imenso prazer de socar. — Sorriu.

— Não exagere!

— Ouça... — Deteve-a. — Dar-me-ia a honra desta primeira valsa?

— Dessa e de todas as outras. — Acompanhou-o até os casais que se juntavam.

Alexander girou Joanne e riu baixinho.

— Sim, minha *niavka*, decididamente você trabalhou perfeitamente como auxiliar de cupido. Está feliz?

— Estou feliz por Charlotte estar feliz.

— Vejo que o moleque alado desfalcou mais uma vez a Irmandade.

— Jean Claude não encontrou Jane.

— Ainda. — Girou-a. — Nosso francês sairá em nova busca assim que retornarmos à Londres.

— Agora só falta Cameron.

— Hummm... Deixe para falar de Cameron logo após o casamento de sua irmã. Nunca se sabe o que poderá acontecer; o destino é caprichoso, não é? Veja nossa história.

Ela encarou-o.

— Pressentimentos?

— Não... — Girou-a. — Quem mais você juntou, minha cara ninfa?

Ela olhou ao redor.

— Seth Campbell e Emma Lockhart. Já Horace Stapleton está louco por Harriet Rowley, contudo deverá encarar o pai e seus irmãos se quiser cortejá-la.

— Não pode ser tão ruim quanto encarar Matthew. — Ele troçou.

Joanne riu e continuou.

— Oliver Blackmore me confidenciou que levará Mary Stewart para Gretna Green ao sair daqui.

— Sim, ele veio conversar comigo. Aparentemente, nosso nobre amigo empurrou os cavalos para trás da carroça.

— “Colocou a carroça na frente dos bois” é o termo correto.

— Isso! E depois somos nós os libertinos. — Riu. — Bastian já conversou com John.

— De fato. Papai prontamente concordou com a corte e com o casamento. Até mesmo Matthew não se opôs.

— Ah, isso não é justo! Por que Bastian deixará de sofrer nas mãos implacáveis de seu irmão? — Resmungou.

— Porque creio que o teimoso Matthew enfim descobriu o quão vocês são especiais.

— Isso muito me lisonjeia, Grã-princesa.

— Você não é o único a conhecer técnicas de sedução — ronronou.

— Sou um homem abençoado. — Sorriu e girou-a pelo salão.

Jean Claude cutucou Cameron que olhava para um canto do salão onde duas fuinhas amuadas saboreavam seu “chá de cadeira”.

— Pegamos pesado com Grace e Frederica. — Estudou o ar infeliz da dupla.

— Pegamos sim. — Tomou um gole do champanhe. — Falei praticamente o mesmo que você, sem o sotaque francês que usa quando fica irritado.

— Então? — Entregou a taça para um criado que passava.

— Vamos convidá-las para dançar. — Entregou a sua também. — Creio que não correremos mais perigo a esta altura.

— Logo atrás de você, *mon ami*.



Wrington, Somerseth...

Alguns hábitos não morrem jamais. Arraigados, foram passados de geração em geração, o costume do Porto era quase como um ritual sagrado. Daniel observou o belo reflexo rubi do vinho licoroso de sabor suave e sedutor enquanto bebia pensativo. Quase não ceara, o que provocou uma revolução na cozinha e por fim teve que aturar as admoestações de miss Cartridge sobre “*Bons meninos não se mantêm em pé se seus estômagos estiverem vazios*”. Ele sorriu. A velha cozinheira de sua mãe negou-se a deixá-lo a mercê de “*Incompetentes culinários*”, como ela mesmo intitulou. Seu menino comeria do bom, do melhor e do mais saudável se dependesse dela, e assim seria por toda a sua vida.

O relógio bateu meia noite, uma chuva fina, porém constante distribuía lágrimas nas janelas, a temperatura instigava-o a correr para o refúgio das cobertas quentes de sua cama. Nada mais a ser feito, resolveu recolher-se.

— Milorde?

— Sim, Bert?

— A srta. Boreen está na cozinha.

— O quê?! — Entregou-lhe a taça vazia e seguiu apressado para o local, onde encontrou Jane sentada com uma imensa caneca fumegante entre as mãos e uma cozinheira muito carrancuda.

— Menino Daniel, acabei de dizer que foi loucura de milady ter vindo sozinha até aqui com esse tempo e nesse estado — resmungou.

— Jane... — Ajoelhou-se, retirou a caneca de suas mãos e massageou lhe os dedos enregelados. — Aconteceu alguma coisa?

— Eu precisava falar com você.

— Não poderia esperar até o amanhecer? — Sorriu de um jeito maroto.

— Estou sem sono.

— Venha... — Ajudou-a a levantar-se.

— Mandarei uma bandeja com chocolate quentinho, bolo e biscoitos. — A cozinheira bateu o

martelo.

— Obrigada, miss Cartridge. — Esticou-se beijando a velha senhora no rosto.

Daniel alojou-a no sofá; pousou seus pés no banquinho acolchoado, jogou uma manta sobre suas pernas e depois, sem pedir licença, sentou-se ao lado.

— O que aconteceu?

— Eu andei pensando, sabe?

— Isso é bom.

— Pensando muito, Daniel.

— Perdeu o sono por causa disso?

— Também. — Correu os dedos pela barriga e riu. — Oh, um chute! — Agarrou-lhe a mão, posicionando-a sobre o local. — Sentiu?

Pego de surpresa, ele lutou contra as sensações sentidas; a última vez que compartilhara algo tão íntimo, sua Seraphine ainda esperava por seu filho. Engoliu o nó que se formara em sua garganta e sustentou o sorriso.

— Daniel? Sentiu? — Deslocou a mão dele para outro ponto. — Aqui... — Riu. — Ah, mas que menininha levada!

— Menina? — Envergonhado, retirou a mão.

— Sim, tenho certeza.

— E por qual razão se arriscou em meio a esta madrugada fria e chuvosa?

— Andei pensando.

— Isso é bom?

— É sim; pensando sobre sua proposta. Aceitaria seu amparo, sob algumas condições.

— E quais seriam?

— Não me casarei com você nem com ninguém. Eu não o amo, Daniel, você é meu amigo e só. Pode aceitar minha honestidade e esses fatos?

Ele suspirou.

— Posso. — Sorriu quando ela procurou refúgio entre seus braços. — Me deixará beijá-la?

— Nada de beijos.

— Ammm... Tudo bem. — Afastou-se quando os criados entraram na sala.

— Chocolate quente! — Ela bateu palmas animadas. — Continuo morando onde estou e você onde está e veremos para onde esse caminho nos levará.

— Pelo menos poderei cortejá-la? — Perguntou achando graça na situação. Pelo sim, pelo não, daria um jeito de reverter às condições impostas a seu favor, com paciência e com o tempo.

— Corte? — Inclinou a cabeça cortando um pedaço do bolo. — Ah, isso pode sim. Gosto de ser paparicada. — Sorriu, beijando-lhe rapidamente o rosto.



Farnham House...

O baile transcorreu como um sonho numa noite de verão. O par vencedor, Oliver e Mary recebeu como prêmio, uma soma considerável em ouro e dois cavalos árabes para o casal. Oliver entregou tudo à Mary como presente de casamento. Logo após, a música recomeçou; Sebastian liberou Charlotte para dançar com quem quisesse e juntou-se aos amigos na biblioteca.

— Ora, ora, ora... Aí vem o noivo! — Cameron ironizou.

— Irlandês idiota! — Recebeu uma taça de champanhe de Jean Claude.

— Inglês insosso! — Cameron rebateu rindo.

— Um brinde à Irmandade da Rosa. — Alexander ergueu sua taça.

— E aos tolos apaixonados! — Cam ergueu a sua.

— À Irmandade da Rosa! *Za zdorovje!*

— À Irmandade da Rosa! *Sláite!* — Cam juntou sua taça à do amigo.

— À Irmandade da Rosa! *À votre santé!* — Andree repetiu o gesto.

— À Irmandade da Rosa! *Cheers!* — Bastian também.

As taças arremessadas ao fogo aceso aumentaram alegremente as chamas.



Seth inclinou-se agradecendo a contradança.

— Tenho sua permissão para acompanhá-la até o buffet, milady? — Ofereceu o braço à Charlotte. Ao encontrar-se com Leonard e Lorna, ele inclinou-se e seguiu em direção à Emma.

— Alguém viu Sebastian? — Inquiriu observando o salão.

— Ammm... — Leonard ergueu os olhos pensativos.

— Viu ou não, Leo?

— Biblioteca, tolinha! — Empurrou-a na direção do corredor. — Vá procurar seu Romeu, doce Julieta!

Charlotte apressou-se. A porta da biblioteca semiaberta e as vozes masculinas arrancaram-lhe um sorriso bobo. Pousou a mão na maçaneta e ia abri-la quando ouviu:

— Quero o pagamento da aposta.

A voz de Sebastian a deteve; inclinou-se para ouvir melhor.

— Você realmente conseguiu, Bastian. Falou sério quando apostou que conseguiria um casamento para Charlotte.

Ela arfou e automaticamente levou a mão à boca, a fim de abafar quaisquer sons.

— Só não contava o pobre tolo ser o noivo.

— O quê... — Ela sussurrou.

— Foi um ótimo negócio.

“*Negócio? Negócio?!*” Pensou, sentindo seu mundo desmoronar naquele exato momento. Num rompante, abriu a porta e encarou os homens adiante.

Os rapazes se viraram em conjunto.

Alexander arregalou os olhos.

Jean Claude gemeu.

Cameron deixou escapar uma careta.

Sebastian encarou a mulher parada ao batente da porta, com os olhos cheios de lágrimas.

— Charlotte... — murmurou.

Ela encarou-o, queixo trêmulo pelo choro contido e saiu em desabalada carreira, deixando os cacos de seu coração pelo caminho.

— Vá, idiota! — Alexander empurrou-o arrancando a taça de sua mão.

Sebastian alcançou-a na varanda. Segura pelo braço, ela não teve outra opção senão parar.

— Charlotte, espere... Não é nada do que possa estar pensando, deixe-me explicar...

— Vocês apostaram em mim? — Balbuciou deixando as lágrimas caírem. — Apostou que iam me desencalhar? Foi isso? — Limpou o produto de sua mágoa.

— Foi mais ou menos assim, amor, mas não...

— Não me chame de meu amor! — Grunhiu. — Qual foi o prêmio?

Ele balançou a cabeça numa negativa muda. Seu Paraíso acabara de se transformar em um Inferno de fazer inveja ao próprio Lúcifer.

— O que irá receber, visconde?! — gritou.

— Dois garanhões e quatro fêmeas árabes — murmurou correndo os dedos pelos cabelos.

— Cavalos?! — Ergueu os braços, totalmente indignada. — Minha felicidade, minha vida, custa dois garanhões e quatro éguas?!

— Charlotte, não é bem isso que...

— Não é?! — Recuou. — Me fez acreditar em seu amor, me fez acreditar que queria se casar comigo, para quê? Para ganhar uma maldita aposta! Quando me contaria que tudo não passou de um embuste? — Inclinou a cabeça, raivosa. — Ah, claro! Depois que recebesse seus prêmios, óbvio! E quanto a mim? Por acaso pensou no que aconteceria comigo? No escárnio a que ficaria sujeita? Claro que não! — Recuou novamente.

— Sei que está com raiva...

— Raiva? — Ergueu a mão. — Não estou com raiva.

— Não está?

— Não. Estou com ódio! Estou com vontade de arrancar-lhe o couro, visconde! Estripá-lo e comer

suas vísceras cruas! — Nem percebeu que a discursão atraía uma considerável plateia.

— Dê-me a chance de explicar, Lottie; por favor, amor!

— Não sou Lottie, nem amor! — Grunhiu com o dedo em riste.

Ephrain mais atrás, riu e encolheu-se quando Alexander fechou os dedos dolorosamente em seu ombro.

— Sem chances! Sem explicações, sem nada! Eu não quero mais saber de você, visconde de Riverdall. Eu não quero vê-lo mais, não quero falar com você, não quero estar no mesmo lugar que estiver, quicá respirar o mesmo ar. Você não passa de um libertino desgraçado, uma laia a ser exterminada da face do mundo; a desgraça dos bons costumes que regem nossa sociedade! — Limpou o rosto.

Sebastian baixou os olhos sem saber como agir, buscou por uma solução emergencial para algo que nunca acontecera em sua vida até ali: perder o controle da situação e agora...

— Some da minha frente, seu desgraçado! — Empurrou-o.

Ele ergueu os olhos, totalmente arrasado.

— Some! — Gritou e empurrou-o novamente. — Some... — Começou a chorar mais forte. — Some... — Caiu sentada no chão e foi amparada por Joanne.

Jean e Cameron retiraram Bastian da cena com Sacha empurrando-os de volta à biblioteca. Colocaram-no sofá com um copo cheio de *whiskey*, que sumiu em poucos goles.

— Bastian... — Alex começou.

— Não! — Deixou escapar rouco pela bebida. — Por favor, Cam, peça a meu valete que arrume meu cavalo e minhas coisas.

Cameron saiu.

— Não vá embora sem antes conversar com Charlotte. — Alex tentou ponderar.

— Vocês ouviram a dama — ofegou pousando o copo vazio ao lado. — Voltarei à Londres e de lá rumarei para Paris.

— Paris virou repositório de corações partidos. — Jean comentou. — Concordo com o que Alexander disse, fugir sem esclarecer tudo com a irmã de Joanne é assinar a morte de um relacionamento que mal começou.

— Prometo deixar sua metade de Paris intacta — ironizou. — Só não me peça para poupar a outra metade. — Ergueu-se, passando as mãos pelas calças. — Darei notícias, prometo.

— Fique, *moy brat*. — Alex puxou-o e abraçou apertado.

— Que me lembre, você fugiu para Paris quando Joanne o escorraçou. — Afastou o russo. — Fique despreocupado, fiquem despreocupados, não cometerei nenhum desatino. — Abraçou Jean Claude.

— Voltarei à Londres com você. Preciso que leve algumas cartas para mim.

— Sem problemas.

Andree deixou o cômodo.

— Joanne conversará com a irmã. — Alex ponderou.

Sebastian não respondeu.

— Espere. — Abriu uma gaveta, retirou material, escreveu algumas linhas, dobrou e selou o envelope. — Entregue isso à minha irmã, por favor. O endereço está no papel. — Sinto muito, *moy brat*.

— Eu também. — Suspirou. — Subirei para trocar de roupa.

— Vá, mas não nos deixe sem notícias.

— Longe de mim. — Sorriu triste.

Alguns dias depois, Jean Claude acompanhava o amigo até o porto.

— Prometa que nos escreverá.

— Prometo. Jean?

— *Oui?*

— Qual era a paixão de Jane?

— Flores.

— Então a procure pelas fazendas de flores.

Jean abraçou-o apertado.

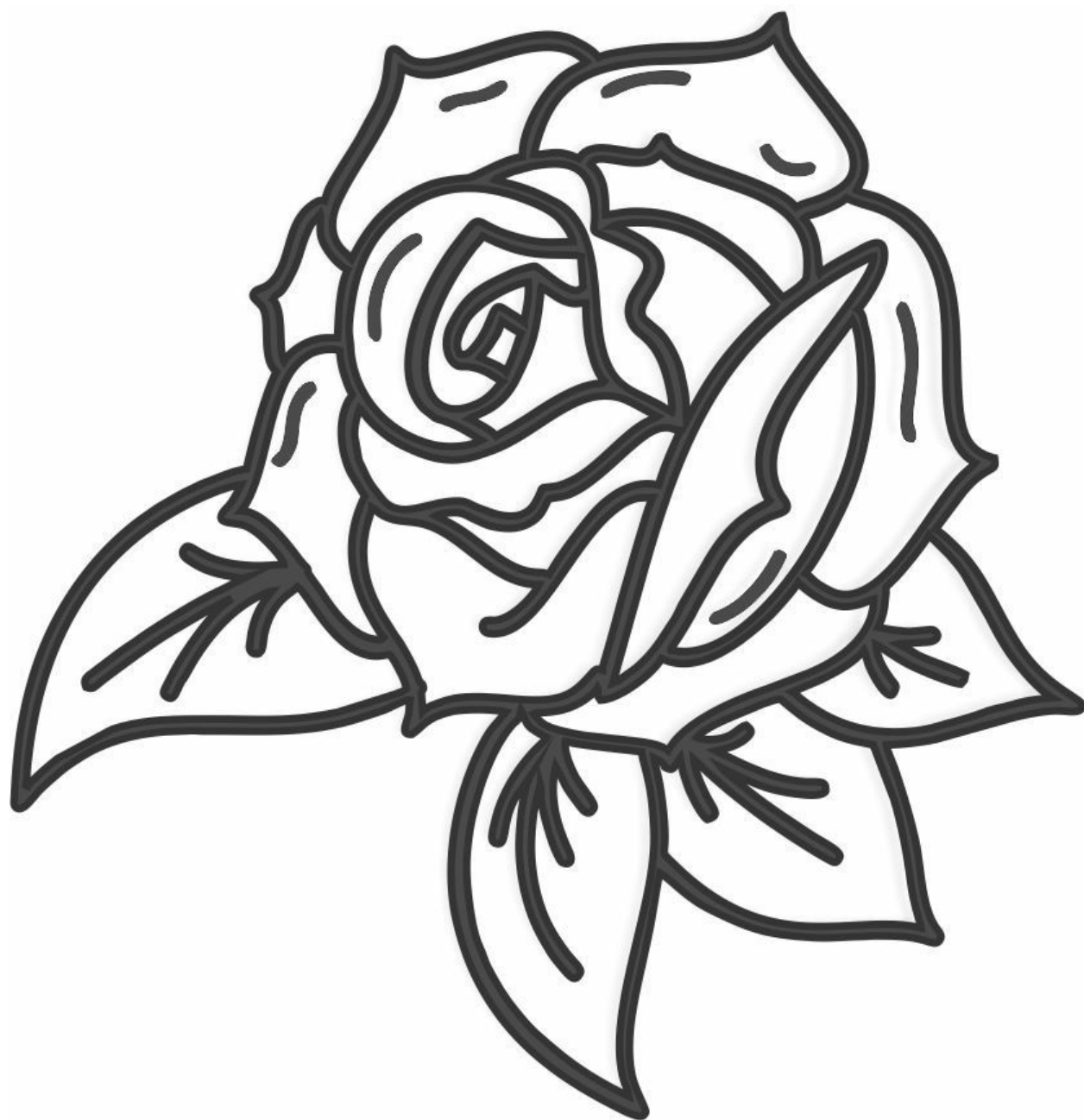
— Daremos um jeito de convencer Charlotte de que tudo não passou de um mal-entendido.

— Deixe estar... — Suspirou, baixando os ombros. — Não importa mais agora.

— *Bon voyage, mon ami.* [\[33\]](#)

— *Merci beaucoup.* [\[34\]](#)





16

Meses depois, nas cercanias de Paris...

Querida Mish', espero que esta missiva a alcance com saúde, assim como aos seus. Aqui em Londres tudo está bem, minha menina já se comporta como uma pequena dama e estamos com saudades de vocês e das crianças. Faço o portador desta, um grande amigo, o visconde de Riverdall, para o qual, minha amiga, peço o extraordinário favor de monitorá-lo com máxima acuidade e reportar-me caso saiba de algum fato grave envolvendo-o. Manteremos contato e ao longo, explicarei melhor o motivo deste pedido.

Fico no aguardo de sua resposta.

Desta sua amiga que ama a todos,

Misha.

Zarya olhou para Gorya com um sorriso nos lábios. Seu irmão manteria sua identidade encoberta no caso da carta, de alguma forma, ser interceptada pelos homens do czar. Sim, manteria o visconde de olhos tristes sob vigilância e para isso, seu marido seria de grande ajuda.

Gorya Nikolaevich entregou as luvas, o casaco e o chapéu ao criado do Le Berguet e dirigiu-se direto para a sala particular do visconde, seu mais novo amigo.

— Gorya!

O conde de Tikhvin observou o homem à sua frente: Sebastian era uma sombra do homem que conhecera meses antes. Aceitou a taça de conhaque, sentou-se na poltrona, e retirou o envelope do bolso estendendo-o.

— Carta de Sacha. Veio com a carta para Zarya, que já reclamou que você não responde às cartas dos amigos — comentou em russo.

Sebastian esticou-se a contragosto, pediu licença e abriu o envelope.

Bastian,

Que você não queira responder aos seus amigos que o amam e se preocupam com sua estúpida pessoa, é direito seu, mas existe algo que precisa saber: Parece que a idiotice que lhe atacou fez outra vítima deste lado do Canal. Charlotte está de casamento marcado com Hardington para o início do mês que vem, apesar dos apelos desesperados dos pais, irmãos, nosso e de Joanne. Caso você ainda sinta algo por esta mulher, recomendo retornar o mais rápido possível antes que o irremediável aconteça. A cerimônia foi programada para a Catedral de Saint Paul às 11:00h do dia dois. Sabe que tem nosso apoio incondicional para o que quiser fazer. Estaremos à sua espera.

Um abraço de todos,

A Rosa Negra.

Bastian, por favor, salve Charlotte dessa sandice, salve minha irmã de si mesma. Ela ainda o ama. Não nos abandone, eu suplico.

Joanne.

Sebastian ergueu os olhos da carta para o russo logo adiante.

— Está sabendo do casamento?

— Sim, Mish' contou-me. O que pretende fazer?

Ele dobrou lentamente a missiva e Gorya suspirou.

— Ainda há tempo, Sebastian.

— Há o problema do transporte.

— Meu veleiro o espera no cais. Mish' me fez prepará-lo logo que soube da notícia por Sacha. O que pretende fazer?

Sebastian levantou-se.

— Você ainda ama essa mulher?

— Tentei não amar. Tentei esquecê-la, não fui bem-sucedido. — Guardou o envelope.

— O que pretende fazer?

— Aceitar sua oferta para atravessar o Canal. Tenho um casamento para estragar. — Sorriu.



Alexander largou Irina, que correu para o colo de Cameron jogado no sofá. Ela era a única que ainda conseguia arrancar um meio sorriso dele desde que Sebastian partira para Paris e Jean Claude saíra em busca de Jane.

Joanne chegou logo atrás portando uma proeminente barriga, o que fez Alex erguer-se rapidamente para acomodá-la na poltrona onde estava.

— Novidades?

Os dois homens a encararam.

— Não. — Cameron enfiou outra pequena flor nos cabelos de Irina, afastando-a da taça de Porto que tomava.

— Sabe o que eu acho? Acho que você precisa se casar, Cam.

— O quê?! — Sacha desafinou a voz.

Cameron cuspiu o Porto sobre Irina, que caíra na gargalhada.

— Droga, Cameron! — Alex correu para resgatar a filha antes que ela continuasse a lambar o vinho que a cobria.

— Não falei nada demais — Joanne resmungou.

— Não?! — O irlandês perguntou indignado.

— Concordo com Joanne. — Alex continuou passando o lenço sobre a filha.

— Você concordaria até se ela pedisse seus ovos numa bandeja de prata — Cam resmungou. — Perdão, Joanne. — Ergueu as mãos.

Ela gargalhou gostoso.

Alexander fechou a cara.

Cameron revirou os olhos.

Irina aproveitou a distração paterna para lambar a mão.

— Vossa Alteza, o conde de Trevand.

Alex, Joanne e Cameron se viraram quando Jean Claude entrou na sala carregando um pequeno embrulho nos braços.

— Andree! — Joanne sorriu surpresa. Levantou-se e parou à sua frente. — Você voltou! — Estreitou os olhos para o volume envolto em uma manta amarela.

— Achou Jane? — Cameron ergueu-se também.

— Sim... Encontrei-a em Kenways, Somerset. — Suspirou. — Meus amigos, eu gostaria de apresentar-lhes... — Puxou a ponta do cobertor. — Margherite Joanne Jane Andree Du Marilac.

— Sua filha? — Cameron parou à frente do amigo. — É sua filha, Jean? — Insistiu.

— *Non*. — Ele suspirou. — É nossa... É de todos nós. — Mirou os amigos.

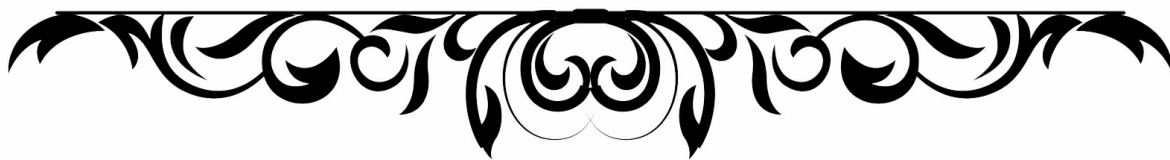
— E onde está Jane? — Alex olhou para a porta.

A IRMANDADE DA ROSA
LIVRO 3

A APOSTA DO *Visconde*

CARLA DE SÁ

Prólogo



Londres, Catedral de Saint Paul...

A carruagem parou em frente à porta principal. John, o marquês de Needlethorn, com um ar grave, suspirou profundamente.

— Filha, ainda há tempo de desistir desse desatino.

Ela ergueu os olhos das flores em suas mãos. Não era uma noiva exultante com suas bodas, a melancolia deixara marcas visíveis em seus olhos.

— Não voltarei atrás, papai.

— Estragará irremediavelmente sua vida, meu amor. Já pensou nisso?

— Não voltarei atrás, papai.

— Filha...

— Não adianta insistir.

John bufou.

— Onde foi que seu pai errou com você, princesa?

Ela encarou-o e enxugou as lágrimas, mas não respondeu.

— Espere aqui. Avisarei que chegamos e voltarei para pegá-la. — Saiu da carruagem e, ao tomar o caminho da sacristia, quase foi atropelado por uma carruagem de aluguel.

— Sebastian! — Arfou assim que o viu descer apressado. — Por Deus, homem!

— Onde ela está?

— Na carruagem em frente à igreja.

— Cheguei tarde?

— Chegou na hora certa, meu rapaz! — Mirou confuso o frasco de prata que recebera.

— Leve para Charlotte.

— O que é isso?

— *Whiskey* e láudano. Pretendo sequestrar sua filha, algum problema?

— Nunca será um problema vindo de você. — Puxou-o e abraçou. — Espere por perto, longe do alcance visual da carruagem. Venha.

John retornou apressado e entrou.

— Podemos ir? — Charlotte mexeu-se incomodada.

— O bispo pediu para esperarmos que acabe de se preparar. Somente alguns minutos a mais. — Sorriu. — Tome, você precisa disso. — Abriu o frasco.

— O que é isso?

— *Whiskey*. — Fingiu tomar um gole. — Um golinho ajudará a se acalmar.

Ela agarrou a garrafa e tomou o conteúdo em grandes goles aflitos. Tossiu ao sentir o álcool queimar sua garganta.

— Melhor?

Charlotte recostou-se.

— Cansada... — murmurou.

— É normal. — Esperou até que fechasse os olhos. — Lottie? — Bateu de leve em seu rosto. — Deus a abençoe, filha. — Beijou-lhe a testa e saiu gesticulando para Sebastian.

— Quanto tomou? — Olhou para o motivo de seus pesadelos totalmente apagado nos braços paternos.

— O suficiente para dormir até amanhã. Para onde a levará?

— Gretna Green é a solução mais lógica e rápida.

John sorriu.

— Sim, tem razão. Tome conta dela.

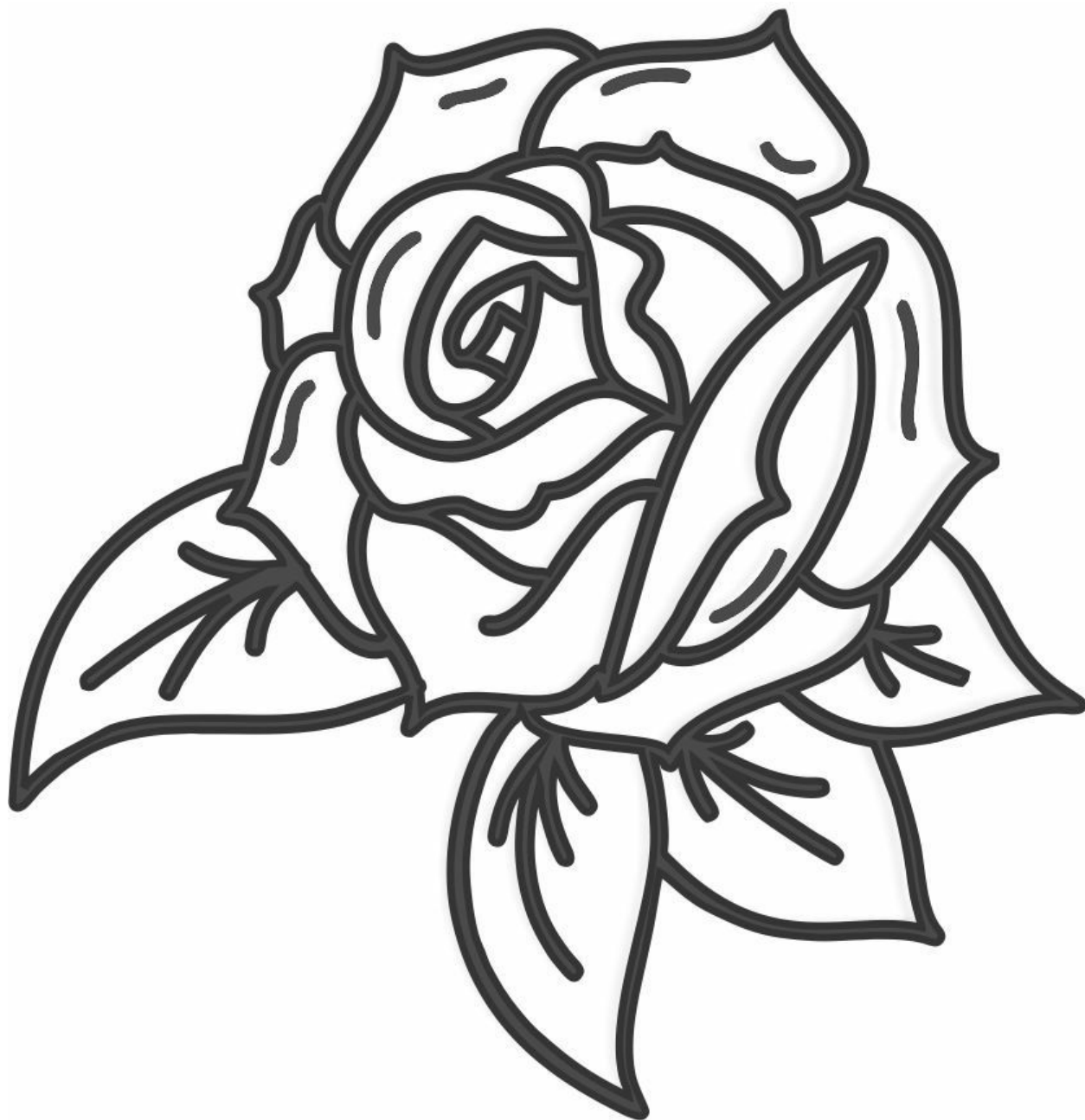
— Com minha vida.

— Dê notícias quando puder.

— Darei. — Ajeitou-a na carruagem de aluguel, desceu, apertou a mão do marquês e ganhou outro abraço. — Obrigado.

— Não. Sou eu quem deve agradecer por salvar minha menininha. Melhor ir agora antes que alguém resolva verificar o motivo do atraso da noiva.

Sebastian instruiu o cocheiro para seguir direto para *Bowell's Manor* onde trocaria de transporte para depois seguir direto para a Escócia.



Sobre a Irmandade da Rosa

A Irmandade nasceu oficialmente em Paris, 1875, mas na prática surgiu da união de Alex, Bastian, Cam e Jean muitos anos antes. Renasceu em 2012, quando recebi uma rosa de uma amiga que distribuiu outras duas rosas, cada uma de cor particular.

Rosas e amigas foram o gatilho para a história de Alexander cujo “*esqueleto*” caiu totalmente pronto em meu colo; o único trabalho que tive foi preencher as lacunas.

No início a série seria formada por quatro livros, um para cada libertino, porém, ao escrever O Conde Arrependido, mais um gatilho foi disparado: Na verdade, a Irmandade fora composta não de quatro amigos, mas de cinco...

Foi, também, no Conde Arrependido que resolvi inserir um spin-off para um dos personagens mais doces que já criei: O botânico e lorde Daniel O’Sullivan ganhará seu próprio livro.

Logo, a série ficou fechada em seis livros (pelo menos por enquanto):

Livro 1 – A Irmandade da Rosa - O Duque de Gelo

A história do Grão-duque e Príncipe - Alexander Dmitriy Pyoit Georgiy Sotchi

Livro 2 – A Irmandade da Rosa - O Conde Arrependido

A história do conde de Trevand - Jean Claude Andree Du Marilac

Livro 3 – A Irmandade da Rosa - A Aposto do Visconde

A história do visconde de Riverdall - Sebastian Cade Niel Howell

Livro 4 – Spin-Off – A Irmandade da Rosa – Uma Rara Orquídea

A história de lorde Daniel O'Sullivan

Livro 4 – A Irmandade da Rosa - O Lorde Mediador

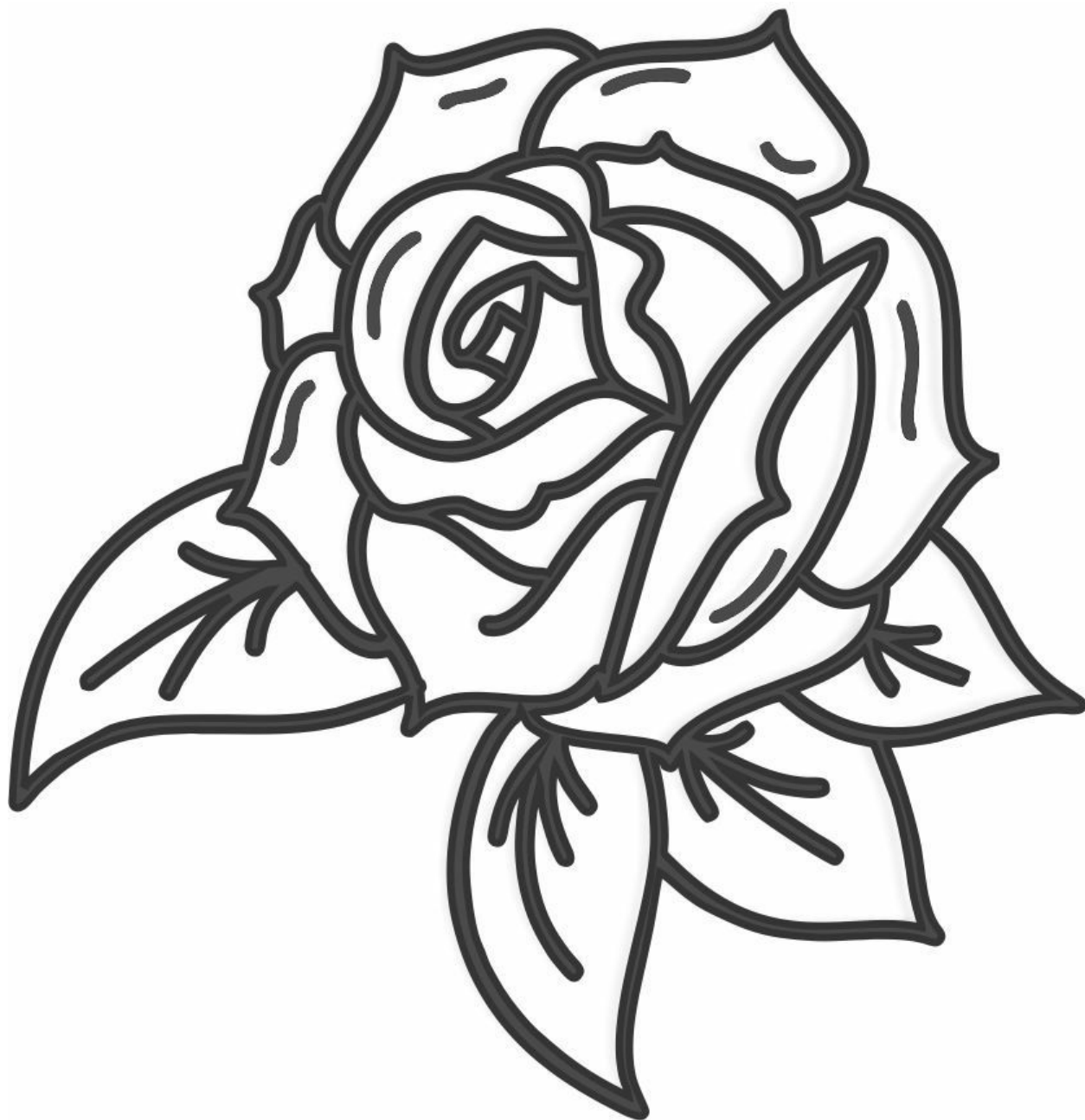
A história de lorde Cameron Matthew Lian O'Shea

Livro 5 – A Irmandade da Rosa - O Retorno da Rosa Renegada

A história do barone di Belmonte e duque de Davenport - Giulio Bennedict Gabriel Belmonte Leghs of Lochlann

Cada personagem da série possui seu próprio avatar. Caso algum leitor esteja interessado em conhecer os avatares ou lugares descritos, posso disponibilizar as fotos para tal, mediante contato por *inbox* no Facebook ou pelo e-mail informado mais adiante.

Lugares, fatos, costumes, vestuários, etiquetas, alimentação e outras informações utilizadas na Série A Irmandade da Rosa são baseadas em pesquisas realizadas com seriedade e carinho, tudo para deixar a série mais fiel possível ao fascinante século XIX.



Sobre a Autora

Carla de Sá é pseudônimo de Carla Ribeiro de Sá Pereira, nascida no Rio de Janeiro, bisneta de jornalistas, dublê de Bióloga, Guia de Turismo apaixonada e literário dependente.

Ler é seu vício, escrever seu oxigênio.

Escreve desde 2008, possui livros editados pela Editora PerSe, vários e-books pela Amazon,

contos e um pouco mais de 33 projetos entre finalizados e em andamento.

Seu gênero literário é o Romance, com contos e livros em Romance Fantasia.

Adora a Mitologia Celta, ama gaita de fole, chuva, névoa, *bodhráns* e uma boa xícara de chá quente acompanhada por algumas fofas panquecas *boxty*.

Participações:

Prêmio Kindle de Literatura 2018 – “Esse é o Nosso Lar” – Participação.

Prêmio Kindle de Literatura 2018 – “O Chamado” – Participação.

Prêmio Kindle de Literatura 2016 – “Me Espera” - Participação.

Projeto Apparare - 2017 - Edição Crônicas e Alguns Contos - "O Som do Silêncio" - Editora PerSe.

Projeto Antologia Imaginarium - Contos Fantásticos Luso-Brasileiros - "A Dama de Verde" – E-book Amazon.

Projeto Apparere - 2017 - Edição Coletâneas Entrelaçados - "A Dama de Verde" – Participação.

Exetinati - Contos e Lendas Indígenas. – Editora Avalon - 2018 – Antologia – “As lágrimas de Rudá” – E-book Amazon.

Editora Selída – Antologia “Amor em Folia” – “Para tudo se acabar na Quarta-feira” – 2018 – Retirado da Amazon por fechamento da editora. – Relançamento em nova antologia independente.

Editora Selída – Antologia “Love in May” – “O Pierrot & o Arlequim” – 2018 – Retirado da Amazon por fechamento da editora. – Relançamento em nova antologia independente.

Bienal Internacional do Livro – Rio de Janeiro, 2017.

Capas premiadas:

Antologia “E Agora?” – Projeto Apparere 2017.

Antologia “Universo Fantástico” – Projeto Apparere 2017.

Antologia “Amor por Patas” – Projeto Apparere 2018.

Livros:

Amazon:

“Me Espera” - E-book (relançamento 2018)

“Na Batida de um Coração” - E-book (relançamento 2018)

“Iolai – A Origem” - Livro 1 - E-book

”Depois da Tempestade” – Série “Depois” – Livro 1 – E-book

“Depois do Arco-Íris” – Série “Depois” – Livro 2 – E-book

“Esse é o nosso Lar”- E-book

“O Chamado”- Série Mitologia Celta – Livro 1 - E-book

“Sob a magia de New Orleans”- Saga Sob a Magia – Livro 1 – E-book

“A Irmandade da Rosa – O Duque de Gelo” – Livro 1 – E-book

Editora PerSe – Livros físicos:

“Um Fantasma em Minha Vida”

“Reencontros em Paris – A Romântica continuação de Um Fantasma em Minha Vida”

“Saga Ecos da Eternidade – John” – Livro I – Parte 1

“O Bardo e a Feiticeira”

Livros físicos à venda com a autora:

“A Irmandade da Rosa – O Duque de Gelo” – Livro 1

“Me Espera”

Futuros lançamentos:

“Saga Ecos da Eternidade –John” – Livro 1 – Parte 2

“O Sol & a Lua” – Livro 1 – Série A Roda do Destino

“Na Batida de um Coração” – Relançamento – Físico.

“A Irmandade da Rosa – A Aposto do Visconde” – Livro 3

“O Bardo e a Feiticeira”

“Um Fantasma em Minha Vida”

“Reencontros em Paris”

Contatos, críticas e sugestões:

Facebook: <https://www.facebook.com/autora.carla.de.sa>

Site: <https://cspribeiro777.wixsite.com/carladesa-escritora>

E-mail: carla.de.sa.autora@gmail.com

***Valorize os Autores Nacionais: não se esqueça de deixar sua
avaliação na Amazon.***

***Se sua opinião não for favorável, por favor, avalie
cuidadosamente, a fim de não denegrir o trabalho do autor.***

Sua avaliação é muito importante para todos nós.

[\[1\]](#) mac soith – filho da puta.

[\[2\]](#) Kukla – Bonequinha em russo.

[\[3\]](#) moy brat – meu irmão.

[\[4\]](#) Pardonne-moi, je t'en supplie – Me perdoa, por favor, me perdoa.

[5] Oh, Dhia! – Oh, Deus!

[6] Ní – Não em gaélico irlandês.

[7] Equivalente a “sim” em gaélico irlandês.

[8] Der’mo – merda em russo.

[9] Merda, meu irmão,

[10] Vous êtes le frère de mon coeur, qu’est-ce que deviendrais-tu si tu meurs? – Você é o irmão de meu coração, o que será de mim se você morrer?

[11] Quoi d'autre? – O que mais?

[12] Mais je l'épouserai même si tu n'as pas demandé! - Mas eu já me casaria com ela mesmo que não pedisse!

[13] Soupe de votre grand-mère? – sopa de sua avó?

[14] Leia “Depois da Tempestade” da autora.

[15] Joanhinha, joanhinha, voa para longe de casa. A sua casa está em chamas e os seus filhos se foram. Todos, exceto uma e esta é a pequena Ann, pois ela rastejou para baixo da frigideira

[16] Ton – Um dos nomes dado à aristocracia inglesa.

[17] *Routledge’s manual of etiquette* – Um dos muitos manuais de etiqueta masculina e feminina da Era Vitoriana, datado de 1860, Londres.

[18] Goluboy Dom – Casa Azul

[19] Whist – Jogo de cartas de duas duplas, ancestral do Bridge, muito similar ao jogo de copas e muito popular no Século XIX.

[20] Normalmente a primeira rodada é feita “no escuro”. As cartas são dadas, os jogadores não as desviram e é posta na mesa a carta que será virada. Apostas são feitas e cada jogador deverá virar sua carta para depois a carta da mesa ser virada. Ganha quem tiver o mesmo naipe. Se dois ou mais jogadores tiverem o mesmo naipe, ganhará a carta mais alta.

[21] Zholyty Don – Casa Amarela

[22] Je te déteste, imbécile! – Eu te odeio, imbecil!

[23] Ferme ta bouche, ou je vais te tuer! – Cala sua boca ou eu vou te matar!

[24] mon petit cœur – Meu coraçãozinho ou Petit coeur – doce francês folhado.

[25] Go bhfóire Dia orm! – Que Deus me salve!

[26] Go mbrise an diabhal do dhá chois! – Antiga maldição irlandesa: “Que o diabo quebre as suas pernas!”

[27] Touché – Em francês significa “tocado” Na esgrima é dito pelo esgrimista que foi golpeado como reconhecimento da derrota. Sebastian provocou Ephrain, ele próprio indicando que o golpe fora válido, sabendo que o outro não admitiria a perda do ponto.

[28] En garde! En garde! Prêts? Allez! – Expressão francesa que dá início à luta. Significa: Em guarda! Prontos? Vão!

[29] Soirée – Reunião social de porte pequeno que acontece geralmente à noite com música, poesias e danças.

[30] petit frère - irmãozinho

[31] Instrumento de corpo triangular, três cordas, de som melodioso, um dos ícones da música russa.

[32] Leprechauns – Duendes irlandeses famosos por seus potes de ouro no

fim do arco-íris.

[\[33\]](#) Bon voyage, mon ami – Boa viagem, meu amigo

[\[34\]](#) Merci beaucoup – Obrigado.